



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

**BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES
SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA
COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER/PA**

**SANTARÉM-PA
2024**

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

**BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES
SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA
COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER/PA**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca de Defesa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, Turma 2021, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa – para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

**SANTARÉM-PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- P149b Paixão, Renilza Fonseca da
Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer/PA. / Renilza Fonseca da Paixão. – Santarém, 2025.
152 p. : il.
Inclui bibliografias.
- Dissertação defendida em 2024 e depositada em 2025.
- Orientador: Zair Henrique Santos.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, Mestrado Profissional em Letras.
1. Leitura. 2. Literatura. 3. Biblioteca escolar. 4. Levar a ler. I. Santos Zair Henrique, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 370.7098115

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440



Universidade Federal do Oeste do Pará
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

ATA Nº 61

Aos vinte dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, por meio de videoconferência Google Meet, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). Prof. Dr. Zair Henrique Santos (orientador e presidente), Profa. Dra. Vanessa de Abreu Camasmie (membro externo) e Profa. Dra. Ana Maria Vieira Silva (membro interno) a fim de arguirm a mestranda RENILZA FONSECA DA PAIXÃO, com a dissertação intitulada: Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer/PA". Aberta a sessão pelo presidente, coube a candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(X) Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

() Reprovada.

Documento assinado digitalmente

gov.br VANESSA DE ABREU CAMASMIE
Data: 01/10/2024 10:16:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. VANESSA DE ABREU CAMASMIE, UFRJ

Documento assinado digitalmente

gov.br ANA MARIA VIEIRA SILVA
Data: 01/10/2024 12:14:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ANA MARIA VIEIRA SILVA, UFOPA

Documento assinado digitalmente

gov.br ZAIR HENRIQUE SANTOS
Data: 07/10/2024 05:37:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. ZAIR HENRIQUE SANTOS, UFOPA

Documento assinado digitalmente

gov.br RENILZA FONSECA DA PAIXAO
Data: 01/10/2024 14:25:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

Mestrando

Ao meu filho, Heitor Paixão, que é meu maior presente da vida, que me faz sorrir, sonhar e realizar. É por ele.

Ao meu pai *in memoriam*, Guardino Paixão, que me ensinou a honrar e respeitar as pessoas, um ser humano raro.

Às minhas mães, Gizelda Ramos e M^a Eleomar Canto, minhas bases, amigas, confidentes, que jamais me deixaram desistir de seguir mesmo com todas as dificuldades do caminho.

Para todos os parceiros da comunidade Curicaca, que se prontificaram a construir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus por nunca me deixar só, pelo dom da vida. A caminhada se faz cheia de percalços, mas confio que as lutas são para nos fortalecer. Ler, estudar, concentrar, ensinar e aprender se fazem permanentes na minha vida como estudante e como pessoa, eu me redescubro a cada dia, a cada leitura.

À minha família, ficam meus sinceros agradecimentos, sem ela a jornada seria mais difícil. Às minhas mães por rezarem por mim, ao meu pai que me protege, aos meus irmãos por cada gesto e palavras de carinho e incentivo, aos meus alunos que me incentivam a crescer. Às minhas amigas de trabalho, Terezinha Santos e Jandriely Santana, que acompanham e apoiam meus estudos.

Ao meu filho, sinto muito por minhas ausências, mas ausências necessárias, e sei que transformamos os momentos juntos nos mais preciosos. Nem sempre estive nas festinhas da escola ou te coloquei para dormir, o amor, porém, está em nossas vidas entrelaçado e se faz vivo em cada mensagem, ligação, ralhos, abraços e beijos. Minha maior alegria é quando você pede livros de presente e lemos juntos, ou agora que estás rapazinho, você que lê para mim.

À Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa – meus mais estimados agradecimentos por nos possibilitar essa formação como instituição associada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras.

À coordenação e aos professores do programa, pois sem eles não teríamos tantos momentos de aprendizados. Não poderia deixar de fazer um agradecimento mais que especial ao professor Dr. Zair Henrique Santos por tão estimada parceria, sempre muito profissional e dedicado ao que faz, pela paciência e insistência em me levar adiante, pelo compromisso e respeito, pela amizade que temos construído há mais de 20 anos, mas que se fortaleceu no percurso de orientação, são muitas buscas e descobertas ao longo do processo, até os ralhos foram para o meu crescimento. Meus agradecimentos se estendem ao professor Dr. Luiz Percival Leme Britto por cada encontro do nosso grupo de estudos, por sua insistência em nos fazer estudar, e aos membros das bancas de qualificação e de defesa por suas contribuições ao trabalho realizado.

Aos colegas da Turma 2021 pela parceria, convivência, ainda que quase sempre de forma virtual, por nossa amizade construída ao longo do curso. Cada perrengue, incertezas, medos, e aflições foram para nos fortalecer, para que ao final pudéssemos sorrir juntos.

Às minhas amigas que o mestrado me deu, Ana Betânia Ferreira, Marly Galúcio e Ana Paula Tavares, que se fizeram presentes em todas as horas, algumas vezes rimos muito juntas,

outras choramos em silêncio, mas não desistimos uma das outras. E entre livros e conversas fomos crescendo e aprendendo.

À comunidade do Curicaca, e em especial, à comunidade escolar da Escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá, nas pessoas de Graça Lima, Ruynery Neves e Ediny Freitas, por abrir as portas para que eu fizesse parte de sua rotina e juntos fizéssemos as intervenções com a finalidade de instituir a biblioteca e as ações de levar a ler.

À escola estadual Santo Antônio, na pessoa da secretária e amiga Marcilene Oliveira.

Ao nosso grupo de estudo Lelit, meu muito obrigada, por cada momento de diálogos, estudos, compartilhamento de pesquisas, troca de experiências e desafios a cada leitura dos textos.

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este trabalho tem como tema *Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer* e está vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras –Profletras, ao Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e juvenil na Escola – Lelit, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa – e segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor. O objetivo deste é investigar as transformações culturais resultantes da criação da biblioteca escolar na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dulcinéia Campos dos Santos Sá como espaço de desenvolvimento de ações coletivas de ler numa escola de comunidade rural, que oferte ações de ler de forma coletiva e participativa na perspectiva omnilateral, onde o ser humano revela as suas dimensões, sejam elas físicas ou psíquicas. Tem-se como metodologia de investigação a pesquisa de intervenção, em que os agentes da pesquisa estão em parceria constante, para que se institua a biblioteca na escola e se desenvolvam ações leitoras. O estudo começou no primeiro semestre de 2021 e se estendeu até abril 2024, mas espero continuar a observação, se a escola prosseguir com as ações de levar a ler. A base teórica é: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (2004, 2009), Santos (2016), Bértolo (2014) e Castrillón (2011). Os resultados apontam que ocorreu um envolvimento e ânimo dos participantes do projeto em utilizar o espaço da biblioteca escolar criada e em desenvolver atividades leitoras com os estudantes. As ações de leitura contribuíram para o melhor aperfeiçoamento dos envolvidos. Observa-se, porém, que a adesão dos professores ainda é parcial, não se constituindo em ações coletivas, ainda que algumas tenham sido contínuas.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Biblioteca escolar; Levar a ler.

ABSTRACT

This work has as its theme School library: creation of a place to read and reflections on the possibilities and limits of taking people to read in a rural community in the municipality of Alenquer and is linked to the Professional Master's Program in Literature – Profletras, to the Group of Reading Studies and Intervention in Children's and Young Adult Literature at School – Lelit, at the Federal University of Western Pará – Ufopa – and follows the line of research Children's literature, literature and education, reader training. The objective of this is to investigate the cultural transformations resulting from the creation of the school library at the Municipal School of Early Childhood Education and Elementary Education Dulcinéia Campos dos Santos Sá as a space for the development of collective reading actions in a rural community school, which offers reading actions in a collective and participatory in an omnilateral perspective, where the human being reveals his dimensions, whether physical or psychic. The research methodology is intervention research, in which the research agents are in constant partnership, so that the library is established at the school and reading actions are developed. The study began in the first semester of 2021 and continued until April 2024, but I hope to continue the observation if the school continues with actions to encourage reading. The theoretical basis is: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (2004, 2009), Santos (2016), Bértolo (2014) and Castrillón (2011). The results indicate that there was involvement and enthusiasm among to the project participants in using the space of the school library created and in developing reading activities with the students. The reading actions contributed to the better improvement of those involved. It is observed, however, that teachers' adherence is still partial, not constituting collective actions, even though some have been continuous.

Keywords: Reading; Literature; School library; Take it to read.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: Reunião na escola para discussão do projeto de pesquisa.....	50
Figura 2: Escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá.....	52
Figura 3: Sala do arquivo permanente	55
Figura 4: Futuras instalações da biblioteca	55
Figura 5: Livros em sala de aula.....	56
Figura 6: Armário com livros que estavam na sala dos professores	56
Figura 7: Livros no laboratório de informática.....	56
Figura 8: Organização de parte dos livros na sala dos professores	56
Figura 9: Diálogo com os professores da escola	57
Figura 10: Roda de leitura com a parceria do Lelit.....	58
Figura 11: Inauguração da biblioteca	60
Figura 12: Disposição das prateleiras.....	61
Figura 13: Espaço de leitura atual	62

Quadros

Quadro 1: Atividades Do Projeto de Intervenção	45
Quadro 2: Relação de turmas da escola	53
Quadro 3: Catalogação por cores	59

Mapas

Mapa 1: Localização da comunidade Curicaca – Alenquer/PA.....	49
---	----

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado.

BBM – Biblioteca Benedicto Monteiro.

CANP – Colônia Agrícola Nacional do Pará.

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

COLE – Congresso de Leitura.

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

FNLIJ – Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil.

Fundeb – Fundo Nacional da Educação Básica.

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Iespes – Instituto Esperança de Ensino Superior.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Lelit – Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e juvenil na Escola.

MEC – Ministério da Educação.

Parfor – Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

Pnaic – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

PNBE – Programa Nacional de Biblioteca Escolar.

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático.

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

SEB/MEC – Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

SEMED – Secretaria Municipal de Educação.

SOME – Sistema de Organização Modular de Ensino.

TCC – Trabalho de conclusão de curso.

Ufopa – Universidade Federal do Oeste do Pará.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 LEITURA.....	16
2.1 Leitura: Pelo Direito De Ler, Conceitos, Leitor Crítico	17
2.2 Afinal, estamos falando de que Leitura? E por quê?	18
2.3 O Que É <i>Levar a Ler em Lugares Distantes</i>?.....	24
2.4 Algumas Ações de Levar a Ler em Lugares Distantes	25
2.5 Biblioteca Escolar	34
3 O CAMINHO TRAÇADO.....	38
3.1 Aspectos Teórico-Metodológicos da Pesquisa.....	38
3.2 Produção de Dados.....	40
3.3 As Fases da Pesquisa	43
<i>3.3.1 Fase de Organização da Pesquisa.....</i>	<i>43</i>
<i>3.3.2 Trabalho de Campo</i>	<i>47</i>
<i>3.3.2.1 Caracterização do Lugar da Pesquisa</i>	<i>51</i>
<i>3.3.2.2 A Estrutura Física para a Biblioteca.....</i>	<i>54</i>
<i>3.3.2.3 A busca e a Organização do Acervo</i>	<i>56</i>
<i>3.3.2.4 Atividades de Leitura e Catalogação do Acervo</i>	<i>57</i>
<i>3.3.2.5 A Inauguração da Biblioteca Escolar</i>	<i>60</i>
<i>3.3.2.6 Atividades Leitoras</i>	<i>62</i>
<i>3.3.3 Tratamento do Material Produzido</i>	<i>70</i>
4 UMA PROPOSTA DE LEVAR A LER EM LUGARES DISTANTES: REFLEXÕES....	71
4.1 O Sonho de uma Biblioteca.....	71
4.2 Comunidade Escolar e sua Participação	72
4.3 O Movimento da Escola após a Biblioteca e as Vivências na Biblioteca.....	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES.....	99
APÊNDICE A – PROJETO DE PESQUISA.....	100
APÊNDICE B – PROJETO DE INTERVENÇÃO	129
APÊNDICE C – INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS	140
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	145
APÊNDICE E – TERMO DE ANUÊNCIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO.....	151

APÊNDICE F – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA.....	152
ANEXOS.....	153
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	154

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de mestrado profissional em Letras – Profletras – com o título *Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade¹ rural do município de Alenquer/PA* tem como problema: *Quais as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural no interior da Amazônia por meio da criação de uma biblioteca escolar e ações de ler de forma ativa e participativa numa perspectiva omnilateral²?* E o seu objetivo é investigar as transformações culturais resultantes da criação da biblioteca escolar como espaço de desenvolvimento de ações coletivas de ler numa escola de comunidade rural. Ela está vinculada ao Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e juvenil na Escola – Lelit, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa – e segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor.

O estudo se faz pela compreensão de que a leitura pode contribuir para a vida e formação do ser humano, pois o intelecto humano, sua personalidade e seu conhecimento se fazem no mundo considerando as experiências vividas. Desta forma, tem-se a possibilidade de que, com um espaço propício à leitura e com trabalho pedagógico feito por um grupo acadêmico de estudos que tem como fundamento que a leitura possibilita a intervenção no e sobre o mundo e a compreensão de contradições existentes nele, faz com que a leitura deixe de ser apenas decodificação para exercer uma função política, crítica e emancipadora e, assim, propiciar melhores condições para leitores fazerem-se ativos e reflexivos.

O projeto educacional da elite visa escravizar o proletariado. Assim, a educação, especialmente a pública, mesmo sendo um direito assegurado constitucionalmente, mostra-se um desafio, em virtude das contradições existentes nas sociedades de classes, que na perspectiva neoliberal, leva o sistema educacional a se transformar em mercadoria, um objeto de negócio, o que acaba por evidenciar ainda mais as desigualdades sociais. O nosso país sofre com o agravamento desse cenário, mediante a instabilidade econômica e política dos últimos anos, e, a pandemia da Covid-19 que devastou tantas vidas, afetou-nos, levando

¹ Comunidade é um substantivo feminino usado em sentidos diversos. É um grupo local, de tamanho variável, integrado por pessoas que ocupam um território geograficamente definido e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica.

² Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”. Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico (Frigotto, 2012, p. 267).

peessoas à morte. Logo, a implantação da política neoliberal acentua a disputa entre as pessoas, quanto mais lucro dos ricos, maior exploração do trabalhador. Esse modelo de mundo demanda acelerar a ignorância da base social: prédios escolares arcaicos; falta de educação continuada dos professores; falta de material escrito de qualidade; ausência de bibliotecas; sinal de internet frágil, tudo isso colabora para uma sociedade unilateral, sem infraestrutura revela-se pobre economicamente e de conhecimentos.

São tantos os programas na escola com “urgências cotidianas” que não resta tempo à formação omnilateral (Frigotto, 2012), ofertando aos alunos conhecimentos elevados em Matemática, Linguagem, Arte, Música, Literatura, mas esquecendo de formá-lo como sujeito pensante, crítico, responsivo. Na verdade, a escola é o reflexo das relações sociais do trabalho: alienado e fragmentado.

A criação de um lugar de ler em uma comunidade escolar periférica (lugar distante) com livros de vários gêneros e desenvolvimento de ações de leituras propõe-se a acender um sinal de alerta que permita aos cidadãos perceberem que estão estáticos diante do conhecimento do mundo; que seus direitos fundamentais podem se afirmar. Busco, então, debater o acesso à leitura como direito do cidadão de ler e construir conhecimento, analisando possibilidades e limites de levar a ler em uma comunidade escolar rural do interior da Amazônia. Procuo entender o que é “levar a ler” em “lugares distantes” a partir do escrutínio da realidade de uma comunidade escolar rural do município de Alenquer – Curicaca –, além de verificar as mudanças advindas da biblioteca escolar e das ações de ler nessa comunidade.

Os conceitos de “levar a ler” em “lugares distantes”, adotados no trabalho, são categorias que Santos (2016) utilizou para se referir a ações que vão além da promoção e do incentivo à leitura, pois caracterizam-se por aspectos pedagógicos, políticos e culturais que estão relacionados a locais sem acesso aos bens culturais, como livrarias, galerias, teatros, museus. Lugares que podem estar distantes das metrópoles não apenas geograficamente, mas à margem delas. Assim, vejo como critério relevante o *locus* deste trabalho situar-se no interior da Amazônia, lugar físico e culturalmente periférico.

Leitura, acesso aos livros, biblioteca escolar, formação do leitor e ações de ler na perspectiva omnilateral e do direito à leitura, à humanização do ser humano, à prática social da leitura e da disseminação da cultura são os principais elementos englobados na discussão. Trago como base teórica: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (2004, 2009), Santos (2016) e Bértolo (2014). Tem-se como metodologia de investigação a pesquisa de intervenção (Minayo, 2001), em que os agentes da pesquisa estão em parceria constante, para que se

institua a biblioteca na escola e se desenvolvam ações leitoras. O estudo começou no primeiro semestre de 2021 e estendeu-se até abril de 2024, mas espero continuar a observação se a escola der continuidade às ações de levar a ler na biblioteca.

O trabalho está organizado em três seções e as considerações finais. A primeira é a base conceitual de leitura, na qual apresento a leitura como direito, conceito e algumas funções, o direito à literatura e o lugar da leitura literária na escola. Falo sobre algumas ações de levar a ler em lugares distantes para fins de atividades dessa pesquisa e alguns dos limites das referidas ações, trago a discussão sobre a biblioteca escolar e a sua relação com a leitura.

A segunda seção constitui-se pela metodologia da pesquisa, o caminho traçado. Tem-se primeiro os fundamentos teóricos e metodológicos do trabalho, depois a produção de dados, as fases da pesquisa passando pela organização, planejamento ao desenvolvimento, e, aplicação do projeto interventivo, e posterior descrição das atividades de leitura realizadas.

A terceira seção é a análise e discussão dos dados produzidos, que me levaram às reflexões de ações de leitura. Apresento três categorias de análise: comunidade escolar e sua participação; as vivências da escola na pós-inauguração da biblioteca; a vida na e com a biblioteca. Tais categorias são analisadas em acordo com o aporte teórico base do estudo.

Conclui-se esta etapa da pesquisa e intervenção com as considerações sobre os resultados.

2 LEITURA

A leitura ao longo dos tempos tem sido um assunto recorrente nos debates acerca da educação, discute-se sobre os fazeres pedagógicos, seus planejamentos e como se dão, o tempo para a leitura e suas práticas – principalmente na escola – bem como a relevância da leitura no processo ensino-aprendizagem, e a importância da leitura na vida das pessoas.

A busca de uma compreensão do que tem mudado em torno da leitura é necessária, pois há um caminho da cultura humana que pode nos dizer muito sobre como a leitura está presente em nossa sociedade. E apesar de tantas transformações e melhorias ocorridas dentro e fora do ambiente escolar, as condições de produção da leitura pouco avançaram.

A manipulação do povo ocorre através de uma real contradição: ao mesmo tempo em que se prega o valor do livro e da leitura, tenta-se esconder o fato de que as condições de produção da leitura não são tão concretas assim. [...] a existência de um volumoso número de analfabetos, a inexistência de bibliotecas populares, a ausência de uma política para a promoção da leitura, etc., são em verdade, fenômenos muito bem “calculados” pelo poder dominante (Silva, 2004, p. 49-50).

Há falta de investimento do poder público em formações mais específicas para os profissionais da educação na área de leitura e de escrita. Logo, tem-se a necessidade de maior investimento e espaços de reflexão, pois leitura e literatura são bens sociais e direitos do cidadão, tanto quanto a liberdade, o lazer, a arte, a saúde e a educação. Além disso, é uma possibilidade de humanização do homem.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção a complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p. 182).

A humanização do homem vai para além das ações cotidianas dos afazeres domésticos. Seria, portanto, a possibilidade de por meio de ações diversas, como a fruição da leitura, especialmente a literária, que veremos mais adiante, permitir que o ser se faça humano em sua completude, como ser social que é.

2.1 Leitura: Pelo Direito De Ler, Conceitos, Leitor Crítico

Para pensarmos sobre o direito de ler, precisamos pensar a leitura a partir de sua etimologia. A origem da palavra *Leitura* está no latim *Lectura*, que tem muitas significações, acepções e aplicações, “tem a mesma origem de escolha e eleição (leg-; lec-; leit-), indicando, entre outras coisas, o ponto selecionado para apresentar à audiência (sentido que reverbera do inglês *lecture*)” (Britto, 2015, p. 18).

Desta maneira, a leitura tem mais a ver com decifração, escolhas. Ler vai além da simples decodificação de signos, ainda que decodificar seja parte da leitura, pela necessidade de se compreender o que se lê, há que se decodificar. A leitura se apresenta como um ato histórico e que se difere a cada época, uma vez que compõe a sociedade. Britto nos fala que a leitura não existe fora da história.

Ela é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de sua experiência, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos. Ela se faz sempre sobre textos que se dão a ler, textos que trazem representações do mundo e com as quais o leitor vê-se obrigado a negociar, já que ao ler um texto, o leitor mobiliza dois tipos de 'informação aquelas que se constituíram em sua experiência de vida e aquelas que lhe fornece o autor em seu próprio texto (Geraldi, 1996, p. 125).

Deste modo, a leitura é uma ação cultural. O produto que resulta desta ação não é jamais a simples acumulação de informações, não importa de que natureza sejam estas, mas a representação da realidade presente no texto (Britto, 2009, p. 100).

E onde fica o lugar de ler? E o direito à leitura? “o direito à leitura: o direito de ser no mundo e de, sendo, fantasiar e fantasiar-se.” (Britto, 2015, p. 58).

E para que esse direito possa ser usufruído, há que produzirem as condições materiais e sociais: crianças leitoras nascem, e crescem, e vivem, e criam em ambientes em que a leitura desimpedida ocorra espontânea e frequentemente: ambientes com muitos e bons livros, com muitas e boas histórias e poemas, com muitas palavras e desafiadoras frases desajustadas, novidadeiras, voadoras, atrapalhadas, consoladoras, brincalhonas...Palavras mudas e tagarelas (Britto, 2015, p. 58).

O direito de ler e o acesso às obras variadas dentro dos espaços escolares, não somente a sala de aula, é muito mais que um direito. O ato de ler, como afirma Silva (2004), se constitui num instrumento de luta contra a dominação. Precisamos, portanto, nos inquietar ao que se apresenta como uma realidade em que somos privados de bens de direito como a leitura. Uma vez que “quanto ao leitor crítico, não basta possibilitar apenas a leitura, mas

levar o cidadão a exercer o direito à leitura e à literatura de modo que seja um agente crítico e reflexivo”. Assim, para Britto (2015, p. 49), “uma forma concreta de formar o leitor crítico, de maneira que tenha sentido a afirmação de que ‘o sentido da leitura’ resulta da experiência do leitor, é investir em situações em que aflorem as necessidades de criar, buscar, criticar” (Silva, 2009, p. 22).

Silva, sobre a criticidade afirma que

A criticidade pode não operar milagres nem revoluções da noite para o dia, mas ela pode levar o sujeito a enxergar o avesso das coisas. Pode ser um contraponto ou um escudo aos mecanismos de alienação. Pode desnudar a mentira, recolocando o leitor nos trilhos da objetividade dos fatos. Pode, enfim, gerar conflitos (Silva, 2009, p. 22).

[...] movimenta-se sempre no horizonte do bom senso, busca e detecta o cerne das contradições da realidade. Dessa forma, pela leitura crítica, o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza novas sínteses; enfim, combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias referidas pelos textos (Silva, 2009, p. 28).

A leitura, portanto, como prática social, é um meio de transformação do mundo, constituindo-se como um ato político de compreender o mundo e a si mesmo. Com isso, é possível que a leitura assuma lugar relevante na vida das pessoas, porém, o seu desenvolvimento não é tarefa simples, exige dedicação. Daí, o olhar do ser humano, na sua totalidade, é que vai encaminhar o fazer interventivo de leitura, na busca de atividades leitoras de fruição do texto, de interação do leitor com o texto, em que o homem se perceba para além do pragmatismo de produzir e desenvolver habilidades meramente técnicas que servem ao modo capitalista de produção e trabalho. Fugir do pragmatismo resultante de uma leitura não crítica, do ler para conformar-se.

2.2 Afinal, estamos falando de que Leitura? E por quê?

Falar em leitura é algo comum, às vezes, torna-se até repetitivo, anos e anos se passam e o assunto está entre nós, porém, não adianta apenas falar ou ler sobre, mas nos questionarmos sobre como e de que leitura está se falando.

Quando pensarmos em levar a ler, especificamente a literatura, em “lugares distantes”, temos que atentar às questões da leitura, especialmente no Brasil, porque, segundo Silva (2002, p. 33):

Apesar de tão continuamente requisitada e tão multifacetadamente presente dentro de propostas que visam facilitar a aquisição de experiências, a leitura levanta-se como uma grande fonte de inquietação dentro do cenário brasileiro – como um grande enigma, por assim dizer.

Há uma gama de projetos e programas, entre outros, que têm colocado a leitura como foco de debates, no entanto, como já vimos, não basta apenas o acesso aos bens culturais escritos, tais como os livros, mas é relevante as práticas planejadas, o conceito de que seja a leitura, a organização social e dos próprios espaços de leitura, bem como a intervenção e formação do professor, implicam nos resultados positivos ou não acerca do ato de ler e da formação do leitor.

O propósito de formar leitores exige professores bem formados, conscientes da necessidade de mudanças importantes na estrutura social da escola e atualizados, não por meio de cursos breves ou oficinas, mas, sim, por meio de programas de longa duração, que partam de sua prática cotidiana e que também introduzam o conhecimento da teoria e a necessidade da reflexão e do debate. Formação que lhes permita romper com a tradição de ensinar como aprenderam. Professores também formados como leitores e escritores, condição primordial para ensinar a ler e a escrever (Castrillón, 2011, p. 24).

Os caminhos para o acesso à leitura se restringem quase que exclusivamente à escola, onde boa parte da população brasileira tem o contato com a leitura.

parece certo dizer que não existe tradição de leitura no Brasil. Dada as condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação e, portanto, ao livro (Silva, 2002, p. 37).

Na obra o “Banquete dos notáveis”, Constantino Bértolo (2014, p. 48) traz-nos uma reflexão sobre a atividade de leitura de um texto, chama-nos a atenção para o fato de que

Ler um texto não é tarefa simples, requer competência. Requer atenção, memória, concentração, capacidade de relação e associação, visão espacial, certo domínio do léxico e sintático da língua, conhecimento dos códigos narrativos, paciência, imaginação, pensamento lógico, capacidade para formular hipóteses e construir expectativas, tempo e trabalho.

Apenas o acesso a um bom acervo não significa ter um ambiente de disseminação da leitura, bem como de sua propagação. É preciso compreender a dinâmica do contexto em que a leitura está inserida, desenvolver atividades pedagógicas de leitura, considerar fatores como a localização e realidade do ambiente, no caso específico deste trabalho, o ambiente do

interior, zona rural, de uma comunidade que possui uma escola polo com quantidade relevante de alunos e com uma população simples que carece de uma leitura diferente das exploradas pelo meio de comunicação de massa. Tal comunidade não possuía um lugar apropriado para as práticas leitoras, uma biblioteca e a própria literatura como foco não é uma realidade.

Ao levantarmos o debate sobre levar a ler em lugares distantes, é importante pensarmos na leitura numa perspectiva de formação humana omnilateral, que considere o ser humano em todos os seus aspectos, apoiado num pensamento marxista que visa levar o estudante a refletir sobre seu contexto sociocultural e como ele está sendo construído.

A formação omnilateral constitui-se de uma integração, não apenas de conteúdos, mas de aspectos cognitivos, intelectuais, psíquicos, sociais e estéticos. Segundo Lombardi (2008, p. 13) a educação, vai além de orientar para uma ou outra profissão, “deveria possibilitar tanto o conhecimento das ciências como das capacidades práticas em todas as atividades produtivas”, visando a formação integral do ser humano.

E por que insistir na leitura e sua prática, considerando que o livro por si só não é garantia do ato de ler, uma vez que muitas escolas não possuem um espaço apropriado para ações interventivas de leitura, onde bibliotecas se apresentam, especialmente, na zona rural, um sonho distante? Porque, segundo Silva (2004, p. 11), “a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade.”

[...] o acesso à leitura e aos livros nunca conseguiu ser democratizado em nosso meio. A tão proclama “crise da leitura” não é uma doença destas últimas décadas e nem deste século: ela vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro (Silva, 2004, p. 11-12).

Uma possibilidade de levar a ler literatura em lugares distantes faz-se por meio da escola, considerando que a literatura seja a arte da palavra, e, segundo Constantino Bértolo (2014, p. 127), “o lugar onde se pensam as palavras [...] o lugar onde se constrói o sentido e o significado das palavras e é, por isso mesmo, o lugar onde se constrói o sentido da existência, ou seja, o lugar onde se dá nome a isso que chamamos de realidade.”

A literatura se mostra, assim, como um caminho relevante para a arte no ambiente escolar. Eu me aproprio de estudos dos teóricos que embasam este trabalho para pensar não somente o meu fazer – as ações de ler –, mas de como fazer, numa busca por uma construção do ser humano em suas mais distintas manifestações culturais que vão para além do trabalho

cotidiano do sustento e da sobrevivência, na perspectiva omnilateral. Tudo isso me faz pensar e planejar as ações de incentivo à leitura.

O fato é que a leitura, especialmente a de literatura, é de grande relevância na vida do ser humano, que pode compreender melhor quem é, o que o cerca e desenvolver sua capacidade leitora de si e do mundo em que vive, a partir de experiências vividas. Contudo, ter um lugar agradável, em boas condições e propício ao desenvolvimento de atividades leitoras é escasso, raro. Ao mesmo tempo, algumas vezes, pode-se até desenvolver algumas práticas de leitura, mas sem planejamento prévio, o que se pode inferir ter objetivo apenas de ocupar um dado momento de tempo, nem sempre pode-se entender que ler é apenas abrir um livro e lê-lo, como também de compreender que formar leitor é apenas abrir um livro e lê-lo.

A proposição leitora executada pelo agente propagador da leitura deve ser sistematizada, planejada, contínua e, se possível, diária, possibilitando as melhores condições possíveis aos cidadãos para ter acesso à leitura, permitindo-lhes construir sentidos a partir dos mais variados textos.

Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (Chartier, 1999, p. 77).

A biblioteca escolar que ora está se instituindo na Escola Municipal de E.I. e E.F. Dulcinéia Campos dos Santos Sá, numa comunidade rural do município de Alenquer/PA tem um acervo em crescente, que contempla não apenas livros de literatura, mas teóricos, revistas, enciclopédias, dentre outros. Mas observa-se que a maior demanda de livros - mais de 1000 - é de literatura infantojuvenil. O que justifica a presença relevante do quantitativo de livros são os programas do governo federal, a política pública de distribuição de livros como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD Literário) e o Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE). Há doações de pessoas que estão ligadas à biblioteca, ou mesmo que sabem de sua existência e querem colaborar para o aumento do acervo.

A leitura pode ser realizada a partir de variados textos, gêneros, mas priorizamos a leitura literária uma vez que temos vasto acervo de livros de literatura e, que, como afirma Antonio Candido (2011) a literatura é uma manifestação universal de todos os homens e em todos os tempos. Não há nem povo e nem homem que possa viver sem ela.

[...] Assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 2011, p. 177).

Como Candido chama atenção, a literatura é um fator indispensável para a humanização do homem, mas precisamos atentar que para tanto ela precisa, em primeiro lugar, chegar às mãos das pessoas. Então, a sua promoção nos mais variados espaços faz-se relevante, especialmente na escola. No entanto, temos que ser vigilantes acerca de como ela chega e das concepções em torno dela. Não se deve promovê-la de qualquer maneira. As discussões sobre a literatura têm que existir, lembrando que a formação do leitor literário se dá ao longo de toda a sua existência, e que a escola contribui para isso.

Ler literatura, em tempos de pressa e de mudanças abruptas, torna-se um ato de rebeldia porque se questiona muito: afinal, o porquê de lê-la? Para que serve a literatura? Segundo Britto (2015), há relevância dela para o ser humano.

Para nada. E para tudo.

A literatura não presta para nada. A poesia, o romance, o conto, a crônica, as narrativas fantásticas e as de cotidiano, as histórias e fatos que não aconteceram e que podiam e podem acontecer – a literatura não forma nem conforma os espíritos, não salva nem consola, não ensina nem estimula. Enfim, não se presta muito para coisas práticas e aplicadas. Não produz realidades mensuráveis e negociáveis.

A literatura presta para tudo. O texto literário é um convite a uma ação desinteressada, gratuita, uma ação que não espera que dela resulte lucro ou benefício. É o simples pôr-se em movimento, para sentir-se e existir num tempo suspenso na história, um tempo em que a pessoa se faz somente para si, para ser, um tempo de indagação e contemplação, de êxtase e sofrimento, de amor e angústia, de alívio e esperança, disso tudo de uma só vez e para sempre. Nela a gente se forma e se conforma, perde-se e salva-se, se consola e se estimula, aprende e ensina a viver em realidades incomensuráveis, ainda que realmente intangíveis (Britto, 2015, p. 53-54).

A educação perpassa pelo ler e a literatura de alguma forma contribui para nós, seres humanos, nos percebermos no mundo. Ambas estão intimamente relacionadas, pois permitem ao homem agir sobre a sua realidade, perceber sua existência como ser de direitos básicos que vai muito além do comer, beber, dormir.

O ato de ler, especialmente, a literatura, conforme Britto (2015, p. 14), “é um valor que implica também recusar qualquer acordo com o pragmatismo, o subjetivismo e o relativismo”. Assim, ler sem um propósito específico da vida cotidiana é um ato necessário,

pois o homem também precisa ter seus momentos de ler para si, sem a preocupação com uma finalidade prática, imerso mesmo num estado de ler, de fruir a leitura e ponto.

Freire (1989) trouxe-nos a compreensão crítica da importância do ato de ler, que não se esgotaria na decodificação pura e simples da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se anteciparia e se alongaria na inteligência do mundo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p. 10).

Para Bértolo (2014, p. 70), é possível desenvolver seis tipos de leitura do texto literário; pois, embora o texto seja uno. “As leituras podem ser muitas”. A *leitura adolescente* onde há sobrecarga do fator autobiográfico, a *leitura inocente* em que não se questiona os sentidos do texto, a *leitura sectária* com relevante valorização do aspecto ideológico, a *leitura letraferida*³ que minimiza o elemento metaliterário, encarando a literatura como meio à verdade transcendental, a *leitura civil* que parte do conceito de que o leitor relaciona-se ativamente no seu contexto social, cultural e político, e por fim, a *leitura do crítico* que lê a si mesmo, observa-se, vigia-se, pois, diferente do leitor comum, o crítico se responsabiliza em levar a público o seu discurso diante dos textos. Além de Bértolo há outros autores que também categorizam tipos de leitura como Colomer⁴.

A leitura de literatura muitas vezes é vista como um momento de “perda de tempo”. Quando o professor de Língua Portuguesa (LP) faz uso dela no ambiente escolar, por vezes, isso é interpretado como enrolação ou é usada apenas como forma de ensinar elementos gramaticais e não como uma atividade necessária. Há uma responsabilização no ambiente escolar da leitura literária ao professor de LP, mas sabe-se que quanto mais agentes se propuserem à irradiação da leitura, seja ela literária ou de outros tipos de textos, melhor se dará o acesso aos bens da cultura escrita.

Chamo atenção para a questão do quanto promover leitura literária é um ato necessário e que precisa ser não apenas colocado nas diretrizes educacionais, mas posto em prática, pois, ao longo da vida escolar, o cidadão desenvolve suas capacidades e dimensões de ser humano,

³ Leitura letraferida: “Chamaremos de leitura ‘letraferida’ aquela caracterizada por uma hipertrofia do elemento metaliterário no processo de leitura, o que origina que o leitor ou leitora acentue sua atenção naquilo que a narração textual coloca em relação com seu conhecimento e entendimento do literário” (Bértolo, 2014, p. 79).

⁴ Teresa Colomer fala sobre tipos de leitura no livro *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, São Paulo: Global, 2007.

vai construindo o caráter e se percebendo além do fazer mecanicista da vida, revelando, quem sabe, seus sentimentos mais profundos, fraquezas, medos, inquietações, alegrias, emoções diversas, o olhar sobre si e sobre o outro e tudo o que existe de forma a ver o belo, de ler e ler sem o peso da obrigação, experimentando as vivências reveladas nos livros, das leituras de distintos textos.

2.3 O Que é *Levar A Ler Em Lugares Distantes*?

Depois de falar sobre leitura, o direito à leitura, concepções e leitura literária na escola, vamos ver do que se trata o conceito de levar a ler em lugares distantes. *Levar a ler* é uma expressão utilizada por Santos (2016). De acordo com o autor, é um termo mais amplo e adequado do que o termo estímulo ou promoção à leitura que costuma estar associado a leitura como fim de alfabetização; assim, “levar a ler é um valor e, portanto, algo que justifica a intervenção político-pedagógica e cultural” (p. 55). Levar a ler implica compromisso, posicionamento político-pedagógico, reconhecimento da realidade alienante e necessidade da apropriação do que há de mais elevado da produção cultural humana.

Algumas ações de levar a ler descritas na próxima subseção, bem com a proposta de intervenção desta pesquisa, demonstram práticas que vão além do incentivo à leitura, apresentam-se como proposições para a instituição de lugares de ler, com projetos de intervenção definidos e elaborados, com pesquisas que abarcam metodologias diversas como a pesquisa participante de intervenção e a pesquisa-ação.

Há uma preocupação em planejar ações que possam propiciar a irradiação da cultura escrita às pessoas, as quais muitas vezes não têm oportunidade de ter acesso aos bens da cultura escrita.

Levar a ler tem um aspecto relevante que é o caráter político, com o propósito de chamar a atenção da população sobre os direitos que ela tem e que por vezes são negados: direito à leitura, à literatura, à arte. E foi em virtude dessa perspectiva de levar a ler que tem tantos projetos sendo realizados na região Oeste do Pará, com a colaboração da Ufopa.

Quanto a *lugares distantes*, esta é uma expressão também utilizada por Santos (2016) e se trata de locais que podem estar longe geograficamente ou próximo aos grandes centros urbanos, mas sem acesso aos bens culturais básicos, como teatros, museus, livrarias, bibliotecas. Assim, tais lugares distantes podem ser encontrados dentro e fora da nossa região, pois o acesso à cultura letrada não se efetiva como um direito de todos. Numa sociedade

extremamente desigual na que vivemos, o acesso chega a ser exclusivo de uma minoria populacional.

E quando se pensa nos lugares distantes, pode-se, por alguma razão, imaginar que a falta de acesso aos bens da cultura pode ou deve estar apenas nos pequenos centros urbanos, no meio periférico, ou mesmo no meio rural, mas isso ocorre também em metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, lugares que têm centros culturais, exposições variadas, bibliotecas, livrarias, galerias, teatros, os mais diversos eventos relacionados à arte, à leitura e à literatura, ou seja, o lugar distante pode estar mais perto do que se imagina. Uma vez que, por vezes, tais bens não chegam, de fato, a quem é de direito - à população, ficando restrito a pequenos nichos, e um fator relevante nesse não acesso aos bens citados é a questão socioeconômica.

2.4 Algumas Ações de Levar a Ler em Lugares Distantes

Muitos são os programas governamentais de leitura; projetos de intervenção; ONGs compromissadas com a educação; páginas de facebook; blogs; vlogs, com propostas de fazer ler, apesar desses grandes esforços, os lugares distantes enfatizam uma leitura que desperte as pessoas para a realidade cruel, para que assim possam, a partir da tomada de consciência de si e da humanidade, lutar por melhorias de vida, em todos os aspectos, pessoal, social e econômico.

Soma-se a essas iniciativas o Lelit - um Programa de Pesquisa, Ensino e de Extensão da Ufopa – que, desde 2011, reúne professores universitários e da Educação Básica e estudantes universitários e de ensino médio em torno de pesquisa, formação e ações de transformação com foco na relação entre linguagem e educação no Oeste do Pará.

A atividade de pesquisa tem como eixo articulador a inquirição e compreensão dos modos como, no âmbito da educação escolar, da educação básica à educação superior, se produz, se faz circular e se adquire o conhecimento, especialmente aquele que se realiza como próprio do humano-genérico, em sua relação com a leitura-escrita e literatura.

Os projetos de pesquisas vinculados ao grupo exploram os seguintes temas: alfabetização; leitura e formação escolar; literatura infantil e juvenil; leitura e produção de texto; leitura de estudo e formação universitária; biblioteca; norma e variação linguística – implicações para o ensino.

Além disso, o grupo mantém aberta à comunidade acervo de literatura infantil e juvenil com mais de seis mil títulos, um canal de vídeos de leitura e um blog de conteúdo e interação sobre leitura, literatura e formação.

O programa *Ler literatura, viver e aprender* desenvolvido pelo grupo, compreende um conjunto de ações integradas de levar a ler e de formar leitores de forma articuladas às ações de pesquisa, extensão e ensino.

“Entre o compromisso e a realidade: levar a ler a lugares distantes” é o subprojeto do Lelit, coordenado pelo Prof. Dr. Zair Henrique Santos. O projeto investiga condições, possibilidades e permanência de ações pedagógicas e instrumentos de formação intelectual e cultural, especialmente a biblioteca, em “lugares distantes”. A finalidade essencial é a criação, revitalização e dinamização de lugares de ler (bibliotecas; oferta de livros em armários; estantes.), focando como esses lugares se organizam e prevalecem, seus vínculos institucionais e comunitários e seus efeitos formativos. “Levar a ler” é um conceito que procura superar os bordões “promoção de leitura”; “incentivo à leitura”; “gosto pela leitura”, que trazem concepção idealista e subjetivista de formação, sem reflexão sobre o processo formativo, passando a ideia de que qualquer leitura é relevante e formativa.

Alguns projetos acadêmicos foram construídos e realizados sob orientação do Professor Zair Henrique Santos: *O cantão da leitura, na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva*, na Vila da CANP⁵- Monte Alegre- de Maria Rita de Alexandre de Lima Teles e Eliana Nascimento de Moraes⁶; *Criando um espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 KM 11- Monte Alegre* – de Andria Arcanjo da Silva Araújo e Sandra Elena Melgaço Couto⁷; *Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea*, na comunidade de Ipanema – Prainha - de Jonadabe de Araújo Garcia e Alzenora Ferreira Carvalho⁸; *Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes”*, de Alessandra Maria de Mesquita⁹. Tais projetos de pesquisa, com exceção do último, serviram como objetos de análise e que resultaram na tese de Doutorado do Professor

⁵ Colônia Agrícola Nacional do Pará.

⁶ Acadêmicas do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfor –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

⁷ Acadêmicas do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfor –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

⁸ Acadêmicos do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfor –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

⁹ Mestra em Letras pelo Profletras (2019), pós-graduada em Informática e as Novas Tecnologias Educacionais pela Ulbra (2009), graduada em Letras: Português/Inglês pela Ufopa (2015), graduada em Pedagogia pela UFPA (2006) e especialista em educação no Colégio Francisco Nobre de Almeida e professora na Escola Dr. Dátis, Monte Alegre/PA.

Zair Henrique que teve como tema “*Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará*”, (2016). Tem-se também os trabalhos realizados no Arapiuns, a revisita ao trabalho feito na CANP.

O projeto Cantão da Leitura, realizado pelas professoras Eliana Nascimento de Moraes e Maria Rita Alexandre de Lima Teles, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Dátis Lima de Oliva, na comunidade de CANP, zona rural do município de Monte Alegre, no Oeste do Pará, objetivou à formação de leitores de literatura infantojuvenil. O trabalho teve início em fevereiro de 2014 com aplicação de questionários acerca das práticas de leitura realizadas na escola. Em parceria com os comunitários foram construídas mesas, bancos e um varal que serviram de suportes para 103 livros inicialmente. As acadêmicas desenvolveram, a princípio, atividades de leitura duas vezes na semana com uma turma de 6º ano no horário do intervalo das aulas. Os alunos se interessaram tanto pela leitura que pediram emprestados os livros para lê-los em casa. O projeto ganhou tal dimensão que os próprios funcionários da escola começaram a emprestar as obras deste acervo. Meses depois da implantação do projeto, houve socialização das práticas de leituras que passaram a ser desenvolvidas nas turmas.

Em janeiro de 2015, o projeto foi apresentado pelas acadêmicas como Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Relato de experiência: promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva*. O projeto não pôde continuar e um dos fatores que contribuíram para isso foi que a única das acadêmicas lotada na escola foi transferida para outra comunidade e muitos dos professores que acompanharam as atividades seguiram destinos diversos. Outro fator que contribuiu para a descontinuidade do trabalho foi a mudança de direção da escola. Por fim, os livros foram guardados na dispensa da escola, misturados com livros didáticos, instrumentos musicais, materiais de limpeza, eletrônicos e didáticos. A escola não incorporou o espaço como um bem da comunidade escolar.

Uma outra iniciativa de levar a ler em “lugares distantes” foi o projeto que deu origem à Monografia *Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: Formando leitores na várzea*, de autoria de Jonadabe Garcia e Alzenora Carvalho. Tal projeto foi aplicado na Escola de Ipanema, área ribeirinha da cidade de Prainha, no Oeste do Pará.

Para a aprovação do projeto foi realizada consulta aos comunitários por meio da aplicação de questionários. O resultado foi positivo e, de forma coletiva, foi construída uma biblioteca na Comunidade. Então, no dia 30 de abril de 2014, inaugurou-se este espaço de leitura. O acervo foi adquirido por meio de doações dos professores, pais de alunos e de

comunitários, que somados aos livros do Pnaic¹⁰, já existentes na escola, somou-se um total de 998 obras de literatura infantojuvenil.

As atividades foram desenvolvidas durante um período de nove meses _março a novembro de 2014_ pelos acadêmicos, com alunos do 8º ano. Tais atividades incluíam escolhas de livros, empréstimos, leituras, produção textual, saraus e exposição de resumos sobre livros lidos. A comunidade ficou tão empolgada com a iniciativa que resolveu, de forma conjunta, inscrever um grupo de 15 alunos no *IV Seminário de Ler Literatura: aprender e viver*, no qual os acadêmicos fizeram exposição oral do projeto e os alunos apresentaram algumas de suas produções textuais.

O que prejudicou o andamento do projeto foi o fato de que apenas um dos pesquisadores era lotado na escola. E mesmo com a ampliação do acervo, no ano seguinte à culminância do projeto, ficando o espaço de leitura sob a responsabilidade de um funcionário da escola, tem-se fragilidade da ação de levar a ler motivado pela transformação do espaço em uma sala de aula, onde uma turma de Educação de Jovens e Adultos passou a estudar, o que dificultou o acesso dos alunos aos livros, resultando no desmonte daquele lugar de ler.

Outro exemplo de criação de espaço de levar a ler em “lugares distantes” consiste no Trabalho de Conclusão de Curso *Criando um espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 km 11*, em Monte Alegre no Oeste do Pará, construído pelas acadêmicas Andria Arcanjo da Silva Araújo e Sandra Elena Couto Meireles. No entanto, por falta de estrutura na escola, principalmente em relação ao espaço, só foi possível construir um Armário de leitura.

O acervo foi adquirido com o apoio coletivo, pois as obras foram doadas por pais, comunitários e funcionários da escola. Tais obras somadas as que já estavam na escola, pertencentes ao Pnaic, somando-se 986 exemplares. As atividades foram desenvolvidas com uma turma de 6º ano, mas o acesso aos livros ficou disponível aos demais alunos da escola. As atividades do projeto eram realizadas nesta turma, às quintas-feiras, durante as aulas de Língua Portuguesa, num período que compreendeu março a outubro de 2014. Foram realizadas leituras de livros de literatura e a escrita do que mais os alunos gostaram ou não a partir das leituras, depoimentos de adultos-leitores sobre suas experiências de leitura e a leitura pública das obras, atividade realizada pelos alunos na área da escola.

¹⁰ Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa.

Já na segunda fase do projeto, ainda em 2014, os livros eram lidos pelos professores e alunos, em voz alta, nos espaços da escola. Em vista disso, os empréstimos aumentaram e alunos de outras turmas passaram a se envolver no projeto. As atividades de práticas de leitura se espalharam por outros espaços internos e externos à escola: barracão comunitário, refeitório e sala de informática.

Apesar de o projeto não ter se encaixado nos “moldes” dos projetos de criação de levar a ler, pois o que se constituiu foi um armário com livros, este foi o que mais prosperou como formação de leitor.

O projeto esteve parado por um tempo, mas permanece e conta com a adesão de outros professores, ainda que com poucas atividades. Adquiriu-se um terreno - com recursos próprios dos comunitários - para construção da biblioteca, no entanto, o projeto arquitetônico que foi apresentado à câmara foi arquivado por falta de recursos e com a justificativa de haver outros lugares com maior necessidade do que o KM11. Recentemente, por meio de um programa governamental, *Brasil na escola*, busca-se recursos para a construção do espaço, bem como a tentativa de, por meio do Conselho escolar, viabilizar a obra.

Em sua tese de doutorado, *“Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará”*, Zair Santos (2016) buscou entender as possibilidades e os limites de levar a ler em “lugares distantes”. O pesquisador teceu discussões sobre a prática da leitura e elaborou questionamentos sobre levar a ler, direito à leitura e à literatura e narrou os processos de vida e de formação dos professores que desenvolveram espaços de ler. “Por que transformações passaram os agentes e os lugares e, além disso, quais as possibilidades e limites de levar a ler nestes locais?” (Santos, 2016, p. 126). Tal estudo permitiu ao professor-pesquisador reflexão sobre sua prática pedagógica de professor, o ser professor. Como metodologia, aplicou-se a pesquisa-ação, de modo que se apropriou das narrativas dos TCC’s mencionados, de entrevistas semiestruturadas, de visitas às comunidades onde funcionavam os projetos de levar a ler a lugares distantes e de anotações de pesquisa de campo.

Por questões diversas, dos três projetos de intervenção tratados na tese, apenas um continua em atividade, mesmo com precariedade. Esta tese gerou outros trabalhos, dentre os quais a dissertação de Alessandra Maria de Mesquita, que tinha como objetivo investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Professora Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre, Oeste do Pará. Resultaram na dissertação *Leitura e biblioteca escolar: Uma proposta de levar a ler em “lugares distantes”*. Foram desenvolvidas

atividades do primeiro semestre de 2017 a outubro de 2018: encontro com os professores, Baú Literário, Hora da leitura, oficinas de leitura, conhecendo o autor, Bolsão de Indicação Literária, Mural Propaganda da leitura, Vídeo de autores, Carta de Recomendação Literária, Visita a Bibliotecas de outras escolas, Sarau Literário, Perfil da biblioteca em rede social. As atividades foram realizadas com o propósito de apresentar a leitura na escola pensada enquanto um direito do cidadão (Mesquita, 2019).

Mesquita (2019) apontou entusiasmo da escola em utilizar a biblioteca e realizar atividades de leitura com os alunos, algumas ações desenvolvidas foram contínuas, mas não coletivas. Por fim, a pesquisadora reflete sobre a necessidade do apoio do poder público à implementação, permanência e funcionamento das bibliotecas, além do engajamento da comunidade escolar e sociedade em geral como forma de se firmar essas ações como propostas mais sólidas. Após um ano da inauguração da biblioteca, algumas mudanças positivas foram acontecendo, apesar de um curto período fechada. Com a insistência de professores e alunos, a biblioteca encontra-se funcionando com dois servidores contratados pela secretaria de educação daquele município.

Alessandra Mesquita apresentou trabalhos na linha de ação de levar a ler em lugares distantes em vários eventos, como VII Seminário do Lelit; VII Jornada Acadêmica da Ufopa; VI Seminário de Pós-Graduação da Ufopa; II Seminário de defesa de dissertação do Profletras. Publicou artigos: *Levar a ler em – lugares distantes: uma proposta de leitura*, Leia Escola (2019), *Espaço de leitura: levar a ler em lugares distantes*, Revista Leitura (2020).

Outra dissertação realizada na prática de levar a ler em “lugares distantes” foi a pesquisa realizada por Raimundo Edivandro Alves de Vasconcelos¹¹ (2018). Trata-se da retomada do trabalho desenvolvido em 2014, na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva na Comunidade da CANP, município de Monte Alegre. A proposta era investigar as possibilidades (condições e limites) de formação de leitor em escola rural, por meio da criação de espaços e ações de levar a ler literatura, numa atitude coletiva, participativa. Por que uma escola com quase mil alunos e um corpo docente com boa formação acadêmica não dispunha de biblioteca e nem de programa sistemático de leitura literária?

O pesquisador utilizou a pesquisa-ação a qual teria a possibilidade de transformação da realidade escolar e social, fazendo com que os participantes se tornassem coautores e sujeitos ativos na construção do conhecimento que fora produzido concomitantemente à

¹¹ Mestre em Letras pelo Profletras (2018), Ufopa.

intervenção. Alguns instrumentos utilizados para a constituição do corpus foram: observação, entrevista, palestras, memórias, relatos orais, (Vasconcelos, 2018). O pesquisador indaga sobre a desvalorização da leitura nestes lugares distantes, cujos direitos básicos não foram superados. É um desafio a permanência e compreensão da biblioteca como lugar de formação e irradiação de leitura e não apenas de entretenimento.

Após um ano de criação, o “Espaço de leitura Professora Maricota”, Vasconcelos (2018) descreve, nas conversas com os professores e alunos, o que ouvia, quando se tratava de leitura, era que ler é importante, que ler faz mudar de vida, que ler torna aluno bom escritor. A leitura era vista como prazer, viagem, gosto.

Vasconcelos (2018) enfatiza os desafios da permanência do trabalho, as dificuldades de abranger o coletivo e esclarece que, para compreender as transformações é necessário tempo maior de observação. O curto período da pós-graduação não é suficiente. Porém, a maior transformação aconteceu com o próprio pesquisador-investigador, suas reflexões sobre a leitura mudaram de ângulo, do pragmático para o formativo.

Seguindo a linha de pesquisa do levar a ler em “lugares distantes”, temos a pesquisa de Rosilene de Araújo Farias¹² *Biblioteca ativa na escola pública: o espaço para formar mais que o leitor*, vivenciada em 2017. A pesquisa participante foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora, no município de Itaituba-Pará, com a finalidade de revitalizar a biblioteca e torná-la centro de leitura, por meio de ações planejadas, que atendessem a comunidade escolar. Tal projeto foi objeto da dissertação de mestrado *O protagonismo da biblioteca escolar: Ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da cultura letrada* (2019).

Após as ações desenvolvidas, que duraram dois anos (abril de 2017 a dezembro de 2018), a pesquisadora pôde relatar algumas conclusões. As mudanças na escola após a revitalização são visíveis. A lotação da pesquisadora como professora na escola foi crucial para o fortalecimento do projeto, que, concomitantemente, fortaleceu a realização de um sonho, pois a reconstrução e a revitalização do espaço de leitura estavam intimamente ligadas à sua pesquisa, o que deu mais credibilidade ao seu trabalho e segurança para acreditar que seria possível desenvolvê-lo, apesar das dificuldades.

Uma das primeiras dificuldades encontradas foi que se criou dentro da escola a imagem de que tal projeto era mais um elemento do “mestrado da professora” que daquela

¹² Mestra em Letras pelo Profletras (2019), Ufopa

instituição de ensino, o que a fez entender que iria para aquele lugar não apenas para mudar um espaço estrutural, mas as ações rotineiras da escola. Iniciou-se, assim, uma tarefa maior, que ia além de ampliar, pintar e organizar a biblioteca. Era preciso fazer com que as pessoas entendessem que as ações de levar a ler precisavam estar à frente.

A pesquisa, apesar das dificuldades, atingiu seus objetivos: a reconstrução da biblioteca teve êxito e é uma das mais bem estruturadas do município de Itaituba; houve um crescimento progressivo na frequência da biblioteca por parte dos alunos. Foi notável o interesse pela leitura, a partir das ações executadas no espaço da biblioteca.

A biblioteca da escola A Mão Cooperadora tornou-se a protagonista desse grupo escolar. Por outro lado, o projeto apresentou limitações importantes para o sucesso completo da pesquisa. Uma das limitações reside no fato de não ter conseguido motivar de maneira satisfatória a todos, especialmente quem ocupa posição de liderança dentro da instituição - o professor -, fundamental dentro do processo de fazer ler.

Com a finalização da pesquisa, o trabalho continua, e sem desconsiderar o sucesso resultante da execução das atividades, precisa de tempo maior para avaliação mais consistente, pois devido ao envolvimento da pesquisadora com o projeto, ela sentiu a necessidade de um olhar mais distanciado para perceber o todo, o geral, para olhar de outros ângulos a mobilização dos outros personagens. A pesquisadora observou que a intensidade dos trabalhos tirou dela a oportunidade da reflexão sobre as próprias ações. E concluiu enfatizando que por ter tido apenas seis meses para a realização do Projeto e fazer as observações e as análises, ela percebeu que pode ter tirado conclusões precipitadas. Por isso, fica a dúvida: não se sabe se a biblioteca sobreviverá às mudanças que ocorrem no ambiente escolar, se permanecerá ativa dentro da escola. No entanto, o otimismo lhe permite dizer que a biblioteca sobreviverá e frutificará, pois, algumas bibliotecas têm resistido, apesar das inúmeras dificuldades.

Elenca-se ainda na linha de levar a ler em “lugares distantes” o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Letras de Luanna Cardoso Oliveira¹³ “*Espaço de leitura aldeia Nova Vista: leitura, educação escolar indígena e identidade*”. A biblioteca foi inaugurada no dia 20 de abril de 2018, a qual consta com mais de 800 exemplares no seu acervo, incluindo clássicos da literatura nacional e internacional, poemas, peças teatrais, infantojuvenis, biografias. As observações e análises feitas pela pesquisadora após a implantação e

¹³ Mestra em Educação (2020), Doutoranda do PPGE/Ufopa.

funcionamento da biblioteca; resultaram na dissertação de Mestrado “*Leitura e formação: contribuições da biblioteca no rio Arapiuns*” (2020).

Oliveira (2020) procurou compreender quais os possíveis efeitos e transformações sociais produzidos por meio das novas dimensões culturais implantadas através de uma biblioteca escolar na aldeia.

Como estratégia de promover ações de levar a ler, juntamente com professores e lideranças locais, estruturou-se um plano de intervenção de um ano. Neste tecer de ideias, professores e lideranças se propuseram a relatar as dificuldades, relacionando a educação ao contexto no qual se desenvolve, permeado de conflitos e burocracias que afetam diretamente a escola e toda sua organização.

O trabalho de Oliveira (2020) é resultado de um esforço processual. A pesquisadora apresenta relatório de três anos de pesquisa, que caminhou paralelamente à sua formação acadêmica. Após esse período, foi possível fazer apontamentos acerca dos efeitos de levar a ler na aldeia Nova Vista, que possui especificidades culturais, mas tem características comuns a centenas de outros locais, principalmente por se situar à margem, distância não apenas geográfica, mas também de oportunidades, de direitos básicos, como posto de saúde, melhores estruturas da escola, meios de comunicação. As conclusões apresentadas são baseadas em observações registradas no diário de campo, registros fotográficos, conversas informais e atividades realizadas no período de intervenção.

A avaliação das atividades feitas pela pesquisadora foi positiva, pois houve forte participação de professores e estudantes, que, mensalmente, encontravam-se para ler, ouvir e apreciar literatura. As atividades de leitura aconteceram de forma gradual. Iniciou-se com a leitura pública de contos, crônicas, poemas, fábulas. Os primeiros textos não eram longos e priorizou-se a apreciação e a escuta deles. Oliveira (2020) nos relata que as crianças ficavam atentas e impressionadas com o que lhes era lido. Em outro momento, as crianças eram convidadas a socializar suas leituras. De início, ficavam tímidas, mas aos poucos foram adquirindo desenvoltura, fazendo inclusive associações com outros textos.

No fim de sua dissertação, Oliveira (2020) salienta que seria arriscado afirmar que houve transformação coletiva, principalmente porque todo processo de transformação ocorre de forma longa, lenta, e, por vezes, aparece em cada professor. A mensuração dessas ações, principalmente em relação às crianças pode demorar anos, mas que alguns resultados já se observam. Destaca ainda alguns efeitos mais relevantes a serem elencados: alguns docentes passaram a refletir e a falar, inclusive em reuniões, sobre a secundarização das atividades

escolares em prol de outras dentro da aldeia, como torneios e festas; questionaram a falta de debate e desatualização do Projeto Político Pedagógico da escola; refletiram sobre o estreitamento com os pais para melhorar o espaço da biblioteca, observando que este assunto está muito restrito à escola.

Ainda que parcialmente, os funcionários da escola demonstraram comprometimento e participação nas ações, mostrando interesse sobre o que seria feito no ano seguinte. Porém, nenhum professor aderiu ao trabalho voluntário na biblioteca. Persiste entre os docentes a opinião da necessidade de um funcionário exclusivo para este espaço. Entendemos que é válida a necessidade de um funcionário para esse espaço, mas isso não significa que cada professor não possa contribuir para mantê-lo.

Durante todo o tempo de pesquisa, a organização da biblioteca foi realizada pela própria pesquisadora e, em curto período, pela pessoa vinculada ao Programa Mais Educação. A militância em prol da biblioteca na aldeia tem repercutido de maneira que se construiu uma identidade, carinhosamente nomeada de “biblioteca ou projeto da Luanna”. Porém, há um agravante em torno disso: ao designarem um “dono” para este lugar, as pessoas acabam se isentando da responsabilidade pelo espaço.

O olhar sobre todos os trabalhos relatados foi para que eu me situasse no que vinha sendo feito nas ações do levar a ler em lugares distantes, porque para mim era novidade o tipo de pesquisa que faria. Estava entrando no desconhecido, logo, poder ler, estudar e analisar elementos, textos, discursos e avaliar as experiências vividas pelos pesquisadores me fez ver para além do fazer prático, coloquei-me na posição de me inquietar para saber mais e, se necessário, mudar pensamentos, trajetos e refazer caminho. É interessante observarmos que mais que instituir bibliotecas, entregando lugares de ler às comunidades, temos que nos atentar para que se mantenham, eis aí um dos grandes desafios de todos nós que nos propomos a fazer esse tipo de trabalho.

2.5 Biblioteca Escolar

A biblioteca nada mais é que o lugar de livros e da leitura. Logo, é o lugar “em que se reúnem livros, organizados segundo critérios de classificação, dentre os quais se destacam, mais frequentemente, o tema e o autor” (Britto, 2016, p. 79). Segundo a etimologia da palavra, biblioteca seria “depósitos de livros”.

Mas nós sabemos que este espaço é muito mais do que isso, é um centro cultural, onde se podem fazer ótimas descobertas. Para que a biblioteca seja, de fato, um lugar dinâmico e de uso constante da comunidade escolar e para que as práticas sejam significativas, é preciso, em primeiro lugar, que a biblioteca seja frequentada por essa comunidade (Vieira; Fernandes, 2010, p. 107).

A biblioteca escolar é aquela que está na escola (Daher; Farias, 2023). Sendo que existe a Lei 12.244/2010 que diz:

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (Brasil, 2017).

Como esta lei não foi de fato cumprida, houve a ampliação deste prazo com outra lei, “a 9.484/18 para 2024, mas ainda são pouco perceptíveis os movimentos das instituições para seu cumprimento” (Daher; Farias, 2023, p. 76). Vemos que a criação de uma lei para estender o prazo de outra lei não é suficiente para que o direito à biblioteca escolar aconteça. Não desfazendo da importância dos documentos “que cria instrumentos legais para a garantia de bibliotecas nas escolas, mas tão importante quanto sua existência é a reflexão sobre a pertinência e a relevância das bibliotecas no ambiente escolar” (Daher; Farias, 2023, p. 76). Enquanto não houver esse entendimento continuaremos a ver as leis sendo feitas, mas não efetivadas. E as que existem deveriam estar bem estruturadas, pois, segundo Silva (2009, p. 117),

se a biblioteca escolar estiver bem estruturada, tanto física quanto pedagogicamente, servirá à comunidade escolar como um todo: alunos, professores e pais. No caso dos alunos, a biblioteca proporciona-lhes:

- Encontrar seu ritmo e buscar na biblioteca os materiais que mais lhes interessem.
- Permitir que ampliem as explicações da sala de aula, de acordo com seus interesses.
- Ensinar a trabalhar com documentos muito diferentes e em todos os suportes.
- Preparar os alunos para utilizar outras bibliotecas.
- Preparar para o uso de novas tecnologias, para navegar na internet.
- Compreender o mundo.

A partir de políticas públicas para o livro, a leitura e a biblioteca definidas pela Política Nacional do Livro – Lei 10.753/2003 – alguns programas federais foram elaborados, dentre eles o Pró-leitura, Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) e Programa Nacional de Livro Didático (PNLD). O que contribuiu para que os livros começassem a chegar na escola, numa proposta de fazer existir um acervo.

Para tanto a visão do lugar dos livros vem se remodelando (especialmente em torno de discussões sobre a temática). E nessa perspectiva “o acervo de uma biblioteca escolar (considerando sempre o nível de autonomia e de desenvoltura intelectual dos usuários) precisa incluir obras de ciência, história, geografia, psicologia, literatura, artes etc., e organizar-se de forma a permitir percursos formativos mais amplos e densos” (Britto, 2012, p. 57).

a biblioteca escolar ganha destaque como espaço de estudo e de acesso ao conhecimento elaborado. Sua razão de ser não é estimular a leitura pura e simplesmente, qualquer que seja, sendo confundida com espaços de lazer e de entretenimento. As leituras que nascem das relações cotidianas e dos interesses mais imediatos têm outras funções as quais prescindem de acervos organizados (Britto, 2012, p. 56).

Ao longo da história da educação brasileira, percebe-se uma política voltada à manutenção da classe de elite dominante que é privilegiada pelos bens materiais e da cultura escrita. O que só evidencia a estratégia do sistema de produção em manter o capitalismo como ordem econômica. Assim, a escola pública torna-se um aparelho de exclusão de pessoas, de distinção social. A escola tem realizado com louvor a leitura para poucos, uma vez que negligencia ao aluno o direito de acesso ao livro e a leitura, uma vez que biblioteca ainda é artigo de luxo. O que não deveria ser, pois, segundo Daher e Farias (2023, p. 74),

as bibliotecas escolares podem mais, muito mais que incrementar as atividades pedagógicas da escola. Sem desconsiderar seu compromisso institucional, elas podem convidar os estudantes de todas as idades, da Educação Infantil ao Ensino Médio, a olhar para o mundo e para o espaço em que vivemos de maneira mais ampla e elaborada, menos marcada pelas tarefas escolares, ainda que indubitavelmente produtiva em sua formação acadêmica.

Daher e Farias (2023) falam sobre o trabalho educativo que embasa a educação escolar e expõem algumas compreensões sobre a biblioteca escolar: espaço de formação, e não somente para empréstimos de livros; a educação literária deve ser compromisso assumido pela biblioteca, para que os estudantes tenham condições de conhecer e dispor de narrativas literárias. “Além disso, devem realizar atividades, em parceria com professores ou autonomamente, para ler com os estudantes: rodas de leitura, encontros com escritores, oficinas, narrações de histórias...” (Daher e Farias, 2023, p. 75).

Castrillón (2011, p. 79) nos fala acerca da biblioteca de que ela deve

contribuir para encontrar soluções ao problema da desinformação, originado da manipulação que a mídia faz da informação. Da mesma maneira que a sociedade

civil se organiza para conseguir o aperfeiçoamento da qualidade de outros produtos e serviços, ela poderia fazê-lo para exigir melhores condições de informação, e nisso a biblioteca tem um importante papel.

Com isso, a biblioteca escolar se coloca não apenas como uma ação pedagógica importante no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que é um meio de acesso ao livro e a leitura, ela desempenha papel de difusora da cultura escrita. Lugar em que as crianças deveriam estabelecer relações iniciais com os textos escritos e ilustrados. Mas nos atentemos para “no desperdiciemos esta infancia ofreciéndoles lo que ellos ya conocen y lo que los confina y los esclaviza” (Castrillón, 2010, p. 28). É, ainda, um lugar propício para as práticas leitoras e de formação.

3 O CAMINHO TRAÇADO

3.1 Aspectos teórico-metodológicos da Pesquisa

A pesquisa configura-se como uma pesquisa de intervenção, o trabalho está inserido num campo de pesquisa que vem se produzindo no Mestrado Profissional em Letras/Ufopa e no Mestrado em Educação (PPGE/Ufopa) sob a orientação do professor Dr. Zair Henrique Santos.

A metodologia de pesquisa é ponto fundamental em uma investigação. Para Minayo (2001), a metodologia nada mais é do que o caminho do pensamento e da prática realizada na abordagem da realidade, o que inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas com o instrumento a ser definido e o potencial do investigador, sua criatividade.

Logo, o estudo que se faz é resultado de uma pesquisa que tem como enfoque o estudo da intervenção de uma proposta de levar a ler em dado lugar distante dos grandes centros urbanos irradiadores de cultura. O projeto de pesquisa que norteia o estudo tem como principal objetivo investigar transformações culturais resultantes da criação da biblioteca escolar como espaço de desenvolvimento de ações coletivas de ler em uma escola de comunidade rural. Assim, o procedimento metodológico adotado consiste numa pesquisa de intervenção, que se assemelha ao que David Tripp (2005) chama de pesquisa-ação.

Pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”, e eu acrescentaria que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.) (Tripp, 2005, p. 447).

A presente pesquisa por ser na área da educação compreende o que Tripp (2005, p.445) chama de “pesquisa-ação educacional [...] uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Na sua dissertação de mestrado *Leitura e formação: contribuições da biblioteca no rio Arapiuns*, Oliveira (2020, p. 68) se reporta à pesquisa-ação enfatizada por Franco (2005), na perspectiva de instituir um lugar de ler com os moradores e não para os moradores, sendo

necessária a compreensão do tipo de trabalho a se desenvolver, “os processos que buscaríamos construir com a comunidade e o tempo que teríamos para a pesquisa”. Os fatores relacionados por Oliveira (2020) são imprescindíveis para a pesquisa-ação.

Desta forma, este trabalho usa como estratégia principal a investigação do desenvolvimento da aplicação do projeto de intervenção, utilizando a leitura como meio para promover o ensino e a aprendizagem.

A intervenção caracteriza-se como o tipo de pesquisa educacional que usa práticas de ensino inovadoras, pensadas, planejadas e em constante avaliação, com a finalidade de compreender e ampliar as aprendizagens dos estudantes. Por isso, as atividades desenvolvidas no projeto devem estar em parceria com o corpo escolar – alunos, professores, coordenador(a) pedagógico(a), técnicos, secretário(a) escolar, diretor(a), vigias, merendeiras, serventes, pais – e os demais agentes sociais – comunitários em geral numa ação participativa e coletiva.

A proposta é investigar as possíveis mudanças na realidade da comunidade e da escola, de forma que os agentes sociais se percebam como agentes ativos no processo de construção do conhecimento, ou seja, autores de suas próprias histórias. As atividades de intervenção foram pensadas, articuladas e construídas a partir de leituras e diálogos. O censo do livro (consiste em saber se há livros nos lares dos comunitários e como são utilizados) foi iniciado com a colaboração de alguns alunos do ensino médio, pessoas da comunidade que trabalham na escola, mas o próximo passo para se ter mais celeridade no processo e dar autonomia para os envolvidos na pesquisa, é a continuação do trabalho, a partir de orientação aos componentes da escola, para que se sintam parte do processo.

O trabalho do professor-pesquisador está em constante processo de estudo para que se tenha boa base teórica e suas práticas tenham um subsídio. Os dados prévios e as informações obtidas nas reuniões permitiram estabelecer estratégias de ações, uma proposta de trabalho coletivo com propósito de melhoria na relação com as práticas leitoras.

No primeiro momento, como já mencionado, fez-se o censo do livro e percebeu-se que há casas em que há bastante livros, de variados gêneros. Esse trabalho é importante para entendermos de que forma a comunidade se relaciona com a cultura letrada; outro passo é a oferta para os professores e comunitários de cursos de formação que abordem a leitura em uma perspectiva omnilateral; rodas de conversa, caderno de campo; discussões coletivas para observarmos a relação das pessoas do lugar com a construção da biblioteca.

No segundo momento, tem-se o trabalho prático pedagógico, intervindo sobre a realidade encontrada. Para que se tenha o pleno desenvolvimento do projeto interventivo é

necessário atentar para ações prévias a serem aplicadas, fundamentais para a preparação do contexto. As ações compreendem o levantamento do acervo, a formação de pessoas para o trabalho de classificação dos livros, organização do espaço, regimento e o uso do espaço de leitura e os empréstimos. A adesão e a participação da comunidade para o desenvolvimento do trabalho têm sido essenciais, pois, segundo Franco (2005, p. 498) “a construção da dinâmica do coletivo tem por perspectiva sensibilizar o grupo de práticos para a cultura da cooperação. Isso não é tarefa fácil”.

Faz parte da proposta de intervenção a criação da biblioteca de forma coletiva e participativa, propiciando um lugar onde os alunos e comunitários possam ter acesso aos livros e desenvolvam práticas leitoras. As práticas leitoras foram efetivadas no ambiente da escola e aos poucos na biblioteca, ocorrendo também de forma itinerante com grupos de pessoas que fazem circular as leituras na comunidade ou com empréstimos de obras. A participação efetiva da escola é bem importante, pois, em conjunto, faremos saraus, palestras, rodas de leitura, leitura de pais de alunos e outros comunitários, além de feiras de leitura e de literatura.

As ações interventivas são monitoradas e observadas para posterior descrição. O terceiro momento, é quando a professora-pesquisadora faz a descrição do trabalho desenvolvido e os resultados das ações sobre a realidade contextual, além de observar as possíveis mudanças resultantes das ações de leitura realizadas a partir da criação coletiva da biblioteca.

Temos, então, a avaliação das ações que se dará ao longo das atividades e ao final da intervenção para verificar os pontos positivos e negativos das práticas, levando à reflexão do que mudou, se houve transformações e como ocorreram e o que precisa ser melhorado. A proposta de intervenção não deve ser encerrada com a conclusão do mestrado. Após a avaliação, que deve ocorrer coletivamente a cada dois meses, teremos caminhos a serem feitos ou refeitos, de modo que as práticas leitoras continuem a ser desenvolvidas. Como trabalho na região do Curicaca, há possibilidade de continuar com as atividades em torno da leitura tanto na escola quanto na comunidade.

3.2 Produção de Dados

No trabalho desenvolvido, utilizou-se a dinâmica da pesquisa de intervenção, uma vez que, apesar de eu estar constantemente presente na escola, não sou funcionária dela. O estudo

tem caráter analítico. Na produção de dados da pesquisa, utilizamos como fontes de informações na investigação: 1. A observação da vida escolar; 2. O caderno de campo para registro das observações (uma curiosidade e medo foi perdê-lo numa das viagens de travessia da comunidade para Santarém, fiquei duas semanas em agonia até a recuperação dele); 3. Reuniões e entrevistas - não apenas com a gestão, mas com professores; 4. Conversas informais com as pessoas que integram a escola; 5. Observação do cotidiano, do espaço de leitura, atentando para a utilização do espaço, a participação da comunidade escolar e a dinâmica da escola a partir da implantação da biblioteca.

Para a observação do cotidiano escolar, tenho como base roteiros utilizados por Alessandra Maria de Mesquita (2019) – e que foram adaptados para aplicação, onde é abordado a localização da escola, o público atendido, a estrutura das turmas (quantidade de alunos, readequação da sala de aula), a estrutura do prédio, o ambiente escolar quando se iniciou a pesquisa e como está, se já havia sala destinada à biblioteca antes da proposta e implantação do projeto, qual era o acervo da escola, por onde estava, se já era usado e, se sim, como era utilizado. A partir disso, consegui entender e conhecer o funcionamento da escola, os seus recursos didáticos (data show, mapas, aparelhos eletrônicos diversos - vídeos, computadores, entre outros), Projeto Político Pedagógico (PPP) ainda em fase de ajustes, algumas ações do conselho de classe e reuniões pedagógicas, os projetos elaborados e desenvolvidos pela escola no decorrer dos anos e quais atividades de leitura a escola desenvolve.

O Caderno de Campo (Diário de Bordo) foi meu companheiro de sempre pois nele há anotações, registros fundamentais da pesquisa. Os detalhes, os relatos, as observações se deram não somente quando estive na escola, mas também no tempo vago fora dali, quando busquei as reflexões do que vi, ouvi e vivi. Foi quando realmente pude pensar melhor e analisar as vivências para a escrita da dissertação.

As reuniões e entrevistas com a gestão e os professores, no período de produção de dados, foram para adquirir informações necessárias à análise e à discussão da temática estudada. A partir das reuniões com a comunidade escolar, organizei as entrevistas com perguntas abertas e em conversas informais. Fui entendendo o cotidiano escolar, por meio dos depoimentos e a observação do dia a dia da escola. Embora tenha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, achei melhor não mostrar na análise a identidade dos professores. Estabeleci, portanto, o termo Professor 1, Professora 2 e assim por diante.

A vivência no espaço de leitura é material usado na pesquisa. Com o roteiro organizado, obtive a informação que a escola não tem projeto de leitura definido e em funcionamento. Aparece no Projeto Político Pedagógico (PPP) ações relacionadas ao “Sarau” que ocorre anualmente, porém apenas é citado que se pretende trabalhar a leitura, desenvolvimento cultural e intelectual dos discentes, apesar de todo trabalho coletivo para a realização do sarau, na prática ainda se percebe um trabalho sutil em torno da leitura.

Em anos anteriores ao início da pesquisa, eu já vinha observando e até participando de alguns saraus da escola e sempre fico a pensar sobre como eles se desenvolvem. Há um envolvimento de toda a escola, até porque o evento se dá para a apreciação de toda a comunidade e não só a local, mas com participação das comunidades adjacentes, pois os alunos que compõem a escola moram em diversas comunidades. O trabalho começa já em meados do segundo bimestre e vai sendo organizado ao longo dos meses até o dia da mostra que, nesse ano de 2023, deve ocorrer no mês de novembro. Em uma das reuniões para o encaminhamento do Sarau 2023, tivemos uma conversa sobre o porquê de se fazer um trabalho em que a leitura apareça mais.

Uma reflexão que eu faço é quanto à leitura, que apareceu timidamente na programação do Sarau de 2022. Dialogamos sobre isso com a equipe escolar, onde falou-se sobre todas as dificuldades que foram encontradas em meio a pandemia de Covid-19. Observei um grande volume de mostras de danças - e que se voltavam mais para a leitura como apreensão de conteúdo escolar ou para leituras soltas de poemas, produção de paródias. Não que a leitura não possa servir para tanto, mas e para o que mais ela poderia servir? São coisas a se pensar. É necessário considerar que o estudante tem que se envolver sim nas mais variadas ações escolares e isso inclui o ler para a formação do ser humano, de maneira que se chegue e garanta o direito à educação. Por isso, são realizados ajustes no PPP da escola para que a biblioteca, em breve, seja um espaço efetivado e as leituras também partam desse espaço.

Ainda falando do roteiro da vivência na biblioteca, busco por meio dele descrever as ações propostas quanto à leitura na escola e na biblioteca, reorganização e organização da sala (fotografias mostrando como era o espaço e depois como ficou organizado, posição do mobiliário, o chão emborrachado), conforto (relato e descrição do ambiente: temperatura, iluminação, o espaço e a quantidade de alunos, a dinâmica para atendimento dos que frequentam o local e para as ações desenvolvidas com os estudantes no espaço), se os professores utilizam a biblioteca, quais professores são, como fazem e para quê, sobre o

mobiliário (quantidade de móveis, se foi adaptado ao tamanho dos alunos e ao tipo de ações propostas no espaço), quanto à conservação e limpeza (como é a manutenção da sala), como se dá o conhecimento desenvolvido na escola, as atividades se dão de forma coletiva, por meio de disciplinas que se interrelacionam ou de maneira fragmentada, quais os materiais didáticos disponíveis no espaço (livros, revistas, mapas, artes plásticas), da organização do tempo (qual a rotina da biblioteca, os professores dividem o tempo para as atividades e como o fazem, como funciona a questão da disponibilidade para visita e retirada de livros) e, por fim, as regras de comportamento e convivência no espaço.

Da observação da vivência na escola, o roteiro se dá nas questões mais estruturais, como meio de ter um material que auxiliasse na caracterização da instituição escolar. E, para finalizar, tem-se a observação do espaço de leitura a partir de sua implantação e efetivação, evidenciando a atuação das pessoas lotadas na biblioteca, usuários (internos e externos à escola), consulta, retiradas e devoluções de livros, uso do local pelo corpo docente e discente, ações de leitura desenvolvidas, satisfações e inquietações, e como este espaço interferiu na vivência escolar. Todos os instrumentos citados foram úteis para obtenção de conteúdos que serão analisados em categorias na sessão 3 *Uma proposta de levar a ler em lugares distantes: reflexões*. No tópico seguinte, passo a descrever as fases pelas quais a pesquisa passou.

3.3 As Fases da Pesquisa

O trabalho de pesquisa perpassa três fases: a fase de organização da pesquisa, o trabalho de campo e o tratamento de todo o material produzido. Para se estabelecer esse caminho tive que ir em busca do que fazer e como fazer. Minayo (2001, p. 26) nos fala sobre o trabalho em espiral cujas ações começam a partir de um dado problema ou perguntas e se estende até se obter “um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações”, num movimento intenso.

3.3.1 Fase de Organização da Pesquisa

O ponto de partida desse trabalho foi a primeira conversa (ou orientação), que eu tive de forma virtual com meu orientador, o que aconteceu logo que foi divulgada a lista dos orientadores e orientandos pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), esse contato foi fundamental, pois estávamos em plena pandemia de Covid-19 e havia muitas

incertezas quanto ao futuro, e empreender um trabalho deste tornava-se mais desafiador. A partir do primeiro contato, pude compreender um pouco das pesquisas que já vinham se desenvolvendo dentro da Ufopa, especialmente, as pesquisas vinculadas ao Profletras e ao grupo de estudos do Lelit, as primeiras indicações de leitura as quais eu fui realizando foram norteadoras para o começar a pensar a nossa pesquisa, alguns textos me foram passados em arquivo e outros eu busquei nos repositórios do Profletras e em outros repositórios.

O que agregou muito para o meu pensar e fazer pesquisa - além das aulas durante o primeiro semestre de 2021 – foram as orientações coletivas, a partir de orientações em grupo, onde fui acolhida pelo grupo de estudos Lelit desde os primeiros passos no mestrado. As orientações individuais foram importantes, mas a experiência da vivência de orientação em grupo abre mais os horizontes ou nos instiga e traz mais questionamentos, o que são coisas positivas, pois nos inquieta a buscar mais respostas ou a fazer mais perguntas. O fato de poder ouvir os relatos de diversas pessoas que apresentam o seu trabalho e os diálogos sobre os teóricos acerca dos temas trabalhados contribuem para o fortalecimento dos membros do grupo. A orientação em parceria, com a possibilidade de falarmos sobre nossas pesquisas, torna-se produtiva porque trabalhamos juntos em busca de conhecimento, expondo e compartilhando informações, temas, dúvidas, limites e desafios de se fazer pesquisa, nos permitindo avaliar o que se tem pesquisado, as pesquisas que dialogam entre si e as que nem tanto.

A fase de organização da pesquisa foi o momento dos questionamentos iniciais sobre o objeto a ser estudado, a busca dos pressupostos e das teorias que dariam suporte à construção do projeto e às questões em torno das ações a serem elaboradas, fase esta que foi relevante para o desenvolvimento da próxima. Logo, a primeira fase, foi onde dediquei-me à elaboração do projeto de pesquisa. O estudo começou em meados do primeiro semestre de 2021, com alguns levantamentos acerca de teóricos, bibliografias, textos e leituras sugeridas pelo orientador para embasar a pesquisa, além de outras leituras que fui descobrindo. No início do segundo semestre de 2021, pus-me a pensar e começar a escrever os projetos de pesquisa e depois de intervenção. O de intervenção foi bem depois porque precisava fazer isso com a participação e sugestões da comunidade Curicaca.

O projeto de intervenção *Literatura na escola: ações de ler* se justifica pela importância da leitura para construção da pessoa humana, de sua personalidade e do seu direito à leitura, pois segundo Castrillón (2011, p. 15), deve-se ter um projeto político que tenha a convicção que “ler e escrever é um direito dos cidadãos, direito que devemos fazer cumprir e que, por

Ao pensarmos as atividades, acreditávamos ser possível executá-las tal qual planejamos, porém quando vamos para as vivências há sempre o que se repensar, modificar e adequar.

Algumas ações foram necessárias serem feitas antes da aplicação do projeto de intervenção em si, conforme foi apresentado nos quadros anteriores, como a própria elaboração do projeto que passou por modificações a partir de conversas com o corpo escolar, uma vez que era preciso levar em consideração as realidades do lugar, os planejamentos já existentes, o calendário e as atividades já pré-estabelecidas, a busca dos livros que havia na escola, adequação de algumas prateleiras da sala de arquivo para colocar os livros encontrados nos mais variados espaços da escola. Depois iniciamos a catalogação dos livros, organização do espaço físico da biblioteca.

As atividades ocorreram até o início de 2024, por necessidade de algumas mudanças no calendário escolar. Ênfase que as ações do projeto se estenderam até abril de 2024, o que ficou um pouco corrido, considerando o prazo inicial que havia para análise e finalização de escrita da dissertação e posterior defesa. Eu, porém, espero permanecer envolvida nas vivências da escola e da biblioteca, contribuindo com a dinâmica escolar, observando as ações feitas pelo corpo escolar, especialmente, pelos professores.

Desde a elaboração do projeto de pesquisa já pensava nessa perspectiva de continuar a observar os próximos passos, a partir da instituição da biblioteca, para que possamos ter um olhar mais atento sobre as pesquisas que se desenvolvem nos espaços de levar a ler em lugares distantes, saber se a biblioteca foi assumida como parte da escola e da comunidade.

A permanência nas ações da biblioteca é um compromisso assumido por mim desde antes de sabermos se a biblioteca existiria realmente. Assim, desejo seguir por mais anos na escola. Tentar mostrar que a biblioteca é de todos nós e o fortalecimento da aliança entre os integrantes da escola/comunidade é ponto relevante para se manter o espaço vivo, que a escola se aproprie das ações, pense e crie outras ações permanentes em torno de levar as pessoas a lerem.

3.3.2 Trabalho de Campo

O local de pesquisa foi definido a partir de uma conversa com meu orientador. Avaliamos a minha proximidade e convivência com a comunidade de Curicaca - lugar em que atuo, desde 2013, como professora de língua portuguesa do Ensino Médio, sempre ativa nas

interações do Ensino Médio com o Ensino Fundamental. Observamos que há uma carência de espaços de leitura no município, uma realidade que permeia tanto a zona urbana quanto a rural.

Ao longo do percurso, passamos por algumas mudanças necessárias. De início, pensamos em criar uma biblioteca comunitária, já que não havia uma nem mesmo na escola. Na visita que fiz com meu orientador ao lugar, constatamos um movimento interno de concluir uma construção destinada para a morada de professores do Sistema de Organização Modular de Ensino - SOME¹⁴. O espaço se encontra abandonado há mais de 10 anos e, se não for recuperado, poderá ser perdido. Havia um movimento de tomar posse daquele espaço, o que originou um abaixo-assinado requerendo o espaço para a biblioteca - uma biblioteca comunitária como um lugar de ler e irradiar leitura, uma biblioteca que atendesse não somente ao público da escola. Surgiu então a ideia de construir uma biblioteca com e para a comunidade do Curicaca.

O abaixo-assinado estendeu-se, acrescentando o pedido de construção do muro da escola e uma quadra poliesportiva coberta. Conversamos com a secretária de educação do município. Explicamos sobre a pesquisa, a possibilidade de se fazer a biblioteca no referido espaço e ela mostrou-se aberta ao diálogo. Entregamos o abaixo-assinado ao poder público municipal na pessoa da secretária de educação, e esperamos um bom tempo para obter alguma resposta.

Por questões de cunho burocrático, uma vez que não se obteve resposta positiva da prefeitura sobre a doação do terreno onde estão as ruínas da casa inacabada, não foi possível mexer na estrutura do espaço. Desta forma, traçamos novos pensamentos. Veio-nos a ideia de se instituir a biblioteca dentro da escola, o que acarretou outros movimentos internos, novas conversas. E a escola, assim, mostrou-se aberta a seguir a pesquisa conosco.

A escola E.M.E.I.E.F. Dulcinéia Campos dos Santos Sá está localizada na comunidade Curicaca, zona rural do município de Alenquer-PA, interior da Amazônia, distante 48 quilômetros da sede do município, e distante da capital paraense 673 km em linha reta. (Mapa 1). A escola é o centro social do lugar e atende mais de 400 alunos regulares e os alunos das

¹⁴ Sistema de Organização Modular de Ensino foi criado em 1980, no Estado do Pará, com o intuito de levar a educação básica às comunidades rurais ribeirinhas que se encontram mais distantes dos centros urbanos. De acordo com a Secretaria Executiva de Educação (SEDUC), o Sistema de Ensino Modular “configura-se como uma estratégia para levar o ensino médio para as localidades de difícil acesso ou com dificuldades estruturais por conta da localização, mas só passou a fazer parte da SEDUC em 1982” (Pereira, 2016).

10 escolas integrantes, além de mais de 100 alunos do ensino médio do SOME, ultrapassando os 600 alunos, além dos demais comunitários.

Mapa 1: Localização da comunidade Curicaca – Alenquer/PA



Fonte: Google Earth.

Apesar do grande contingente de pessoas assistido, uma vez que é uma escola polo, foi inquietante saber que não havia uma biblioteca para que a comunidade escolar tivesse suporte e apoio à pesquisa e à leitura. O acesso ao livro se dá quase exclusivamente por meio do livro didático e as pessoas que não podem ir à escola têm o acesso mais limitado ainda, pois a própria situação social – uma comunidade formada, na maioria, por agricultores de subsistência e por pescadores – colabora para a não prioridade de aquisição de livros, revistas, outros materiais de leitura. Mas, sim, a preocupação primeira com o bem-estar socioeconômico, a relação das pessoas com a leitura ainda é vulnerável, pois precisariam perceber como pessoas que se constroem dentro de seu espaço a partir da vivência com as leituras diversas, abrindo-lhes possibilidades de intervir na sua própria realidade, de situações comuns do dia a dia que afetam não apenas uma pessoa, mas a coletividade, o meio ambiente e suas gerações.

A não existência de um espaço de leitura na escola foi determinante para a decisão de se fazer a pesquisa ali. Outro fator importante foi a localização da comunidade, que fica distante da sede do município cerca de 48 km. Boa parte do caminho é dentro da vicinal do Cuamba, que tem sido pavimentado, mas que ainda tem trechos de chão, com dificuldades de acesso. No verão, intensa poeira e, no inverno, lamas, transbordamento de trechos, crateras abertas. Dependendo do meio de transporte, uma viagem que poderia ser feita em uma hora e meia pode estender-se para mais de duas horas. Para quem desejar chegar à comunidade partindo da cidade de Alenquer/PA, há ônibus da própria comunidade que faz linha quase todos os dias. No entanto, o tempo de viagem costuma ser demorado, pois existem paradas

diversas nas comunidades que existem ao longo do trajeto. A escola está localizada numa das comunidades mais populosas da região rural de Alenquer, pois abrange comunidades adjacentes; o que se chama de grande área do Curicaca.

Observou-se que a comunidade também, desde a nossa primeira reunião com a presença do prof. Dr. Zair Henrique Santos, mostrou-se muito receptiva com a possibilidade de formar parceria com a Universidade e desenvolver conosco a pesquisa, mesmo com as incertezas do que viria, pois, é possível observar no registro dessa reunião que não havia muita gente porque ocorreu no fim do primeiro semestre de 2021 e ainda havia muitas restrições em virtude da Covid-19. Conseguimos nos reunir com um número reduzido de profissionais que estavam fazendo rodízio de trabalho, uma vez que não se podia ter aglomerações. O total de profissionais da escola somava nove pessoas - o diretor, a vice-diretora, as duas coordenadoras pedagógicas, duas professoras e três serventes.

Figura 1: Reunião na escola para discussão do projeto de pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O fato também da escola ser bem grande, considerando estar distante da cidade, chamou-nos atenção, pois havia muitas pessoas em torno da escola, não apenas alunos, e bastante livros em vários ambientes. Mas não percebi nas conversas e observações com pessoas do ambiente escolar um trabalho para utilização do acervo e o desenvolvimento de ações de ler.

Nestes meus 14 anos como professora, eu sempre quis fazer algo a mais por nossos estudantes e a escolha da escola Dulcinéia trouxe-me grande satisfação porque é a escola em que atuo por mais tempo. São 10 anos de convivência com a comunidade, não apenas com a

escola. Os laços estabelecidos me fazem ter mais ânimo para seguir enfrentando os desafios do fazer educação neste país.

Ao realizar uma breve investigação sobre a realidade do município de Alenquer acerca de bibliotecas e espaços de leitura, percebi que apesar da relevância da leitura - na escola e fora dela - para o crescimento intelectual do ser humano, boa parte da população não tem lugares que levem a ler no espaço escolar, mesmo com a institucionalização da lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que estabeleceu a obrigatoriedade das bibliotecas nas escolas do país, não há um compromisso em fazer a lei ser efetivada.

3.3.2.1 Caracterização do Lugar da Pesquisa

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dulcinéia Campos dos Santos Sá (Figura 2) foi fundada em 27 de abril de 2003, localizada na rua Anjulina Guimarães, Localidade Curicaca S/Nº, Meio Rural do Município de Alenquer, na gestão do excelentíssimo prefeito Sr. João Damasceno Filgueira e sua secretária de Educação Roselita Cardoso Santiago.

A escola leva o nome da senhora Dulcinéia Campos dos Santos Sá, uma mulher simples, prestativa e que tinha como atividades o trabalho doméstico, a pecuária e o comércio. Natural da comunidade Água Preta, município de Santarém, após matrimônio com o alenquerense Firmo Antônio dos Santos, mudou-se para residir no quarteirão Curicaca, na comunidade Carmo. Por ser uma figura muito querida pela população local, teve seu nome escolhido como patrona.

A escola atende alunos do PRÉ ao 9º ano (Quadro 2), além de ter salas cedidas para o funcionamento do Ensino Médio Modular – SOME - com três turmas (1ª, 2ª e 3ª séries). O prédio possui doze salas de aulas, sendo uma delas para Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma diretoria, uma secretaria, uma cozinha, uma área coberta, uma sala de professores, quatro banheiros para alunos, um banheiro de acessibilidade e um banheiro para professores.

Antes de sua fundação, há relatos orais de que já havia desde 1928 um lugar onde se podia estudar, geralmente a casa de algum comunitário, e que as pessoas que tinham algum saber mínimo da leitura e da escrita é que ensinavam as crianças. As aulas eram pontuais, por conta da dificuldade de acesso e só ocorriam no período de cheia dos rios e lagos, quando era

possível o deslocamento das pessoas por canoas, pois naquela época não havia ramais ou transportes como carros, motos.

Somente em 1976 as autoridades do município de Alenquer tomaram providências para institucionalizar uma escola, a qual se chamou Grupo Escolar Amadeu Simões, localizada na rua principal de frente para o lago da comunidade. Seu funcionamento deu-se até o ano de 2002, e, de início, não havia um calendário escolar letivo. Existia período letivo, organizado considerando o período de melhor acesso das crianças à escola. Esse prédio existe e atualmente é cedido às turmas do ensino médio modular no turno da manhã e, pela tarde, a escola Dulcinéia utiliza o espaço como salas de aula do Ensino Fundamental, turmas de 9º ano.

Figura 2: Escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Atualmente a escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá atende mais de 600 alunos de quatorze comunidades diferentes, se considerarmos os alunos das escolas integrantes (escolas de Educação Infantil ao 5º ano de comunidades que pertencem à grande área da comunidade Curicaca e que são geridas pela escola Dulcinéia) e os alunos do Ensino Médio. Aquisições recentes da escola foram a construção do muro, uma quadra poliesportiva coberta e a estrutura de uma caixa d'água de 5 mil litros.

A Escola Municipal Dulcinéia Campos dos Santos Sá, neste ano de 2024, conta com um gestor com formação em Pedagogia, uma vice-gestora com formação em Pedagogia e duas coordenadoras pedagógicas. As duas são para atender o polo, as escolas integrantes, e o Programa Novo Mais Educação (uma estratégia do Ministério da Educação de reforço escolar, que objetiva melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental). A escola conta ainda com uma secretária, uma assistente administrativa, um auxiliar administrativo, quatro vigilantes, dez serventes e uma manipuladora de alimentos. O corpo docente da escola está composto por 20 professores, os quais têm formação em áreas

específicas, como Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, Biologia Integrada, História, Geografia, Educação Física, Ensino Religioso e Pedagogia.

A escola tem um corpo docente com formação em sua área de atuação, mas esse fato só iniciou em meados de 2009. Os professores que atuavam ainda não tinham formação específica, pois apesar de a LDB já exigir nível superior, havia o pacto com os municípios que abriram as exceções, permitindo mais tempo para que os municípios formassem os seus professores, o que se intensificou no ano de 2010, com oferta de cursos intervalares (cursos de Nível Superior ofertados em Universidades no período das férias e do recesso escolar).

Quadro 2: Relação de turmas da escola

Educação Infantil (Manhã)

TURMA	SÉRIE	QTD DE ALUNOS
I1MP01	PRÉ I	08
I2MP01	PRÉ II	17

Ensino Fundamental Anos Iniciais (Manhã)

TURMA	SÉRIE	QTD DE ALUNOS
F1M9R01	1º ANO	18
F2M9R01	2º ANO	16
F3M9R01	3º ANO	17
F3M9R02	3º ANO	18
F4M9R01	4º ANO	25
F5M9R01	5º ANO	23
F5M9R02	5º ANO	23

Ensino Fundamental Anos Finais (Tarde)

TURMA	SÉRIE	QTD DE ALUNOS
F6T9R01	6º ANO	33
F6T9R02	6º ANO	32

F7T9R01	7º ANO	22
F7T9R02	7º ANO	24
F7T9R03	7º ANO	22
F8T9R01	8º ANO- A	24
F8T9R02	8º ANO-B	23
F8T9R02	8º ANO-C	23
F9T9R01	9º ANO -A	21
F9T9R02	9º ANO-B	21

Fonte: PPP da E. Dulcinéia Campos dos Santos Sá.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico (PPP), o documento está sendo revisado desde o início de 2023 e nele tem-se a filosofia da escola.

A escola dispõe de alguns espaços e instrumentos de aprendizagem que vão auxiliar no fazer pedagógico para atendimento dos estudantes como livros didáticos e paradidáticos, Datashow, computadores, jogos. Até o ano de 2022, aparecia no PPP (p. 22) como um “problema atual” a falta de uma biblioteca. Para uma escola que deseja ser uma referência em educação no campo no município de Alenquer, esse fator realmente pesa, mas como já citado o PPP tem passado por ajustes e nele já consta a recém-inaugurada biblioteca “Benedicto Monteiro”. Com a biblioteca instituída, espera-se que esta se torne um lugar de irradiar leitura e que, de alguma forma, contribua para a formação das pessoas.

Como parte das ações que costumam ser realizadas, tem-se alguns projetos que movimentam a escola e a comunidade. O “Sarau”, numa busca de trabalhar a leitura, o desenvolvimento cultural e intelectual dos estudantes, é um deles.

3.3.2.2 A Estrutura Física para a Biblioteca

Em observação à grande área da escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá, verificou-se não existir qualquer espaço físico para se ter uma biblioteca. Inclusive o laboratório de informática que é uma sala ampla e arejada, não se constituiu em laboratório, servindo ora

como depósito de livros ora de instrumentos, chegando a ser sala de aula no turno vespertino. O que talvez servisse como um espaço de leitura foi descartado.

A comunidade escolar ficou apreensiva com a possibilidade de não conseguir ter a biblioteca e, por conseguinte, de nós não conseguirmos a efetivação das ações de pesquisa do levar a ler. Foi quando surgiu a proposta de remanejar o arquivo permanente da escola de uma sala não tão grande (para outro espaço) – mas que era bem arejada – para se estabelecer as futuras instalações da biblioteca escolar.

É interessante enfatizar que, em plantão pedagógico, realizado no início de agosto de 2023, com a participação da escola e da família dos estudantes, houve o momento de socialização da proposta de funcionamento da biblioteca no espaço que fora do arquivo permanente, inclusive com a leitura de relatório elaborado pela gestão da escola junto à Secretária Municipal de Educação (SEMED). Neste documento há a exposição de motivos para a necessidade de mudança do arquivo. As famílias apoiaram a proposta de readequação da sala (conforme figuras 3 e 4).

Figura 3: Sala do arquivo permanente



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 4: Futuras instalações da biblioteca



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O espaço da biblioteca não agrega turmas grandes. Como a sala é pequena, a solução foi cobrir o chão com emborrachado para que assim se utilize todo o espaço. Os demais itens para compor a biblioteca ainda estão sendo ajustados.

3.3.2.3 A Busca e a Organização do Acervo

O contato inicial com o acervo da escola foi na primeira reunião na escola, no dia 23 de junho de 2021, quando da ida do meu orientador para que ele conhecesse o espaço escolar, a comunidade e pudéssemos dialogar sobre a pesquisa. Fizemos um tour rápido pela escola, e já conseguimos visualizar livros dispersos (Figuras 5). Depois de adesão do corpo escolar presente em formar parceria conosco no desenvolvimento da pesquisa, foi o momento de organizar o cronograma para as buscas e organização do acervo. Neste primeiro momento já formamos um grupo de WhatsApp para discutirmos tudo que envolvesse a pesquisa e que pudéssemos estreitar os laços entre nós.

O trabalho de retirada dos livros dos mais variados espaços da escola começou em agosto de 2021, com a colaboração de voluntários da comunidade e alguns funcionários da escola, e a companhia de uma parceira pesquisadora do Lelit (Figuras 6, 7 e 8), mas foi em 2022, no segundo semestre, que de fato conseguimos reunir os livros e colocá-los em prateleira na sala do arquivo permanente.

Figura 5: Livros em sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 6: Armário com livros que estavam na sala dos professores



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 7: Livros no laboratório de informática Figura 8: Organização de parte dos livros na sala dos professores



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em nossas buscas, descobrimos que havia muitos livros, na sua maioria didáticos, porque havia chegado nova remessa para os alunos. Pelo levantamento inicial, foram mais de 400 livros de literatura infantojuvenil e juvenil, os quais estavam nas mais diversas salas de aula, sala de informática e sala dos professores. Boa parte dos livros encontrados na sala dos professores estava carimbado, identificando a escola. Além dos livros, encontramos revistas, uma coleção Barsa, dicionários e outros materiais de trabalho dos professores. Somente com a finalização da catalogação do acervo é que teremos a quantidade total de livros. Temos uma prévia de 2090 livros com o carimbo da biblioteca.

3.3.2.4 Atividades de Leitura e Catalogação do Acervo

Conforme o tempo de pesquisa foi passando, observei que a questão pandêmica – que já havia atrasado em um (01) ano o início das aulas do Programa de Mestrado Profissional em Letras – ainda estava afetando o desenvolvimento do trabalho de pesquisa.

O cronograma inicial precisou mudar, as atividades na escola ficaram muito pontuais e não tão contínuas como se almejava. Para tentar manter o vínculo com o corpo escolar, principalmente com os estudantes que vinham, aos poucos, retomando as aulas presenciais, começamos a pensar em um dia de mobilização para levar a ler no ambiente escolar.

Com a parceria de estudantes de Pedagogia da Ufopa, do grupo Lelit, organizamos um roteiro de trabalho do Levar a ler em lugares distantes e fomos à comunidade Curicaca no mês de maio de 2022. A integração e participação da escola nas ações de leitura foram exitosas. O diálogo prévio para estabelecermos turmas e formas de trabalho nos permitiu atender as crianças do Pré I ao 9º ano. Fizemos uma breve fala, em grupos pequenos, com a participação de professores, técnica escolar, vigia, manipuladora de alimentos, serviços gerais. Falamos sobre a catalogação por cores dos livros, para posterior organização do acervo escolar (Figura 9).

Figura 9: Diálogo com os professores da escola



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A experiência de levar o grupo Lelit – algumas alunas do curso de Pedagogia da Ufopa – para ajudar nas atividades de leitura com e para as crianças e adolescentes foi importante. Nos aproximamos deles e de suas experiências de vida e de leitura, os estudantes tiveram acesso às obras literárias do acervo da escola (Figura 10).

Figura 10: Roda de leitura com a parceria do Lelit



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Um fato curioso foi que, para essa ação de leitura, fomos vendo os livros que estavam nas salas (exceto os didáticos) para usar com os estudantes e, ao final do dia, resolvemos deixar os livros em algum lugar mais organizado e arejado. Decidimos pôr em algumas prateleiras da sala que guardava o arquivo permanente da escola para facilitar, no nosso retorno, a catalogação. Agora, esse espaço passou a ser a instalação de nossa biblioteca escolar.

A catalogação do acervo por cores deve seguir o modelo e orientação dos mesmos procedimentos de classificação utilizados na Biblioteca do Lelit *Bartolomeu Campos de Queirós*, do Campus Rondon, que hoje leva o nome de *Moronguetá* – Ufopa. Apesar de, no primeiro semestre, termos feito uma orientação sobre como seria o trabalho de catalogação, somente no segundo semestre de 2023 é que foi retomada a organização dos livros que havíamos separado e dos novos que chegaram na escola, livros enviados pelo MEC, com o recurso do PNL D literário.

O próximo passo foi formar um grupo de pessoas interessadas em participar da orientação sobre como catalogar os livros e, assim, ajudar na divisão dos livros por categoria para posterior catalogação. Conforme as coisas foram acontecendo, o nosso grupo de WhatsApp foi crescendo e se fortalecendo, com a entrada de novos membros como os professores das escolas integrantes, outros parceiros locais e do grupo Lelit/Ufopa.

O meu retorno no último trimestre de 2022 para atuar como professora do ensino médio na escola, permitiu-me fortalecer as interações e movimentos com o corpo escolar e vivenciar de perto a dinâmica da escola.

O trabalho de organização do acervo tem tido o apoio, a colaboração e orientação da mestranda Daiane S. Bezerra Rocha¹⁵. A forma de catalogação por cores foi uma indicação da FNLIJ na organização do acervo da biblioteca do Lelit e que utilizamos como referência na biblioteca escolar da escola Dulcinéia Campos dos S. Sá, em nossa ação de levar a ler. Faremos algumas adequações por termos obras que não fazem parte de categorias pré-definidas. As ações de catalogação e classificação ocorreram a partir de maio de 2023 e ocorrem cotidianamente em virtude da entrada constante de livros na escola.

O programa utilizado é o Biblivre, aplicativo gratuito, que possibilita a catalogação (nome do autor, título, editora, número de páginas e assunto) de livros conforme as leis dos direitos autorais -, o que facilita as pesquisas por autor e livro, favorecendo o controle e a identificação de cada exemplar, além de possibilitar a realização de cadastro do usuário de forma online, modernizando e otimizando o atendimento na biblioteca. Para tanto, solicitamos, por meio de ofício à Semed, um equipamento portátil. O motivo de ser um equipamento portátil diz respeito à grande instabilidade do fornecimento de energia na comunidade. Mas enquanto não temos a solicitação atendida, a catalogação tem sido feita utilizando o meu notebook e temos feito uma organização dos livros em ordem alfabética de autoria, o que tem nos permitido fazer empréstimos. Estamos com o livro de empréstimos impresso, o livro de relatórios diários do movimento da biblioteca e o livro de protocolo de reserva do espaço. Quanto às categorias, a classificação dos livros estará conforme o quadro 3, uma adaptação de classificação feita pelo Lelit.

Quadro 3: Catalogação por cores

CATEGORIA	LOCALIZAÇÃO	COR
AFRO (contos ou histórias que falam da cultura afro)	80.1	Rosa
AMAZÔNICO (contos ou histórias da cultura amazônica)	80.2	Preto
POESIA (poesias, poemas e cordel)	81	Laranja claro
TEATRO (peças de teatro etc.)	82	Verde claro

¹⁵ Mestranda em educação – PPGE/UFOPA, desenvolve trabalho de pesquisa junto ao grupo de pesquisa Lelit e ajuda na Biblioteca do Lelit – Ufopa.

JUVENIL (ficção, histórias intensas e romances)	83	Azul
INFANTIL (contos, fábulas e histórias)	84	Vermelho
CLÁSSICOS (adaptações e recontagens)	85	Amarelo
IMAGEM (sem frases ou textos)	86	Roxo
QUADRINHOS (gibis, HQs, histórias)	87	Verde escuro
INFORMATIVO LIVRE (livros que informam algo: histórias da idade média, química)	88	Cinza
MULTIMÍDIA (CD, DVD, livro áudio)	89	Sem fita
OBRAS DE REFERÊNCIA (Dicionários, Enciclopédias, manuais)	90	Pink
APOIO DOCENTE (Obras de apoio ao trabalho docente)	91	Mostarda
AUTOAJUDA	92	Laranja escuro
RELIGIOSO	93	Branco

Fonte: Mesquita, 2019

3.3.2.5 A Inauguração da Biblioteca Escolar

A inauguração da biblioteca “Benedicto Monteiro” foi no dia 31 de agosto de 2023 (Figura 11). O gestor escolar fez um convite especial para esse momento. Todas as escolas integrantes ligadas ao polo da escola Dulcinéia foram convidadas, os comunitários da comunidade Curicaca e seus líderes religiosos, a Semed, a Prefeitura Municipal de Alenquer, a Câmara de vereadores, alguns autores alenquerenses, o colégio estadual Santo Antônio, professores da Ufopa ligados à pesquisa, alguns membros do Lelit/Ufopa e toda a comunidade escolar da própria escola. A cerimônia de entrega e abertura do espaço foi organizada pela escola, com a presença de algumas autoridades, ligadas ao governo municipal foram a secretária de Educação e a coordenadora de Educação Especial do Município, o gestor, vice-diretora, além de uma representante do Lelit e eu, enquanto pesquisadora.

Figura 11: Inauguração da biblioteca



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Apesar da falta de fornecimento de energia, o que ocorre com frequência na comunidade, conseguimos realizar a cerimônia. Após as falas das autoridades que compuseram a mesa, foi o momento de 3 crianças fazerem leituras de textos, poemas e histórias infantis. O olhar das crianças que estavam presentes foi de muita atenção, houve uma certa euforia quando abrimos a biblioteca.

Como o espaço não comporta muitas pessoas ao mesmo tempo, fizemos uma programação de uma semana em que as turmas tiveram horários definidos para conhecer a biblioteca e participar de roda de leitura. Tal programação foi pensada para que todos tivessem acesso ao espaço antes mesmo do dia de inauguração, pois sabíamos que não seria possível ter todos conosco dentro do espaço.

A biblioteca surgiu de um movimento coletivo de instituí-la. Assim, realizamos algumas ações na comunidade com a finalidade de adquirir recurso para a compra de equipamentos e mobília. Foi feito um bazar e um pix premiado, todos os itens, tanto do bazar como do pix, foram frutos de doações.

O que a escola – em parceria com as minhas contribuições – conseguiu foi dar início na organização da estrutura da sala: pintura, limpeza, mandou fazer e colocar as prateleiras na biblioteca (Figura 12) e cuidou da instalação de uma central de ar de 12 mil btus. Com as arrecadações do bazar e do pix premiado, além de doações de parceiros, e a minha contribuição financeira pessoal, as prateleiras, a central de ar e os emborrachados foram quitados.

Figura 12: Disposição das prateleiras



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A partir da inauguração, com as prateleiras já organizadas, começamos com a atividade de empréstimos, leitura na própria biblioteca, leitura em grupo e individuais. De início as leituras foram realizadas por mim e por duas voluntárias que atuavam na biblioteca.

A voluntária, ex-aluna da escola, do turno da manhã, permanece conosco, já a voluntária que atuava no turno da tarde, não permaneceu neste ano de 2024, ocupando o seu lugar uma professora efetiva da escola, que fora readaptada.

O que me ocorreu logo após a inauguração da biblioteca foi o recebimento de muitas mensagens, conversas com pessoas que acompanham um pouco do trabalho que temos feito, mas que não conhecem de fato os nossos objetivos e o que mais me chamou atenção foi o pensamento de que com a biblioteca inaugurada, o trabalho estivesse concluído (Figura 13) e quando eu explico que a nossa pesquisa vai mais além, noto uma certa surpresa.

Figura 13: Espaço de leitura atual



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

3.3.2.6 Atividades Leitoras

As atividades de intervenção iniciaram no segundo semestre de 2022, quando se buscava o acervo na escola, percebi que tínhamos uma boa quantidade de livros infantojuvenis, sendo necessário ampliar as demais categorias. O acervo como já mencionado, veio de programas do Governo Federal, principalmente pelo PNLD. A luta pelo direito de ler se mostrou um desafio, pois, infelizmente, vimos que os livros estavam em lugares diversos, muitos encaixotados, o que demonstra o descaso do poder público quanto à criação e implantação de bibliotecas.

Sem a parceria do governo municipal quanto à disponibilidade do espaço para a biblioteca, a escola em parceria com a família dos alunos, decidiram, em agosto de 2023, que a sala do arquivo permanente comportaria as instalações da primeira biblioteca escolar do meio rural do município de Alenquer, que teve como patrono escolhido o autor alenquerense

Benedicto Monteiro¹⁶, que recentemente recebeu o título de *doutor honoris* pela Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa. A biblioteca está num espaço de destaque, pois localiza-se logo na entrada da escola. O arquivo ativo foi remanejado para a secretaria para melhor acessibilidade, e o arquivo morto para a sala de informática. Sabemos que o espaço ainda não é a ideal, mas esse olhar de que era o momento de a biblioteca existir demonstra a sensibilidade dos envolvidos na busca de um lugar mais organizado para as práticas de leitura.

Ao observar todos os entraves para conseguirmos o espaço para a biblioteca e os materiais para seu funcionamento, voltamos nosso olhar para o problema da pesquisa: limites de possibilitar o desenvolvimento do público leitor. Como permitir o acesso ao livro se não havia o espaço físico adequado na escola? Por isso, houve a necessidade de alteração do cronograma das atividades, com o início dos empréstimos de livros, somente após a inauguração da biblioteca.

Na semana seguinte à inauguração, percebemos a curiosidade e o ânimo expressivo, principalmente, dos estudantes em estar na biblioteca e houve uma certa intensidade nos empréstimos. Apesar de ainda não estarem familiarizados com a dinâmica de funcionamento, foi muito bom ver que a biblioteca escolar iniciava o processo de consolidação, mesmo com as condições no que concerne a espaço físico, mobiliário e informatização. Acredito que se tratou de uma fase importante para que, aos poucos, as pessoas se sintam parte da biblioteca, que ela possa ser utilizada e cuidada por todos. Para que esse espaço de leitura seja realmente uma biblioteca.

Com a biblioteca inaugurada, iniciamos a Hora da leitura, voltada para o público escolar, com leituras públicas de literatura infantojuvenil desenvolvidas pela equipe da biblioteca, incluindo eu, com rodízios de turmas, e que depois começou a ser feita entre os estudantes, um lendo para outro(s), e com alguns professores acompanhando suas turmas e lendo com elas e para elas.

Pensamos em levar os livros e a leitura de literatura para fora da escola pelo Dulcinéia, para não ficarmos apenas com os empréstimos dos livros para o público interno da escola. Assim, depois da confecção das Caixas Literárias feitas pela equipe que trabalha na biblioteca, na qual eu me incluo, teve início as atividades da Caixa de Leitura Literária voltadas aos alunos das escolas integrantes que se não fosse essa ação dificilmente teriam acesso aos livros. De início eu fui pessoalmente nas escolas integrantes juntamente com o

¹⁶ Escritor, advogado, político, gestor público, jornalista, professor, aguerrido defensor da democracia e dos direitos humanos.

diretor, a coordenadora pedagógica e uma voluntária da biblioteca (que ajudou na seleção dos livros infantojuvenis por conhecer melhor o nosso acervo) levar as caixas. Fiz isso porque achei importante conhecer melhor as escolas e equipes que nelas atuam para estender um diálogo sobre o porquê da ação, estender porque alguns profissionais já tinham participado de reuniões e conversas na escola Dulcinéia em meio aos movimentos de se instituir a biblioteca e para fazer uma breve ação de leitura com as turmas. Queria ver e vivenciar a acolhida dos estudantes com o recebimento da caixa. A sugestão dada foi que a troca dos livros da caixa se faça pelo menos uma vez ao mês. Que o professor da turma pegue a Caixa com os livros e leve para a sua sala, onde ele faz a leitura em voz alta (a leitura pública) para os alunos de uma obra pré-escolhida. A indicação da leitura em voz alta se justifica pelo fato de o professor poder ler para o estudante e abrir um momento de diálogo

Esta forma de leitura situa “leitor-ouvinte” numa posição singular, numa posição comunal. O “leitor” na leitura oral, é um leitor coletivo: escuta com os outros, lê com os outros, e esse fato modifica sua apreensão das palavras. Numa leitura desse tipo, o leitor tende a ouvir de maneira quase inevitável os significados comuns. O leitor sabe que o texto não se destina a ele e sim a um nós do qual ele é e se sente parte: o público. E lê a partir dessa posição (Bértolo, 2014, p. 33).

Com isso, após a leitura, sugere-se que se faça uma roda de conversa com os alunos acerca do texto, em seguida abrir espaço para que os estudantes escolham livros na Caixa de Leitura Literária, um momento para a leitura silenciosa. “Na leitura silenciosa, já não parece haver entre o texto e o leitor nenhuma instância intermediária. O leitor lê sozinho [...] lê a partir de sua própria liberdade” (Bértolo, 2014, p. 34).

Oficinas de leitura: *Conhecendo o autor* é uma atividade que foi desenvolvida no ambiente da biblioteca com estudantes de Pré I ao 5º ano, com apresentação oral sobre Cecília Meireles e explanação sobre as obras delas, especialmente sobre a obra *Ou isto ou Aquilo* que faz parte do acervo da biblioteca e que na cerimônia de abertura da biblioteca já tinha aparecido a leitura de um dos poemas. Serviu para que os estudantes conhecessem melhor a autora de livros e os demais poemas que compõem a obra. Foi o momento de roda de conversa, de ler para e com os alunos e de ouvi-los. Essa atividade foi feita ao longo de uma semana, no mês de setembro de 2023, a cada dia íamos recebendo parte dos estudantes, não dava para fazer só num dia, porque o tempo ficaria curto demais e a demanda grande de público. Cada turma, uma média de 30 a 40 minutos.

Aos estudantes de 6º a 9º ano, organizamos leitura de livros que havia na biblioteca. Foi um bom momento para conhecer mais o acervo, desenvolver a leitura oral, dialogar e eu

proveitei para tentar sensibilizá-los quanto aos cuidados com os livros, retirada e devolução na biblioteca. Os estudantes que tinham uma certa frequência na biblioteca já conheciam algumas leituras e acordos de convivência no espaço. O livro que mais foi lido ao longo dessas ações foi *A pior princesa do mundo* de Anna Kemp. Falamos um pouco sobre a autora e focamos mais em conversar sobre a história. Deixamos exposto no Espaço de Indicação Literária o livro para que outras pessoas pudessem ver, quem sabe ler. Essa atividade foi feita ao longo de uma semana, no mês de outubro de 2023, a cada dia íamos recebendo parte dos estudantes, pois como mencionado anteriormente, não dava para fazer só num dia, porque o tempo ficaria curto demais e a demanda grande de público. Cada turma, uma média de 30 a 40 minutos.

As atividades feitas nas oficinas serviram para que os professores também pudessem ir ao espaço, não sendo obrigatório o acompanhamento deles com as turmas, mas alguns foram e foi bem proveitoso, porque puderam participar das ações e pensar no que fazer no Sarau da escola que estava se aproximando.

Espaço de Indicação Literária que é um espaço destinado a divulgação de obras literárias e outras obras na biblioteca. Geralmente, eram expostos até cinco livros, como forma de colocá-los em evidência e assim, motivar o público a fazer o empréstimo ou mesmo ler na biblioteca, sempre atentando para a escolha de livros de autores reconhecidos no cenário literário.

Além disso, após a criação do perfil da Biblioteca Benedicto Monteiro da E.M.E.I.E.F. Dulcinéia Campos dos Santos Sá em rede social *Instagram*, eu comecei a postar as atividades realizadas pela biblioteca, promovendo o perfil para que agregássemos pessoas em nosso espaço ainda que a princípio virtualmente. Esse é um espaço de compartilhamento de informações literárias em rede social com a finalidade de proporcionar a aproximação/contato da escola com ilustradores, escritores, museus, páginas e eventos referentes à literatura e outros movimentos em torno da leitura.

Outra ação foi o Vídeo de Autores. Trata-se de vídeos produzidos pelos autores de livros infantojuvenis divulgando suas obras de forma direcionada aos alunos da Escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá. Nessa atividade, não foi possível levar aos estudantes nenhum vídeo de um autor de literatura infantojuvenil conhecido nacional ou internacionalmente, mas pude, em contato como o autor alenquerense Wildson Queiroz que é um autor que se preocupa em falar sobre Alenquer/PA, fatos históricos e estórias regionais, apresentar à escola o autor e ele falar diretamente com o público por meio do vídeo. Foi

interessante que alguns frequentadores da biblioteca conheciam algumas de suas obras, pois no período em que se inaugurou a biblioteca, o autor havia doado vários exemplares de variadas obras suas e ficaram entusiasmados em saber que aquele era o autor de livros que eles gostavam. Realizamos a atividade como uma tentativa de aproximar os estudantes dos autores, visto que nos encontramos em lugares distantes dos centros urbanos irradiadores de cultura, nos quais estas pessoas se encontram e sendo, também, financeiramente muito dispendioso trazer autores para visitar a escola.

A formação sobre leitura e biblioteca deu-se no mês de novembro de 2023. Foi uma ação para abrir espaços de diálogos e práticas sobre as temáticas. A ação foi realizada na escola para todas as categorias profissionais do corpo escolar, incluindo os profissionais das escolas integrantes. Mais uma vez tivemos a participação de membros do grupo Lelit/Ufopa, as professoras Cristiane Moreira, doutorando do PPGE/Ufopa e da Rose Serrão, mestranda do PPGL/Ufopa. A parceria do Lelit com a escola tem ocorrido desde o início da pesquisa, o que só nos fortalece. As formadoras fizeram suas interações com os profissionais de forma geral primeiro e depois em grupos. Trataram sobre leitura e formação do leitor, abordando o direito à literatura; dando sugestões de tipos de leitura. Elas usaram livros que levaram e utilizaram alguns do acervo da BBM, até para ver quem conhecia algum dos livros ou mesmo se tinham se dado a conhecer a biblioteca. Muitos ainda não conheciam o espaço. Falou-se sobre as concepções de leitura que eles tinham, se costumavam ler, com que frequência e os tipos de livros que mais se interessavam. Abordou-se o que viria ser a biblioteca e como eles eram parte relevante para a existência e manutenção da BBM. Tivemos um público expressivo e o retorno feito por autoavaliação oral ao final da formação demonstrou o contentamento da maioria dos envolvidos, solicitando inclusive o retorno em outra oportunidade das professoras formadoras.

Ainda no mês de novembro ocorreu o Sarau da Escola foi uma oportunidade para os estudantes mostrarem seus talentos quanto às manifestações literárias e outras para toda a escola e demais comunitários de comunidades vizinhas. O tema do IV Sarau foi *Consciência Negra*, as apresentações giraram mais em torno de música, dança, teatro, declamações de poemas. A biblioteca apresentou a leitura pública de duas obras *A pior princesa do mundo* de Anna Kemp e *Meu crespo é de rainha* de Bell Hooks, com alunas do 6º e 9º anos. A escolha

das leituras foi realizada por mim juntamente com as voluntárias da BBM¹⁷ e a parceria de algumas professoras que inclusive auxiliaram as alunas para o bom desempenho da leitura.

Rodas de leitura foram ações realizadas em vários momentos no espaço da biblioteca. Realizadas principalmente pela equipe da BBM. Achei necessária realizar uma ação minha com essa prática de ações em torno da leitura literária infantojuvenil como forma de aproximar os estudantes da leitura, de permitir-lhes conhecer obras que compõe o acervo da biblioteca, abrindo espaço de fala para diálogos sobre as obras e sobre o mundo.

As ações das rodas de leitura ocorreram na terceira semana de março de 2024 e a expectativa era atender os estudantes da escola, incluindo os estudantes do ensino médio, em tempos de 30 a 40 minutos. Utilizei como recursos vídeos de leitura retirados da página Lelit no *YouTube* e outro que eu já tinha salvo em arquivo. Alguns vídeos eu já conhecia por ter acessado a página logo no início do mestrado, indicações do grupo de estudos. Para critério de seleção dos vídeos observei o tamanho e a obra que estava sendo lida, a forma como era lida e se alguma obra fazia parte do acervo da biblioteca, que de repente algum estudante pudesse ter lido. Para a escolha dos livros aqueles que fossem de literatura infantojuvenil e do acervo da biblioteca, que pudessem ser esteticamente mais atrativos e que as narrativas fossem envolventes. Parte do repertório foi sugestão da Daiane Bezerra, que faz um belo trabalho com literatura.

Após o acolhimento e organização dos estudantes para ficarem confortáveis no espaço da biblioteca, todos sentaram-se no emborrachado, bem próximos por conta do pouco espaço (sendo que as turmas maiores foram divididas em duas partes), dava-se início ao vídeo-leitura utilizando notebook e caixa de som meus e datashow da escola. Em seguida, fazíamos a fala sobre o vídeo e se caso houvesse o exemplar do livro no acervo a gente mostrava, como foi o caso do livro *Super* de Jean-Claude Alphen. Mostrei o vídeo e depois como havia vários exemplares do livro foi possível o manuseio pelos estudantes, que ficavam maravilhados com o livro físico ali na frente deles. Esse vídeo foi passado para as turmas de Pré a 5º ano. Houve uma ótima recepção. Abriu-se oportunidade de falas sobre famílias, tipos de família, o papel do pai e da mãe em casa, na vida dos filhos.

Com os alunos de 6º a 9º ano trabalhei o vídeo *A árvore generosa* de Shel Silverstein, momento de eles ficarem bem quietinhos assistindo ao vídeo. Mas logo que acabava o vídeo começavam as indagações sobre a história lida. Alguns ficaram tocados com a história do “menino” e a árvore, outros preferiram não falar, mas ouviam atentamente as falas que iam

¹⁷ É como carinhosamente a Biblioteca Benedicto Monteiro é conhecida.

surgindo. Falou-se da relação afetiva das personagens, como na vida a gente pode ver histórias semelhantes que envolvem muitos de nós. Além do vídeo-leitura, li para eles *O lobo não morde!* de Emily Gravett. Quando selecionei esse livro fiquei um pouco receosa com os alunos de 8º e 9º anos porque poderiam achar muito infantil e como eles já estão entrando na pré-adolescência, talvez não gostassem. No entanto, a leitura foi tão empolgante que se puseram a rir e criar expectativas no que cada página traria, deu mesmo foi até de surpreender os estudantes a cada dobrar de página. Conteí ainda com o auxílio de alguns alunos para me ajudar com o manuseio do livro. Ao final, alguns logo de primeiro perceberam que o lobo mordia sim, outros demoraram mais um pouco para perceber. Quando abri para os diálogos algumas turmas, principalmente, de 6º e 7º anos, começaram a falar ao mesmo tempo, até que conseguimos tomar as vezes de fala. Teve estudante que queria ser o lobo, outros os porquinhos.

Para os alunos do ensino médio, o vídeo foi *Cordas* (único que não era vídeo-leitura) que traz uma história inspiradora de amizade e inclusão no ambiente escolar. Foi bom ver que muitos estudantes logo se identificaram com algum aspecto da história. Houve quem já tivesse vivido algo relacionado a preconceito por sua aparência ou dificuldades de aprendizado, outros relataram conviver com pessoas com deficiência. Para fecharmos nossa roda de leitura, eu li um trecho do livro *O Homem Rio* de Benedicto Monteiro. Abri esse espaço para que os estudantes pudessem conhecer um pouco das obras do autor que dá nome à biblioteca. De início já teve estudante querendo depois emprestar o exemplar para levar para casa e continuar a leitura. Ficaram curiosos para saber como a história continuava. Houve identificação de muitos estudantes com a personagem central do livro porque reflete o homem amazônida, caboclo. Uma familiaridade com a região em que vivem boa parte dos estudantes, à margem de rios. Antes de iniciar as rodas de leitura, indaguei às turmas se havia alguém que ainda não tinha ido à biblioteca, que estava indo pela primeira vez. As respostas de que não tinham ido eram bem pontuais, de alunos novos e de alunos do ensino médio que só tinham passado pela frente.

Em abril, aconteceu o Sarau da Biblioteca Benedicto Monteiro com o tema *O centenário de Benedicto Monteiro*, inclusive, nas semanas que antecederam o Sarau da Biblioteca foram feitas indicações de obras do autor que existem na BBM, além de indicações de referenciais para pesquisa sobre o autor. Houve uma reunião com a equipe escolar para definirmos as propostas de trabalhos para o sarau. Foi momento de propor e de ouvir, de organizar as equipes de trabalho para a socialização. O curioso é que ainda era um enigma o

patrono da biblioteca, mesmo sendo um autor/personalidade de renome e um conterrâneo, muitos não o conheciam. Logo, a reunião foi fundamental para alinharmos as atividades. Vimos então, a oportunidade de instigar os estudantes a produzirem textos escritos como poemas, contos, paródias, a fazerem leituras públicas, produções visuais como ilustrações, músicas, danças, mostras teatrais, caracterizações de personagens literárias e outros. Tudo em torno do autor Benedicto Monteiro.

O 1º Sarau da BBM deu-se no dia 26 de abril de 2024 (deveria ter sido no dia 19 de abril de 2024, mas por motivo de perda de um líder religioso da comunidade, mudou-se a data. A data havia sido escolhida no início do ano letivo quando se organizou todo o calendário anual da escola). O positivo dessa mudança de data foi que toda a comunidade escolar pôde celebrar com as pessoas de outras comunidades, amigos do grupo Lelit, pessoas que vieram da sede do município de Alenquer/PA, não somente as apresentações de nossos estudantes, mas os 114 anos da comunidade Curicaca e os 21 anos da Escola Dulcinéia. Foi uma confraternização de todos que se fizeram presentes, uma média de 500 pessoas. Após a programação religiosa, cívica e histórica em homenagem aos aniversariantes, deu-se início as apresentações do Sarau, por volta das 17h. Foram o total de 28 apresentações, entre paródias, leituras e declamações de poemas autorais dos estudantes, danças regionais, mostra teatrais, caracterizações de Benedicto Monteiro, leitura pública do livro *Super* que fora trabalhado em rodas de leitura, mostra de ilustrações e desenhos autorais, mural digital e curta-metragem sobre vida e obra do autor. Apenas duas apresentações, uma de paródia e a leitura pública foram realizadas por estudantes de escolas integrantes. Um agravante para que nem todas as escolas integrantes participassem é a dificuldade de deslocamento, além do custo financeiro para se chegar à comunidade Curicaca. Como foi o caso da escola integrante da comunidade de Jaraquituba que não conseguiu transporte para que os estudantes se apresentassem.

O primeiro Encontro com o Escritor ocorreu em agosto de 2024 (que deveria ter ocorrido paralelo ao Sarau, mas por questão de agenda, não foi possível, com a mudança da data, achamos por bem celebrar o 1º ano da BBM com esse presente para a comunidade escolar). E foi uma forma de mostrar à escola que tem uma pessoa por traz dos livros, que ela pode estar perto de cada um de nós, apesar das dificuldades para fazê-los chegar até nossos espaços. Para esse primeiro autor, demos preferência a um autor regional que tem se destacado no universo da literatura, Francisco Vera Paz, que além de possuir algumas obras publicadas, levou para a escola o lançamento no município de Alenquer o seu livro *Marias e Encantarias, livro III, Fabulário de contar*. Ele é membro do Lelit e um novo parceiro da

escola Dulcinéia. O custeio da viagem e acolhimento ao autor foi uma parceria da escola comigo. Nossa gratidão ao Francisco Vera Paz pela doação de 10 exemplares de seu novo livro para BBM. A programação envolveu encontros com as turmas na quadra poliesportiva da escola, com média de 40 minutos cada encontro. Sendo que algumas turmas se juntaram para o encontro. Ao final de cada turno, cantou-se os parabéns e compartilhamos o bolo comemorativo em alusão ao aniversário da biblioteca.

Ao final das ações de leitura e atividades, pontuamos em reunião com a escola os pontos positivos e os desafios do processo de fazer existir uma biblioteca que está trilhando seus primeiros passos.

Esperamos que com essa intervenção a escola dê continuidade em ações em torno da biblioteca, de forma que a comunidade se sinta parte da biblioteca e responsável em mantê-la viva, que ela seja um espaço de leitura e de possibilidades de levar a ler para além da escola, como um meio de transformação da realidade local. Que a leitura literária seja de fato um direito do cidadão, permitindo a sua humanização.

3.3.3 Tratamento do Material Produzido

O tratamento do material consistiu no encerramento do ciclo da pesquisa. A subdivisão que eu fiz foi: a organização e ordenação dos materiais, a classificação e a análise. Assim, o tratamento do material, segundo Minayo (2001, p. 27), é o que nos conduz “à teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aponta de singular como contribuição”. A análise e a discussão acerca dos dados produzidos tiveram como ponto de partida três categorias: *O sonho de uma biblioteca, Comunidade escolar e sua participação e As vivências da escola pós-inauguração da biblioteca*. As três categorias serão tratadas na sessão seguinte.

4 UMA PROPOSTA DE LEVAR A LER EM LUGARES DISTANTES: REFLEXÕES

4.1 O Sonho de uma Biblioteca

A biblioteca como vimos não existia na Escola M.E.I.E.F. Dulcinéia Campos dos Santos Sá, apesar de tudo o que já fora relatado, quantitativo de estudantes, livros encontrados etc. O que observamos desde o início da pesquisa foi um grande *sonho* de se ter uma biblioteca, um lugar em que a comunidade escolar pudesse usufruir da leitura, que fosse fonte de aprendizados. Em conversa com uma liderança dentro da escola eu ouvi pela primeira vez essa expressão *sonho de uma biblioteca*, depois ouvi novamente na reunião para o aceite da pesquisa na escola. A reflexão inicial que fiz foi de que eu poderia de alguma forma contribuir para isso, mas me veio também a inquietação se seria realmente possível fazer alguma coisa e como fazer. Pensei em tudo o que poderia implicar as atividades que iriam para além de práticas pedagógicas da proposta de levar a ler, mas primeiro fazer o lugar existir.

Conforme os dias foram passando, fui entendendo que não seria nada fácil realizar o sonho da biblioteca porque não dependia só de mim e na verdade, a princípio, não seria uma algo que caberia a mim realizar, mas uma ação conjunta com muitas mãos.

A lei nº 12.244/2010 existia há mais de 10 anos, mas quando me deparei com aquela escola, daquele tamanho, que visava ser uma escola “padrão” MEC não ter uma biblioteca. Questionei-me até de que adiantaria ter os livros na escola se não chegavam de fato às mãos de nossos estudantes. Vimos que havia bastantes livros na escola, os quais chegaram por meio de programas de distribuição de livros como PNLD, PNBE, e, mesmo assim, era como se não existissem porque muitos estavam guardados como objetos preciosos, para que não fossem destruídos pelo próprio tempo, outros em lugares inapropriados que levando a perder exemplares por mofo, umidade ou calor.

O dilema da escola era utilizar os livros que pudesse, mas sem que eles ficassem em qualquer lugar ou deixá-los seguros dentro das caixas muito bem embaladas nos quais eles chegavam. O certo é que pelo jeito em que estavam não havia um uso nem de uma forma e nem de outra. Logo, é inevitável refletirmos sobre o que e como a escola tem se virado para

fazer a leitura chegar aos estudantes, já que ela é ou deveria ser espaço de formação de leitores.

A leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural; o livro (ou qualquer outra tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso, mesmo, “sempre reflete o humano” (Silva, 2002, p. 41).

Assim, podemos ver que não tem como a leitura ser ponto de partida se na escola não havia a tão sonhada biblioteca, lugar onde se desenvolveria ações leitoras, em que o leitor pudesse refletir sobre tudo que o cerca, sobre seu lugar como pessoa, suas vivências.

Ainda que o Estado delegue à escola esse papel de formadora de leitores, de grande provedora do bem cultural letrado, o que se vê quando se pesquisa sobre leitura no nosso país é que “enquanto em outros países a leitura, vista como parte indispensável e fundamental da educação do indivíduo, vem recebendo a atenção que realmente merece, no Brasil foram poucos aqueles que se dispuseram a refletir sobre o problema (Silva, 2002, p. 45-46).

Além do sonho de se ter a biblioteca havia o desejo de se ter a escola murada e uma quadra poliesportiva. E, ao final da pesquisa, concretizou-se as três aquisições, porém, apenas a biblioteca nasceu de um empenho conjunto, das dificuldades diárias, de mobilizações diversas da comunidade escolar juntamente com pessoas que se sensibilizaram conosco para que ela existisse.

A concretização da biblioteca escolar não garante que a leitura ocorra de fato, nem que se instituem ações estruturadas e pensadas para o público a ser atendido, mas abre a possibilidade de que isso seja feito e de que o acesso aos bens culturais escritos sejam, aos poucos, uma realidade. Para que a escola não ofereça só livros, mas que propicie ao público estudantil que leituras sejam irradiadas e socializadas, de forma que os leitores se construam e se percebam “críticos para quienes la lectura sea un medio de humanización y no una forma más de consumo esclavizante” (Castrillón, 2010, p. 21), e quem sabe um dia os leitores sejam autônomos quanto à busca de leituras no contexto da biblioteca/da escola.

4.2 Comunidade Escolar e sua Participação

Iniciamos o atendimento na biblioteca logo após a inauguração e a parte da comunidade escolar que mais frequentava o espaço eram os estudantes, principalmente o público da manhã, os estudantes da tarde, demoraram um pouco a se aproximar daquele novo lugar. Alguns professores de Pré I ao 5º ano costumavam usar o espaço com certa frequência,

alguns até acompanhavam suas turmas na biblioteca, outros levavam livros para casa, a coordenadora pedagógica e o diretor chegaram a emprestar livros. Porém, os demais durante a implementação do projeto de intervenção quase não frequentavam a biblioteca. Os funcionários do setor de limpeza e manutenção da escola raramente iam à biblioteca, somente quando exigido que limpassem o lugar.

A importância da presença das pessoas que compunham a escola era para articularmos não somente as atividades leitoras, mas a própria vida daquele lugar, sua manutenção, seu funcionamento. A elaboração das atividades ocorria em conjunto com alguns professores das turmas da manhã que se abriram à proposta, e, especialmente, com a parceria das coordenadoras pedagógicas. Alguns pais ou responsáveis acompanhavam as atividades pelos grupos de *WhatsApp* da biblioteca e da escola, outros pela página no *Instagram* da biblioteca. Apesar da divulgação em massa por meio de redes sociais e convites impressos, e na reunião com as famílias para tratar de assuntos diversos e sobre a inauguração da biblioteca, poucos foram os familiares no evento de inauguração. As ações de leitura tiveram o apoio do gestor, vice-gestora, coordenação, professores e servidores da secretaria da escola.

Contudo, o apoio não quer dizer participação efetiva, logo, o processo de instalação da biblioteca não aconteceu de forma coletiva e participativa como imaginávamos. Quando eu cheguei para pensar e depois executar ações, primeiro pedi permissão para desenvolvê-las, o que a direção aceitou sem nenhuma contestação, até com certo entusiasmo. Depois, conversamos com os funcionários que conseguimos reunir e as pessoas demonstraram interesse em colaborar. No início, porém, durante as articulações para a intervenção, foi difícil reunir para definirmos os fazeres do projeto porque ainda havia muita dispersão de pessoas por conta da recente e gradual retomada das atividades escolares por conta da pandemia de Covid-19. O que resolvi fazer foi articular no grupo de *WhatsApp*, fomos conversando, parávamos nos corredores e trocávamos ideias, ou mesmo nos intervalos em que estava lá, e, por fim, por telefone.

Observei que a preocupação em parar a aula para planejar as ações do processo de ensino e aprendizagem se dava mais pela gestão e coordenação, momento relevante para pensar e avaliar o caminhar da escola, e que havia uma certa insatisfação por conta da rotina estressante da escola, além de que a participação dos funcionários nesses encontros acabava se tornando pontual por conta da exigência da presença.

No primeiro momento, acho até que por conta da novidade do espaço, ex-alunos, outras pessoas da comunidade de Curicaca e alguns pais de alunos de escolas integrantes

frequentaram o local, mas não emprestaram livros. No segundo semestre, início de 2024, o desafio era manter a atenção para a biblioteca, atentar para o calendário escolar, para os alunos novos etc. e tentar manter o espaço funcionando, quem sabe crescer o número de empréstimos.

O início intenso de pessoas na biblioteca deu-se por ser novidade, considerando que locais como este é raridade no município, o olhar mínimo sobre a leitura, especificamente a literária, e até mesmo o desinteresse e comodismo de diversos setores, inclusive, governamental, contribuem para que ainda fosse muito sutil a relevância e interesses para se efetivar bibliotecas. O que só reflete uma sociedade massificada perante esse sistema do capital que impera, vemos, assim, que a ordem do pragmatismo fica evidenciado.

Trata-se da ordem do pragmático, ordem em que as coisas imperam e fazem da pessoa uma coisa entre tantas mais. E, para isso, há que narcotizar a alma da gente, que assim vai passando pelo tempo como se ele não fosse, vai sendo sem dar-se conta de que existe; e vai se fazendo útil, subsumida à dimensão prática e (re)produtiva da materialidade crua. Reificação, alienação (Britto, 2015, p. 28).

É certo que muitos querem que outros pensem e elaborem bons projetos, as famílias exigem uma educação de qualidade e o governo lhes promete cumprir, porém, poucos de fato fazem o trabalho acontecer, que se ocupam de desenvolver ações planejadas, porque tudo isso exige, além do tempo, investimento financeiro. Nessa conturbada realidade, é necessário atentarmos que, apesar das problemáticas, levar a ler não exige planos impossíveis, precisa de ações organizadas e constantes, onde a leitura (especialmente a literária) seja atividade indispensável aos estudantes uma vez que,

muitas atividades e exercícios propostos pela pesquisa educativa sobre o ensino da leitura são perfeitamente aplicáveis aos textos literários. Antes de mais nada está o fato de oferecer um tempo de prática leitora na sala de aula ou na biblioteca escolar para que os alunos exercitem as habilidades de rapidez, concentração, autocontrole, etc., implicadas no ato da leitura. E são as atividades de leitura dirigida e compartilhada, aquelas em que meninos e meninas vêm elucidar-se, ante os seus olhos, o modo de ler que devem interiorizar: como se antecipa o que se pode esperar na narrativa que leem coletivamente; analisar o que seria cumprir as regras do gênero nessa obra, o que seria desobedecê-las e qual pode ser o propósito do autor para fazê-lo dessa maneira; comprovar as hipóteses realizadas; notar os fios ainda soltos ou as incongruências que derivam de uma falta de compreensão pontual; buscar os detalhes do texto que validam uma interpretação e invalidam outra; etc. Ninguém espera que se aprenda a tocar um instrumento musical se não se exercita com ele (Colomer, 2007, p. 64-65).

Santos (2016) trata de cinco eixos em relação à leitura e formação do leitor. Dentre os quais, leitura e experiência. Logo, não há como almejar transformações de qualquer ordem, sem as experiências leitoras adquiridas ao longo de toda uma vida. É preciso motivar as pessoas a saírem do comodismo que tem inundado a sociedade, incluindo as escolas. A questão é como e que tipo de experiência estamos proporcionando aos nossos estudantes? A escola tem alcançado o estudante?

Ainda é uma realidade termos resultados de avaliações internas e externas evidenciando os baixos índices tanto no âmbito da leitura e escrita quanto no cálculo nos variados níveis de ensino. Ao observar o projeto de independência política do país, vemos, como afirmam Lajolo e Zilberman (2002, p. 107), que este “foi decisivo, [...], para o desenvolvimento da leitura e escrita como práticas sociais. Também ele se afirma e avança por meio da criação de um aparato cultural que favorece o programa nacionalista em curso e, ao mesmo tempo, se beneficia dele”. Logo, vemos que a leitura surge como um interesse particular e ainda distante de alcançar a população. Temos, então, uma sociedade que tem dificuldade de integrar, partilhar, humanizar, pois é crescente as violências físicas e psíquicas, a intolerância, falta de respeito, preconceitos aflorados, intolerâncias. E isso ocorre nas diversas camadas sociais, até mesmo entre os mais escolarizados.

Portanto, que tipo de sociedade estamos tentando formar? A escola tem feito o quê para tentar superar a unilateralidade e assim criar condições de humanização? É preciso assumir que a literatura como manifestação do homem pela arte contribui com a função de constituir o homem enquanto ser genérico em que

o ser humano, para satisfazer suas necessidades, cria uma realidade humana, o que significa a transformação tanto da natureza como do próprio ser humano. Ao produzir os meios para a satisfação de suas necessidades básicas de existência, ao produzir uma realidade humanizada pela sua atividade, o ser humano humaniza a si próprio na medida em que a transformação objetiva requer dele uma transformação subjetiva. Cria portanto, uma realidade humanizada tanto objetiva como subjetivamente. Ao se apropriar da natureza, transformando-a para satisfazer suas necessidades, objetiva-se nessa transformação (Duarte, 2008, p. 24-25).

A arte literária está presente na vida dos alunos? Como? E a leitura? Quanto à Escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá, alguns professores, principalmente de Pré I ao 5º ano, abraçaram e se envolveram no projeto no sentido de levar a leitura através de algumas ações. Contudo, as ações não se mostraram ou se consolidaram como coletivas. Algumas conseguiram seguir uma linha contínua de desenvolvimento, mas outras não. Como veremos a seguir.

- Leitura pública

Atividade desenvolvida com turmas de 3º ano. A professora levou a turma na biblioteca e deixou os estudantes escolherem os livros, depois a professora escolheu juntamente com os estudantes um dos livros pré-selecionados para ler em voz alta às crianças e com as crianças. “As crianças se concentraram na leitura de literatura. Quase todas as crianças já sabem ler e isso facilita o interesse deles. Os livros são bem ilustrados e chamam a atenção... eles sempre querem voltar na biblioteca para ouvir histórias.” (Professora1).

As falas da professora no que diz respeito ao envolvimento e participação das crianças nos lembra Silva (2002, p. 64) quanto à leitura na escola que

passa a ser, então, uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita; a experiência dos produtos culturais que fazem parte desse mundo só é possível pela existência de leitores. Daí ser a escola uma instituição formal que objetiva facilitar a aprendizagem não só do falar e ouvir, mas principalmente do escrever e ler.

Assim, um trabalho com mais regularidade, da atividade, deve-se continuar para que desenvolvam suas habilidades leitoras, na construção do ler e posteriormente a escrita, atribuindo aos textos os sentidos, intensificando a quantidade de leitura para que alcancem maiores níveis de processamento mental, como sugere Bértolo (2014), passando do nível de leitura *textual* até chegar ao *autobiográfico, metaliterário e ideológico*.

O gênero histórias infantis era parte do conteúdo programático a ser trabalhado no ano letivo e a professora, logo, aproveitou os vários livros de literatura infantil para dar início às leituras, apesar de já ser o segundo semestre, ela conseguiu levar algumas vezes as crianças até a biblioteca e ainda chegou a levar livros para ler em casa e se preparar para outras leituras em sua sala de aula.

- Leitura diária

A voluntária do turno da manhã costumava realizar as leituras diárias com alunos que frequentavam a biblioteca, de início para fins de atrair os estudantes para o espaço e mostrá-les o acervo que ali havia. Ao passar dos dias, com a visita de algumas turmas, a professora do Pré II pediu que lhe fosse reservada uma hora na biblioteca com sua turma, isso duas vezes na semana, assim iniciou-se o trabalho em torno de leitura de literatura infantil, por meio da leitura, apesar de não ser diariamente, já foi uma ótima iniciativa. Como seus alunos na maioria ainda estavam sendo alfabetizados, ela que sempre lia para eles. “Eu leio para as

crianças e gosto de ver eles envolvidos e curiosos com a leitura. Eles costumam pedir para eu ler os livros mais coloridos e cheios de ilustração. Eles propõem livros, vão pegando das prateleiras mais baixas. Ficam sempre ansiosos pelos dias em que vamos à biblioteca. (Professora 2). Depois ela sempre abria a palavra para que as crianças falassem sobre a história, manuseassem o livro, pedia que comentassem sobre o que ouviram.

Percebemos que o fato de a leitura ser trabalhada no cotidiano seja na sala de aula ou na biblioteca, aproxima os estudantes das práticas leitoras. E isso, mostra que “a biblioteca deve se constituir como um espaço pedagógico, que oferece diferentes práticas de leitura, sociabilidade e reconhecimento dos tipos de textos” (Chartier, 2022, p. 61), mas que isso só é possível com o envolvimento de pessoas empenhadas em levar a ler.

Destacamos que a professora 2, traz a concepção de tratamos neste trabalho, dessa formação humana na sua totalidade, que vem a ser a formação omnilateral, ao instigar e propor aos estudantes condições objetivas e subjetivas de se construírem como seres históricos. Por meio da leitura regular de literatura propiciou a dimensão social e psíquica do convívio em sociedade, os papéis de cada um na constituição de valores necessários à existência humana; deu espaço de fala; e, ainda, trabalhou com uma leitura dinâmica que despertou a imaginação.

Entendemos, como Nunes, que a literatura, mais do que introduzir crianças no mundo da escrita, ao tratar a linguagem enquanto arte, traz as dimensões ética e estética da língua, exercendo um importante papel na formação do sujeito. [...] abrindo espaços para que a leitura possa ser reescrita como prática da liberdade (Corsino, 2010, p. 184).

Em conversa com a professora do Pré I, percebi o contentamento nas práticas, ainda que não sejam diárias, mas houve um significativo avanço quanto ao interesse das crianças nas leituras, com algumas iniciando o processo de decodificação das palavras, mas, principalmente, destacando o bom desempenho na interpretação e escuta de histórias. A professora percebeu que os textos de literatura poderiam ser o enfoque principal de suas aulas. Surgiram ideias de se explorar mais elementos das narrativas no dia a dia escolar.

Sem dúvida, ouvir uma criança falando com tamanha emoção sobre um texto literário é o desejo de qualquer professor que tenha consciência da importância da literatura para a formação de leitores. É, sem dúvida, a expressão de uma conquista nem sempre fácil tendo em vista as diferentes dificuldades que enfrentamos no processo de escolarização de nossas crianças e jovens (Leal; Albuquerque, 2010, p. 89).

Os avanços obtidos pela professora me fizeram propor aos professores de outras turmas à *leitura diária*, avaliando os caminhos que a professora percorreu: agendamento do espaço da biblioteca para melhor desenvolvimento das ações sem interrupções de outras turmas, dialogar com as atendentes da biblioteca para ter maiores informações sobre o acervo, além de propor que pudessem levar para a sala de aula livros selecionados juntamente com os estudantes, uma escolha parceira. Inclusive, alguns livros têm mais de 20 exemplares, o que daria para levar para a sala e trabalhar melhor os textos. Podendo serem feitas leitura individual silenciosa, leitura pública do professor para os estudantes e de estudantes para o professor, leitura pública de um aluno escolhido que se prepararia para ler no outro dia e assim por diante.

Destaco que não houve uma adesão considerável na atividade proposta. Especificamente as turmas de 6º a 9º ano foi onde a adesão foi mínima por causa da rotina dos tempos de aulas, das diferentes disciplinas. Foi o que percebi em conversa com professores das turmas. Essas turmas, portanto, se restringiam a ir à biblioteca e ler de forma autônoma, ou socializar as leituras com outros colegas, ouvir histórias lidas pela atendente da biblioteca e fazer empréstimos, sendo que as turmas que mais emprestavam eram os sextos anos.

A partir dessa atividade, adotada pela professora 2, outros professores, do Pré ao 5º ano, começaram a vez por outra levar seus alunos à biblioteca. Conseguimos ao fim do ano letivo de 2023, fazer a leitura dramatizada com alunos dessas turmas a partir de texto *Quando o lobo tem fome* de Christine Naumann-Villemin, ilustrado por Kris Di Diacomio. A apresentação foi na escola na sala de atendimento especializado. Houve muitos elogios por parte dos demais estudantes e famílias presentes. Os estudantes ensaiavam na biblioteca, foi um envolvimento alegre e festivo, onde as crianças compartilhavam não só o texto, mas as vivências. Por isso, como dizem Daher e Farias (2023, p. 29), “é preciso apostar nas crianças, em sua inteligência e sensibilidade. E também nos livros, nos convites que fazem aos leitores”.

A *leitura diária*, em minha análise, foi a ação que mais se destacou, sendo significativa e com resultados mais estabelecidos. Considero o êxito ao comprometimento da professora, sua determinação na realização (ainda que não fosse diária) era consistente, sempre se propondo a encontrar práticas leitoras envolventes. O resultado foi atingido uma vez que não apenas a turma progrediu, como influenciou outras turmas. A escola pôde ver isso na apresentação no fim do ano letivo.

- Espaço de Indicação Literária

Essa atividade foi pensada desde os primeiros movimentos de organização do espaço da biblioteca, quando avaliamos a melhor forma de colocar e onde colocar as prateleiras do acervo. Foi posta logo na entrada da biblioteca, à direita de quem entra, uma estrutura bem singular de prateleiras onde são destacados os livros indicados. O objetivo era convidar os visitantes a lerem e dialogarem sobre as leituras. Os livros costumavam ser selecionados por mim e pelas atendentes. Nós avaliávamos as obras do acervo quanto ao público, colocando obras de variados tamanhos, algumas compostas só de imagens. E quando chegavam livros novos, escolhíamos algum para colocar na indicação.

Esta atividade se concretizou. É uma referência para quem frequenta a biblioteca. O público sempre observa os destaques e, houve vezes, de só ter um exemplar do livro exposto e ser feito o empréstimo e alguns estudantes aguardarem a devolução para poder emprestar e ler. Desta forma, apesar de ser uma atitude que possa parecer simples, no entanto, carrega uma das propostas de levar a ler, que é fazer circular a leitura, um ato que se insere numa perspectiva de proporcionar aos estudantes condições para continuar lendo. Logo, as ações de leitura devem seguir um caminho que seja organizado e contínuo.

O fato de estarmos em lugares distantes não nos impede de pensar e possibilitar a aproximação de pessoas com a cultura escrita a partir de ações de levar a ler como as que temos apresentado. Silva (2009) subsidia nossa análise considerando as funções da leitura, que não se restringe a aprendizagem de conteúdos, mas que serve para se fazer no mundo, como ser imerso na cultura letrada, se vendo como um combatente dessa sociedade capitalista e opressora que muitas vezes eleva a leitura somente como propagadora de informações.

- Rodas de leitura

Ações desenvolvidas em vários momentos no espaço da biblioteca de forma organizada para compartilhar leituras, expectativas, espantos, surpresas, dúvidas, tudo isso a partir de diálogos dos textos literários lidos. A equipe da BBM era a responsável principal pelas ações, mas era aberto aos professores fazerem suas práticas.

Para encerrar as últimas ações pedagógicas do projeto de intervenção, eu achei que deveria fazer uma semana de rodas de leitura literária infantojuvenil como forma de aproximar e perceber se os estudantes vinham se envolvendo com as leituras do acervo, para que conhecessem as obras que compõe a biblioteca, tecendo diálogos sobre ler e viver.

Foram 5 dias de leituras públicas feitas por mim, em algumas houve a ajuda de estudantes, noutras alguns professores que acompanharam a turma participaram realizando leituras comigo. Foram momentos de partilhas, de conversas, de indagações e de impressões das obras literárias lidas. As rodas se mostraram como uma maneira de aproximar os estudantes e professores das leituras, de falar e trocar experiências, pois, “contar ou ler histórias para crianças é uma experiência de partilha em que quem conta ou lê e quem ouve e vê estão juntos, mas em lugares diferentes” (Daher; Farias, 2023, p. 30).

Esses dias movimentaram a escola, foi bem intenso, saiu um pouco da rotina organizacional das aulas, movendo-nos para as ações de ler no ambiente da biblioteca. Houve relatos de estudantes que desejavam ter mais momentos como estes. E professores chegaram a agradecer a oportunidade de experienciar esse tipo de ação, que eles conheciam, mas que ao sair da sala de aula para o espaço da biblioteca, a experiência foi outra. Disseram ser uma inspiração para que seguissem fazendo elas acontecerem ali, não apenas pontualmente na sala de aula.

Assim, as *Rodas de leitura*, foram para mim uma das ações de levar a ler mais significativas por todo envolvimento com a escola, as leituras, as possibilidades de diálogos, a aproximação com o acervo, e, principalmente, por ouvir os estudantes e contribuir um pouco com a valorização da leitura como um bem público, “como possibilidade de cidadania [...] investir no conhecimento objetivo das práticas de leitura e num movimento pelo direito de ler” (Britto, 2003, p. 114).

4.3 O Movimento da Escola após a Biblioteca e as Vivências na Biblioteca

O propósito desta subseção é trazer o movimento da escola a partir da abertura da biblioteca e analisar as vivências na biblioteca como um lugar de ler e de aprender, enfatizando a organização do espaço e o seu funcionamento, além de ações por ela desenvolvidas na escola e a atuação da equipe que atua na biblioteca.

O primeiro grande movimento da escola foi a intensa busca de ver o espaço e a busca dos livros. Seria a novidade do lugar? De estar próximo de livros variados? Quem sabe para fugir do calor, já que a biblioteca é climatizada? A possibilidade de sair da sala de aula? A busca de um lugar diferente na escola? Diferentes motivos existem, contudo o que se destaca é o acesso ao livro.

Na primeira seção, discuti sobre leitura trazendo a sua relação com o espaço escolar, ressaltando o lugar da biblioteca escolar, como forma de levar a leitura às pessoas, do direito aos bens da cultura escrita. Depois desse período de intervenção e observar a rotina escolar com olhos não apenas de professora, mas como pesquisadora, pus-me a me indagar até que ponto a leitura é considerada no contexto escolar?

A biblioteca funcionava diariamente das 07h30 às 11h30 e das 13h30 às 17h30, com isso a rotatividade era grande, sendo maior o movimento pela manhã, turno em que estudam a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Desde o início tivemos atendentes nos dois turnos de funcionamento da escola. Iniciamos os empréstimos logo após a inauguração, a política de empréstimo se dava com prazo de três, cinco ou dez dias, conforme o tamanho do livro, podendo renovar por mais uma vez o empréstimo do livro. As seções mais buscadas eram: infantil, juvenil, revistas em quadrinhos. As menos procuradas foram: apoio docente, obras de referência, revistas informativas. Isso nos dá a ideia o público da biblioteca.

Os estudantes ficaram bastante entusiasmados em ir à biblioteca, assim, após a inauguração queriam utilizar os livros na própria biblioteca - ainda que tivesse professor na sala de aula - no recreio eles aproveitavam e corriam para lá. O volume de empréstimo nos meses iniciais de funcionamento da biblioteca (de setembro a dezembro) foi de 744 livros. Sendo o mês de setembro o que se destacou quanto a quantidade de livros emprestados. Creio que pela novidade! Os estudantes que mais emprestaram livros em 2023 foram: uma do 3 ano B com 24 livros, uma do 5 ano C com 22 livros (Pré ao 5º ano), uma do 6 ano C com 21 livros e um do 6º ano C com 12 livros (6º ao 9º ano). Percebi que eles não apenas emprestavam os livros para ler em casa, mas liam também na biblioteca.

Uma de nossas primeiras atendentes na biblioteca é formada em biblioteconomia, ainda que antes nunca tivesse exercido a profissão, ajudou-nos muito, não apenas com o atendimento, mas com a organização documental e organizacional do lugar (foi uma pena não a ter mais conosco neste ano de 2024).

Além das pesquisas para a escrita deste trabalho, mesmo com a minha graduação em Letras, busquei muitos cursos e palestras, principalmente on-lines (para que fosse viável as formações, uma vez que morávamos distantes dos locais que promoviam os cursos, palestras), não apenas para mim, mas para a equipe da biblioteca. Assim, fomos entendendo a “biblioteca como um espaço de aprendizagem e não como um setor burocrático da escola” (Campello, 2010, p. 141), crescendo juntos, nos apropriando de termos, conceitos, enriquecendo e

fazendo crescer nosso repertório cultural e leitor para nossas práticas como agentes culturais, pois era necessário ter uma base para as indicações de livros e auxiliar o público nas suas escolhas.

Para além dos empréstimos, as rodas de leitura literária que ocorriam na *hora da leitura* e na *leitura diária* promovidas pelas atendentes da biblioteca foram as primeiras ações leitoras organizadas. Depois, algumas professoras começaram a levar e acompanhar suas turmas e ler para elas, fruir e compartilhar impressões das leituras, adotando as práticas: *hora da leitura* e a *leitura diária*, o que influenciou os estudantes a realizarem mais empréstimo ou mesmo ler na biblioteca. Foi possível levarmos a leitura de literatura como uma forma de manifestação artística, bem como a música, a dança, o teatro, o cinema, a pintura e a escultura. A sua fruição foi um convite a experiências estéticas, sentimentos e emoções (Daher; Farias, 2023).

Mesmo o espaço da biblioteca sendo bastante reduzido, os estudantes gostavam de ficar lendo, conversando sobre suas atividades escolares, os livros preferidos, indagavam sobre o que os colegas liam, ocasionando trocas interessantes, formando um círculo de leitura. Como exemplo, temos *Os caras malvados* de Aaron Blabey é uma coleção de nove livros, mas chegou apenas o primeiro livro, com vários exemplares, a procura por ele foi intensa, um ia comentando com o outro sobre o livro. Uma reclamação feita foi não ter os demais livros no acervo, o que fez eles procurarem por outros livros, então, de certa forma essa obra foi uma abertura para mais leituras.

Aos poucos formou-se uma rede de trocas de leituras. Uma das atendentes da biblioteca chegou a relatar que houve estudantes emprestando livros para ler em casa para o irmão/irmã que ainda não sabia ler. O núcleo familiar participava desse círculo porque existem vários irmãos estudando na escola, o que favorece as trocas e partilhas de um mesmo livro.

A partir da *hora da leitura* pudemos levar os estudantes a ler obras de variados autores, enaltecendo autores estimados como Cecília Meireles, Sylvia Orthof, Marilda Castanha e outros, muitos livros eu mesma li para os estudantes. Foi possível com isso mostrar autores de outros países e do Brasil. Falei um pouco e propus aos alunos do ensino médio que conhecessemos um pouco do autor alenquerense Benedicto Monteiro, para tratarmos desse autor que tanto exaltava o homem da Amazônia. A leitura de parte de uma obra do autor foi feita por mim para levá-los a pensar sobre o texto, numa proposta de se perceberem como seres sociais da Amazônia e do mundo.

Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela nos ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro (Petit, 2009, p. 19).

Para evidenciar todo o movimento da escola em torno da biblioteca, planejamos as ações para o I Sarau da Biblioteca intitulado *O centenário de Benedicto Monteiro*, que ocorreu em abril de 2024. Soubemos depois que a Semed Alenquer se inspirou na biblioteca que tem como patrono o referido autor para criar o projeto cívico de 2024. Apesar de algumas dificuldades, conseguimos mostrar à sociedade alenquerense um pouco do foi feito desde antes da criação da biblioteca até o dia do sarau. Mesmo os quem não tinham participado de ações de leitura viram aos avanços pelos quais os estudantes passaram, o interesse em torno dos livros e as mudanças na vida escolar a partir da criação e implantação da biblioteca. Mostramos a iniciativa de democratização do livro na escola, que não é uma tarefa simples, pois é preciso pensar criticamente, mobilizar as pessoas ao nosso redor para perceberem a relevância de cada um para chegarmos às condições e às possibilidades de termos uma biblioteca na escola, que vai além de paredes e livros.

Os desafios encontrados na biblioteca têm sido muitos, o que foi observado desde a metodologia como: o espaço, o mobiliário, a perda de uma das atendentes, ainda que por pouco tempo, a pouca adesão dos professores, onde alguns quando participavam de alguma atividade ou ação era de maneira individualizada, sem trabalhar com o coletivo.

Para tentar acomodar melhor o público na biblioteca, costumávamos dispor os alunos sentados no chão que é todo emborrachado e a climatização do espaço favorecia, mas como já mencionado não acomoda muitas pessoas. De início tínhamos apenas quatro almofadas que consegui de doação, depois ganhamos mais seis almofadas, ainda assim elas são motivo de disputa pelos estudantes (elas são pequenas e muitas crianças deitam 2 cabeças ou três, não sei bem como cabem, na mesma almofada). Comprei um tapete para colocar na porta de entrada da biblioteca, além de mesa e cadeira. As prateleiras foram feitas aço. A limpeza do espaço se mostrou um desafio desde o início porque não era feita diariamente, demorou para que a equipe da escola responsável pela limpeza entendesse que a biblioteca era parte da escola (alguns não quiseram entender). A equipe da biblioteca sempre contribuiu para manter o espaço limpo e organizado. Muitas vezes eu fui lá arrumar, lavar os emborrachados. É

necessário lavar vez outra os emborrachados pois mesmo o público não entrando no espaço calçado, com a rotatividade diária, vai sujando.

O funcionamento da biblioteca era nos dois turnos em que a escola funciona, manhã e tarde, e começou com duas pessoas responsáveis para atender o público. Uma voluntária, ex-aluna da escola, cursando Educação Física, que atuava na escola com reforço escolar e uma funcionária efetiva da escola, formada em biblioteconomia, mas que nunca tinha atuado na área, como trabalhava pela manhã na escola, à tarde, dois dias na semana, ela nos ajudava como voluntária (nos demais dias, à tarde, a voluntária da manhã também ficava à tarde).

No ano de 2024, manteve-se a primeira voluntária, somente pela manhã, e à tarde, a Semed Alenquer lotou uma professora readaptada no espaço. A lotação se deu porque abriu-se uma vaga para um servidor na escola, no que a direção da escola e a coordenação acharam por bem solicitar a vinda de alguém para ficar exclusivamente na biblioteca pelo menos em um turno. Foi providencial a vinda da professora porque a biblioteca ficou o mês de fevereiro abrindo parcialmente a tarde, enquanto saía a lotação da professora. Início de ano letivo, o movimento na escola é maior, logo, ficar com a biblioteca fechada foi um impacto, os estudantes iam lá saber o motivo de estar fechada e quando abriria.

A equipe da biblioteca deu continuidade às ações de levar a ler (tivemos conversas para fazer a professora que entrou em 2024 entender como vinham acontecendo as coisas, além de explicarmos a dinâmica de funcionamento da biblioteca) que vínhamos fazendo principalmente a *hora da leitura*. Demos seguimento aos empréstimos. A equipe registrava as atividades, fotografava, filmava, para movimentarmos o *perfil do Instagram* da biblioteca e os grupos de *WhatsApp* da escola, especialmente o da biblioteca. As atendentes se dispuseram a ir às salas de aula convidar os estudantes e professores a participar da biblioteca, a divulgar as rodas de leitura, para que participassem e fossem ver as indicações de leitura no espaço específico para isso. O que não foi dado continuidade com maior rotatividade foi a *Caixa de leitura literária*, apesar da biblioteca estar pronta para contribuir com a ação, existem as dificuldades de se chegar as escolas integrantes e das escolas irem até a biblioteca, o que se mostrou um grande desafio.

- Empréstimos

Começaram a partir da inauguração da biblioteca. Havíamos feito orientações, organizado o funcionamento do espaço e como se daria o registro dos empréstimos. Os estudantes era o público que realizava os empréstimos, logo, percebi que a circulação dos

livros se daria mais entre os estudantes e o seu núcleo familiar. O destaque inicial foi das turmas da manhã, que na maioria, diariamente, frequentava e emprestava livros. Esse movimento ocasionado pelas leituras na biblioteca e pela circulação por meio de empréstimos, traz-nos a ideia de que isso “além de criar comunidades de leitores nas aulas, os livros para compartilhar podem estabelecer laços entre a escola e as famílias. Os livros que vão e vêm da escola para casa, através do empréstimo, permitem agregar os familiares à leitura compartilhada” (Colomer, 2007, p. 150).

- Hora da leitura

Começou antes mesmo da inauguração da biblioteca para que os estudantes começassem a ter acesso às leituras, como meio de mostrar-lhes o espaço e acordos de funcionamento do espaço, para atraí-los para aquele novo lugar. Fizemos um cronograma com um horário na semana para cada turma de Pré ao 5º ano e do 6º ao 9º ano, abrimos um espaço para as três turmas do ensino médio. Tivemos que articular bem para que todas as turmas participassem, sendo necessário dividir as turmas maiores em dois grupos. Após a inauguração a equipe de atendimento seguiu a ação, fazendo a escolha e a leitura dos livros para os estudantes nos meses de setembro a dezembro. Quando suscitava dúvida quanto à obra, ou forma de levar a ler no espaço, trocávamos conversas no grupo de *WhatsApp* de atendimento da biblioteca, ou, presencialmente, quando eu lá estava (sempre reuníamos quando eu estava na escola). O cronograma foi flexível porque as turmas tinham demandas de sala de aula que impossibilitava um trabalho mais regular.

Os estudantes amavam a ação de leitura, costumavam pedir aos professores que houvesse mais ações e quando me encontravam nos corredores da escola, perguntavam quando eu iria ler para eles. Parecia uma ação simples, mas que exigia um planejamento, fazer a escolha e conhecer as leituras, saber impor a voz com ritmo entonação, dar afetividade nas palavras e levar os estudantes a se envolver. Eles mostravam nas falas, no olhar de curiosidade o envolvimento com as narrativas, ficavam prestando atenção e procuravam o melhor jeito para acompanhar a leitura e ver as ilustrações do livro.

Eu lhe dou canções e história para que você as repita até atravessar a noite, para não ter tanto medo do escuro e das sombras. Para que você possa pouco a pouco viver sem mim, pensar em si como uma pessoinha distinta, e em seguida elaborar as múltiplas separações que precisará enfrentar. Eu lhe entrego fiapos de saber e ficções para que você seja capaz de simbolizar a ausência e enfrentar, tanto quanto possível, as grandes questões humanas, os mistérios da vida e da morte, da diferença

entre os sexos, o medo do abandono, do desconhecido, o amor, a rivalidade. Para que escreva sua própria história entre as linhas lidas
 O que o adulto expressa à criança quando põe e abre livros diante dela é também: eu lhe apresento os livros, porque uma imensa parte daquilo que os humanos descobriram está encerrada neles. Você poderá consultá-los para dar sentido à vida, saber o que outras pessoas pensaram sobre as perguntas que você faz, você não está sozinha para enfrentá-las. Eu lhe apresento a literatura que, como as brincadeiras de “Cadê o nenê” ou o teatro de sombras, faz as coisas aparecerem e desaparecerem à vontade (Petit, 2019, p. 21-22).

Das turmas que participavam da *hora da leitura*, somente três professoras costumavam acompanhar os estudantes e participar desse momento. Um dia, inclusive, um dos professores que nunca participou me indagou:

O que tanto tu faz que as crianças gostam demais das leituras lá na biblioteca? Perguntam toda hora quando vai ter de novo. Acho que eles gostam de ti e também gostam do friozinho da biblioteca. Eu também conto histórias, mas elas gostam mesmo é de ouvir as que vocês contam e de estar lá com vocês (professor 3).

Respondi que sim, a biblioteca tinha um clima frio e gostoso, o que ajudava na ambientação para as leituras, que não contávamos as histórias, mas que líamos pelo menos um livro com os estudantes e a maior parte do tempo ficávamos a conversar sobre os textos lidos, olhávamos as ilustrações, indagávamos coisas que pudessem ter a ver com suas vivências, falávamos sobre quem escrevia e ilustrava o livro.

É preciso entender o lugar desses pequenos leitores na formação de nossa sociedade tão pragmática. No ambiente escolar, a relação professor-aluno tem se concentrado em atividades que geram notas, para fins imediatos e bem estabelecidos. O que se justifica pela forma como o sistema educacional se coloca: cumulativo e classificatório. A educação deve ser pensada para além das urgências cotidianas e imediatas. Assim, podemos ver que a escola pode fazer mais que cumprir metas, alcançar números para cumprir tarefas.

Compreendemos que a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se delas quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências. Elaborar um espaço onde encontrar um lugar, viver tempos que sejam um pouco tranquilos, poéticos, criativos, e não apenas ser o objeto de avaliações em um universo produtivista (Petit, 2010, p. 289).

É necessário levar a leitura para os estudantes desde a base, para que cresçam em contato com a cultura escrita, com a literatura, para que eles se percebam no mundo,

ampliando suas formas de se fazer nele e possibilitando o olhar sobre si e sobre a vida. Dar espaço de fala para nossos estudantes é uma forma de compreendermos o seu processo de aprendizagem, para poder refletir sobre nossas práticas.

Destaco que nem tudo foi maravilhoso. Nem todas as atividades foram desenvolvidas a contento. Houve leituras em que o interesse de alguns estudantes era menor, alguns ficavam mais inquietos, o que é normal, especialmente, quando os livros tinham poucas ilustrações. As ilustrações costumam chamar mais a atenção. O cuidado em conhecer o livro foi ponto relevante para melhor desempenho na leitura. Às vezes, falhamos ao longo do processo de escolhas, o que pode ocorrer, o ideal é analisar o percurso e mudar o que for preciso. Mudei e repensei escolhas, refiz meus caminhos e busquei conhecer melhor o público da escola. Mudar faz parte e eu não tenho receio de enfrentar os desafios.

Apesar da pouca presença do professor da turma nas ações, eu considero que é relevante ele fazer parte ou pelo menos acompanhar as atividades desenvolvidas pela equipe da biblioteca. Rever formas de agir, aprender com as trocas de experiências são oportunidades para nos fazermos pessoas compromissadas conosco e com os outros, além de que o estudante vai ver o seu professor como referência de leitor.

- o Caixa de leitura literária

Essa ação foi direcionada aos professores das escolas integrantes para que ao realizarem leitura pública com os estudantes, pudessem ter acesso aos livros e as histórias neles contidos. “As histórias humanizam e proporcionam às crianças possibilidades únicas de pertencimento ao grande coletivo humano do qual fazemos parte e nos singularizam a partir das vivências objetivas e subjetivas que cada uma de nós tem a partir delas” (Daher; Farias, 2023, p. 3). As leituras em voz alta feitas pelo professor, poderiam oportunizar esse contato com a leitura e com a literatura, além de oferecer espaço de escuta. Mas eu considero que a atividade não teve a adesão esperada dos professores conforme proposto. Dificilmente se fazia a troca dos livros das caixas, pois os professores tiveram dificuldade de levar os livros para trocar, ainda que a equipe da biblioteca estivesse orientada a fazer a troca, sabemos que o professor tem autonomia e mais condições de escolher os livros de acordo com suas crianças. “É necessário mostrar logo às crianças [...] que existe alguma forma nova de apreciar um texto [...] que os docentes saibam analisar e avaliar os livros que oferecem outras formas de fruição para que possam levar as crianças a descobrir prazeres que exigem maior elaboração” (Colomer, 2007, p. 69). Tive o retorno de duas escolas integrantes fazendo as leituras com as

crianças e buscando trocar os livros. Não sei se a ação vai permanecer, espero que sim, mas depende muito do empenho de cada pessoa envolvida.

- Oficinas de leitura: Conhecendo o autor e Vídeo do autor

A oficina *Conhecendo o autor* foi feita no ambiente da biblioteca com estudantes de Pré I ao 5º ano e de 6º a 9º ano. O objetivo era que os alunos conhecessem alguns autores, suas biografias, obras publicadas, e fazíamos a leitura pública de uma obra e depois abria-se o espaço de falas. Na ação *Vídeo do autor*, exibimos um vídeo produzido pelo próprio autor direcionado aos estudantes da Escola Dulcinéia Campos do S. Sá, como já observado, por conta dos desafios de levar os autores até a comunidade, aqui me refiro a questões geográficas e de custos financeiros para se chegar nesse lugar distante de centros culturais formais.

Os estudantes ficaram felizes com o vídeo e se sentiram prestigiados em ver o vídeo direcionado a eles. Motivou a procura pelos livros apresentados, os quais foram doados pelo autor para os estudantes, inclusive autografados. A coordenadora pedagógica e eu conseguimos o contato com o escritor e solicitamos o vídeo, e com isso, ele presenteou a biblioteca com parte de suas obras. Ver esse movimento foi gratificante, porque foi um meio de mostrar-lhes pessoas por traz dos livros.

- Espaço de indicação literária

Usamos o espaço como meio de atrair os estudantes para a leitura. O espaço ficava dentro da biblioteca e nele eram expostos pelo menos 5 livros, o que fez crescer a busca pelas obras em destaque, aumentando os empréstimos e a circulação de leitura. No sentido de aproximar os estudantes dos livros foi produtivo, ainda que de início alguns só olhassem os livros e largassem, com o tempo foram realmente se atentando para o que havia ali. Muitos liam os livros na biblioteca mesmo ou pediam para alguma das atendentes da biblioteca ler. Logo, “para se contar ou ler histórias para crianças são fundamentais adultos disponíveis, boas narrativas, orais e em livros, e respeito pelo tempo e desejo de cada uma” (Daher; Farias, 2023, p. 33).

- Perfil da biblioteca no *Instagram*

Mostrou-se um lugar de trocas de vivências, de mostrar nossas ações, de tentar contato com autores, ilustradores e com a comunidade escolar. Foi um meio de postar, compartilhar informações e divulgar as leituras. Contudo, preciso reconhecer as dificuldades. Tive que

movimentar bastante a página porque precisávamos nos fazer conhecer nesse meio das redes sociais, mas a Escola Dulcinéia Campos dos S. Sá está no meio rural e a internet tem chegado aos poucos, muitos estudantes e suas famílias não dispõem do acesso à internet, o que os impede de ver e participar das publicações. É importante saber usar a ferramenta com cuidado para que não se perca o foco e nos percamos nesse universo de inversões, onde o supérfluo é supervalorizado em detrimento do que é essencial.

No debate direcionado à leitura, Castrillón (2011) aborda três fatores importantes: o primeiro e mais relevante é investir esforços para melhorar a formação docente, o segundo é uma escola bem equipada com materiais de leitura e o terceiro é a gestão do tempo dentro da escola. “Alunos e professores necessitam de tempo para a leitura, para a reflexão e para o debate, mais tempo para o pensamento e menos para a ação” (Castrillón, 2011, p. 25). Com isso, percebo que é condição crucial para pensarmos em formação de leitores, que leva uma vida para tanto, que haja uma mudança de atitude por parte de quem trabalha na educação, pensando numa transformação de si para se chegar no ambiente escolar, o que requer tomada de consciência do trabalho que é preciso fazer.

A minha presença nesse movimento de levar a ler contribuiu para mudanças de perspectivas e olhares dentro da escola em torno da leitura, do livro, da literatura, do fazer pedagógico. Mas não é suficiente para manter ou estabelecer mudanças significativas.

A partir da implementação das atividades que fiz na intervenção, creio ter acertado em algumas como a *hora da leitura*, oportunizando pelo menos uma vez na semana um momento para os estudantes ouvirem a leitura de literatura na biblioteca; as *rodas de leitura* tiveram um bom alcance pois abria espaço de falas aos estudantes, numa troca de vivências bem intensas; o *espaço de indicação literária*, onde os estudantes começaram a querer conhecer mais livros, ler e ouvir história; as *oficinas de leitura*, conhecendo o autor foi um ponto de aproximação dos estudantes com a leitura e com o autor; o *Encontro com o escritor* foi de grande interação da escola com o autor de obras literárias, com a leitura de livros feita pelo escritor, tornou-se uma grande ebulição de leitura para os diversos públicos da escola. No entanto, conclui que algumas ações foram menos produtivas como a *caixa de leitura literária*, pela dificuldade de os professores buscar e selecionar os livros da biblioteca, com poucas leituras em suas aulas; o *video de autores* exposto foi bem acolhido pelos estudantes que gostaram de saber que foi feito especialmente para eles, mas só conseguimos articular um vídeo; o perfil do *Instagram*, tem se consolidado gradualmente, mas demanda mais envolvimento da escola. Sem deixar de lado as contribuições do que foi feito em torno de levar a ler no contexto escolar, penso que a

intervenção alcançaria resultados melhores se fossem desenvolvidas atividades mais contínuas e sequenciadas, tal entendimento, porém, só foi possível com o andar dos estudos.

Os novos espaços para a leitura, em países com tantas dívidas e tantas transformações pendentes, devem ser os espaços onde a sociedade civil se organiza. [...] demonstrar que a leitura não é um adorno nem um passatempo e que seu valor não está em oferecer apenas alguns momentos prazerosos, mas sim que a leitura é um instrumento extremamente útil na transformação e organização de suas vidas (Castrillón, 2011, p. 64).

O percurso foi se colocando e trocamos experiências. Confrontei minhas expectativas. À medida que tudo aconteceu, eu devo ter errado, mas quem sabe acertado também. O que vale é que vidas humanas foram tocadas, palavras foram ditas e refletidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminhar do fazer pesquisa nos apresenta muitas dúvidas e incertezas, mas também grandes desafios. Assim, a intervenção e o desenvolvimento de ações leitoras na escola antes e depois da criação da biblioteca e as vivências no espaço foram importantes para eu fazer reflexões acerca do que foi feito e das possíveis mudanças advindas do levar a ler nesse local distante. Foi necessário pensar sobre minhas práticas, revendo atitudes que poderiam ter levado a alcançar resultados mais contundentes. O que foi proposto na escola envolveu a leitura como direito, e, assim, possibilitar o acesso das pessoas aos bens da cultura escrita.

É pela educação que as pessoas podem ter acesso à cultura escrita. Logo, a biblioteca pode colaborar no cumprimento dessa responsabilidade. A comunidade escolar precisa compreender que a leitura é um direito do cidadão tanto quanto a saúde, o lazer, a comida, e quem sabe o homem por meio da leitura, se percebe como um ser com muitas dimensões, numa perspectiva de formação omnilateral. Assim será possível proporcionar condições de os estudantes terem seus direitos assegurados e respeitados. Não apenas para cumprir uma lei, mas também para que a leitura seja uma questão de humanização.

Mesmo de forma sutil, vi que a escola começou a abrir espaço para a leitura literária, principalmente com os estudantes da Educação Infantil e Anos iniciais. A biblioteca teve uma influência para que a leitura fosse expandida e levada para sala de aula.

Houve resultados positivos do que fiz no projeto, não como esperava, porque faz parte da caminhada expectativas serem dissolvidas. Ainda assim, de forma tímida, percebi que os estudantes foram inseridos no universo literário, de forma a serem leitores; estabeleceram preferências, estabelecendo escolhas de gêneros diversos; contribuíram com os colegas lendo uns para ou com os outros; aos poucos foram aprendendo não apenas a ler o livro, mas, por meio da ilustração, vê-lo. Não é tarefa tão complexa atrair o estudante para a leitura de livros, porém, a mediação deve ser cuidadosa para orientar a leitura, dando significados e criando a possibilidade de pensamentos, de indagações.

Observei que os professores que aderiram ao projeto se permitiram e se envolveram nas novas possibilidades do processo de ensino e de aprendizagem. Eles viram avanços dos estudantes na leitura de textos, especialmente, os literários. A formação de leitores nos chama a pensar e repensar a prática pedagógica docente, pois as reflexões nos dão subsídios para que encontremos sentido e significação nas práticas no ambiente escolar, possibilitando a formação omnilateral de que falamos.

Quanto a mim, como professora e pesquisadora, foram muitos aprendizados. Fui em busca de referenciais teóricos, leituras de livros diversos, dos teóricos à literatura infantojuvenil. Tive que ampliar meu repertório que se mostrava frágil. Foram tantos diálogos e trocas com o grupo Lelit/Ufopa, os quais me abriram horizontes. Não conhecia o universo da pesquisa e nem das propostas de levar a ler. Eu sempre amei a literatura, mas vi que ela é bem mais do que eu pensava. Pude perceber que sabendo fazer uso dela, a partir de um trabalho sistematizado de leitura, a escola terá meios de se aproximar dos estudantes, proporcionando não apenas uma manifestação do indivíduo, mas do coletivo.

Os benefícios do projeto na escola foram longe, para além da comunidade Curicaca ou do município de Alenquer/PA. Participei de cursos e congressos que tratavam da leitura e da biblioteca escolar. A biblioteca Benedicto Monteiro, na minha pessoa e na presença de outras pessoas da escola, esteve presente (de forma online) em eventos nacionais de grande repercussão como o II Fórum de Bibliotecas escolares. Nossa participação foi percebida e fomos citados inclusive. Confesso que me deu grande satisfação ver de onde eu saí para onde eu fui caminhando, eu tive que desafiar a mim mesma. Participei de eventos na Ufopa apresentando a pesquisa como no IX Seminário de Pós-graduação, fiz parte do X Seminário do Lelit. Expus trabalho na XX Jornada Acadêmica do Iespes, e no mesmo evento participei como avaliadora de trabalhos.

Assim como tivemos os saldos bons, tivemos as dificuldades que nos limitaram em alguns pontos. O impasse inicial é que não nos foi cedido o lugar para construirmos a biblioteca. Recalculamos a rota e depois de muitas conversas, conseguimos o espaço dentro da própria escola, o que nos animou, mas o espaço ainda não é o ideal porque é pequeno, contudo, não há outro local para tanto. Outro fator que impediu melhores resultados foi a pouca adesão e participação dos professores. Mas, nesse ponto, eu assumo minhas falhas, pois não consegui me dedicar mais nas articulações para sistematização do projeto e desenvolvimento coletivo das ações, fiquei receosa de interferir demais na rotina escolar.

Tive uma constatação que ficou bem evidente quanto à existência e funcionamento das bibliotecas: o poder público não dá a devida importância que elas têm. Todo o movimento para criação e instalação da biblioteca na escola ocorreu com esforços individuais e internos da comunidade escolar. A Secretaria de Educação não contribuiu nas questões estruturais da biblioteca. O que pedimos via ofício à Semed foi um computador portátil para uso na biblioteca, o que não foi atendido (ficou a promessa de que vai chegar; segundo fala da secretária de educação foi licitado). Vejo como válida a lotação da professora efetiva para compor o quadro de atendimento da biblioteca. Imagino o quanto a escola deixou de ganhar quanto à formação humana em todos esses anos sem biblioteca e fazer chegar ao seu público o acesso aos livros e às leituras. Mesmo agora, com a existência da biblioteca, o apoio do poder público para à implementação e permanência do funcionamento do espaço é necessário. Precisamos da garantia de servidores lotados para auxiliar o corpo docente e os estudantes, uma vez que os professores das disciplinas não têm condições de sozinhos cuidar e desenvolver atividades na biblioteca.

Olhando externamente, a biblioteca da escola se tornou uma referência por ter sido a primeira no meio rural de Alenquer/PA, mas não somente por isso. Ela é vista como um exemplo de levar a ler no município, onde algumas ações se deram de modo contínuo, ainda que a coletividade não tenha sido alcançada. Percebi o entendimento das pessoas quanto à importância da leitura, porém, na prática, vemos que é difícil manter as atividades de leitura contínuas e coletivas na escola. Por que houve pouca adesão da comunidade ao projeto? Estar distante dos grandes centros irradiadores da cultura escrita seria justificativa? As respostas se enveredam no sentido da cultura enraizada no ambiente escolar que, na maioria das vezes, não coloca a leitura como ponto relevante no processo de ensino e aprendizagem. Isso exige mudança de atitude, passando por deixar de usar o livro didático como ferramenta norteadora. Mas para tanto, temos que enfatizar a importância da formação docente.

A formação continuada se mantém como um dos caminhos mais eficazes para a mudança da prática pedagógica e possibilidade de o professor se ver e ser não só agente que proporciona a leitura, mas que também lê. Eu me incluo nisso, pois nesses anos de mestrado, mudei e cresci como pessoa e como professora. Comecei a ver a questão da leitura na escola por outro ângulo, a partir dos constantes estudos e discussões pelos quais passei acerca da educação, da leitura e de minhas práticas. Infelizmente, a valorização profissional, ocorre quase sempre por esforços próprios, pois o sistema de ensino não dá condições para maior formação docente.

Não é aceitável mais o discurso de que o povo não lê por uma questão econômica apenas. Existe uma problemática da leitura no Brasil que carece de uma discussão muito mais complexa. É necessária a discussão e o enfrentamento da temática, que deve ultrapassar e ir em direção à análise de cultura, das relações sociais, até mesmo das formas do poder aquisitivo e do que mais está imbuído neste sistema capitalista que, por vezes, tenta manipular e oprimir os menos favorecidos.

Ainda que a leitura seja parte do estudo, o estudo ultrapassa a leitura. Assim, mais que levar os estudantes a se formarem leitores, a escola tem que levar as pessoas a serem cidadãos pensantes que refletem sobre si e sobre o mundo, para isso, é importante a disponibilização de diferentes categorias de livros. Em contramão a esse posicionamento, vemos campanhas de incentivo à leitura que falam da literatura de forma simplista e empobrecida, relegando a ela o lugar do lúdico, do entretenimento. O que leva muitos professores a se prenderem em encenações de histórias, imitações de personagens, dispensando tempo que poderia ser colocado à disposição dos estudantes para que realizassem mais leituras. Para se chegar à inteligência, faz-se necessário muitas ações contínuas de leitura, de abrir espaço para explorar o texto lido, de fruição para se construir sentidos. O que me faz ver que tive algumas falhas na intervenção por propor determinadas ações que não eram sequenciais.

Destaco que o estudo feito teve como maior contribuição à escola o acesso e a democratização do livro através das ações de levar a ler. Da falta de biblioteca a livros encaixotados, temos hoje os livros que vêm circulando e chegando nas mãos da comunidade escolar, a quem é de direito. A biblioteca conta com um acervo de mais de 2 mil livros e de livre acesso ao público que pode não apenas manuseá-los, mas escolher, levar para casa e compartilhar leituras com seus familiares, além de poder levar para as atividades de salas de aula. A criação e instituição da biblioteca desencadeou um movimento grande de estudantes em torno do livro. Os estudantes buscavam indicações de obras de autores divulgados nas oficinas, o *espaço de indicação de leitura* os influenciou na escolha de livros, procuravam também os livros lidos na *hora da leitura*. Tivemos um alcance, que mesmo tímido, foi relevante. As ações de levar a ler proporcionadas pela biblioteca se mostraram uma forma de estreitar as distâncias de acesso à cultura escrita.

Este trabalho foi mais uma pesquisa desenvolvida na região Oeste do Pará acerca da leitura. Considero, portanto, que levar a ler nos lugares distantes não é tarefa simples, é preciso atentar à necessidade de formação docente para que o profissional saiba lidar com o processo tão importante da leitura; a necessidade de chamar a atenção dos órgãos públicos

sobre a implantação e manutenção das bibliotecas escolares, para que elas permaneçam, não apenas como lugares de guardar livros, mas lugares de ler; transpor o ensino fragmentado que está contido nos livros didáticos, que está a serviço de avaliações externas que determinam diretrizes, as quais privilegiam a formação unilateral do indivíduo para servir aos anseios do mercado capitalista; e, por fim, é preciso a defesa da formação cidadã, de pessoas conscientes de que a leitura de literatura pode humanizar, daí, eu me colocar mais uma vez a favor da formação omnilateral, uma vez que educação se constitui como processo político e social.

Assim, a leitura não é tábua de salvação ou coisa parecida, mas é um bem e direito do cidadão que pode ocasionar mudanças culturais na vida de pessoas. Mediante aos desafios que presenciamos em nossa sociedade, a leitura, especialmente a literária, é necessária sim. Logo, se a escola tomar como importantes as ações de levar a ler e dar seguimento aos trabalhos realizados, haverá fortalecimento na política de leitura, de forma consistente, onde os cidadãos vão se modificando.

REFERÊNCIAS

ALENQUER-PA, **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dulcinéia Campos dos Santos Sá, Alenquer -PA, 2023.

ARAÚJO, Andria Arcanjo da Silva; COUTO, Sandra Helena Melgaço. **Criando um espaço para promover a formação dos leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 KM 11**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis: sobre leitura e crítica**. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

BRASIL. Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. Campinas: Mercado das Letras: 2012.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: Leitura e formação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura - biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. (recurso eletrônico).

CAMPELLO, Bernadete. A biblioteca escolar como espaço de aprendizagem. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; COSSON, Rildo (coords.). **Literatura: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino, v. 20, p. 127-142, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 177; 182.

CARVALHO, Alzenora Ferreira; GARCIA, Jonadabe de Araújo. **Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRILLÓN, Silvia. **Una mirada**. Bogotá: Asolectura, 2010.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **Livro, mundo digital e leituras: práticas e apropriações**. Goiânia: Editora UFG, 2022.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; COSSON, Rildo (coords.). **Literatura: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino, v. 20, p. 183-204, 2010.

DAHER, Juliana. FARIAS, Fabíola. **O livro das perguntas**. Belo Horizonte: Ed. Das Autoras, 2023.

DUARTE, Newton. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?:** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. São Paulo: Autores Associados, 2008.

FARIAS, Rosilene de Araújo. **O protagonismo da biblioteca escolar: ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da cultura letrada**. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 483-502, set/dez 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs) **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LOMBARDI, José Claudinei. Educação, Ensino e formação profissional em Marx e Engels. In: SAVIANI, Dermeval (Org). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2008, p. 1-38.

MESQUITA, Alessandra Maria de. **Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em “lugares distantes”**. 2019. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Eliana Nascimento de; TELES, Maria Rita Alexandre de Lima. **Relato de experiência:** promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva. Trabalho de Conclusão de Curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

OLIVEIRA, Luana Cardoso. **Leitura e formação:** contribuições da biblioteca no rio Arapiuns. Dissertação Mestrado em Educação. Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2020.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) e a inclusão social dos jovens e adultos do campo. **MARGENS**, UFPA, Revista Interdisciplinar, Versão Digital – ISSN: 1982-5374. Vol.10. N. 14. Jun 2016. (p. 187-198). Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/4257>

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo:** experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade:** relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará. Tese Doutorado em Educação. FE – Unicamp. Campinas, 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola.** São Paulo: Ática, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Críticidade e leitura:** ensaios. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 9ª edição – Campinas. São Paulo: Papirus, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler.** 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Rovilson José da. In: **Biblioteca escolar e práticas educativas:** o mediador em formação. Renata Junqueira de Souza, organizadora. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

TODA MATÉRIA. Equipe da Enciclopédia Significados. **Significado de comunidade.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/comunidade/>.

TRIPP, David. Pesquisa-ação – uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p.443-466, set./dez. 2005.

VASCONCELOS, Raimundo Edivandro Alves de. **Para além do espaço de leitura:** criação e reflexão das possibilidades de ler literatura em uma escola rural do município de Monte Alegre. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2018.

VIEIRA, Adriana Silene; FERNANDES, Célia Regina Delácio. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; COSSON, Rildo (coords.). **Literatura:** Ensino

Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino, v. 20, p. 107-126, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PROJETO DE PESQUISA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

**BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES
SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA
COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER**

**SANTARÉM-PA
2021**

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

**BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES
SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA
COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER**

Pré-projeto de Pesquisa apresentado para o Seminário de dissertação, Mestrado Profissional em Letras – Profletras, turma 2020.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

**SANTARÉM-PA
2021**

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

**BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES
SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA
COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER**

Pré-projeto de Pesquisa apresentado para o Seminário de dissertação, Mestrado Profissional em Letras – Profletras, turma 2020.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO PRELIMINAR PARA QUALIFICAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA RENILZA FONSECA DA PAIXÃO, ORIENTADA PELO PROF. DR. ZAIR HENRIQUE SANTOS.

ZAIR HENRIQUE SANTOS
(Orientador)

SANTARÉM-PA
2021

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

**BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES
SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA
COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

Prof. Me. Raimundo Edivandro Alves de Vasconcelos
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de mestrado profissional em Letras – Profletras – com o título *Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer*, tem como objetivo investigar as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural no interior da Amazônia por meio da criação de uma biblioteca comunitária que oferte ações de ler de forma coletiva e participativa na perspectiva omnilateral ¹⁸?

A proposta se faz pela compreensão de que a leitura pode contribuir para a vida e formação do ser humano, pois o intelecto humano, sua personalidade e seu conhecimento se fazem no mundo considerando as experiências vividas. Desta forma, tem-se a possibilidade de que, com um espaço propício à leitura e com trabalho pedagógico feito por um grupo acadêmico de estudos que tem como fundamento que a leitura possibilita a intervenção no e sobre o mundo e a compreensão de contradições existentes nele, faz com que a leitura deixe de ser apenas decodificação para tornar-se uma função política, crítica e emancipadora e, assim, propiciar melhores condições para leitores fazerem-se ativos e reflexivos.

O projeto educacional da elite visa escravizar o proletariado, quanto mais lucro dos ricos, maior exploração do trabalhador. Esse modelo de mundo demanda acelerar a ignorância da base social: prédios escolares arcaicos; falta de educação continuada dos professores; falta de material escrito de qualidade; ausência de bibliotecas; sinal de internet frágil, tudo isso colabora para uma sociedade unilateral, pobre economicamente e de conhecimentos.

São tantos os programas na escola com “urgências cotidianas” que não resta tempo à formação omnilateral, ofertando aos alunos conhecimentos elevados em Matemática, Linguagem, Arte, Música, Literatura. Na verdade, a escola é o reflexo das relações sociais do trabalho: alienado e fragmentado.

A criação de um lugar de ler em uma comunidade escolar periférica (lugar distante) com livros de vários gêneros e desenvolvimento de ações de leituras propõe-se a acender um sinal de alerta que permita aos comunitários perceber que estão estáticos diante do conhecimento do mundo; que seus direitos fundamentais podem se afirmar.

¹⁸ Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”. Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico (Frigotto, 2012, p. 267).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar transformações culturais resultantes da criação da biblioteca escolar como espaço de desenvolvimento de ações coletivas de ler em uma escola de comunidade rural.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

2.2.1. Debater o acesso à leitura como direito do cidadão de ler e construir conhecimento;

2.2.2. Analisar possibilidades e limites de levar a ler em uma escola de comunidade rural do interior da Amazônia;

2.2.3. Entender que é “levar a ler” em “lugares distantes” a partir do escrutínio da realidade de uma comunidade escolar rural do município de Alenquer;

2.2.4. Verificar as mudanças advindas da biblioteca escolar e das ações de ler na escola e na comunidade Curicaca.

3 JUSTIFICATIVA

A comunidade Curicaca está localizada na zona rural do município de Alenquer-PA, interior da Amazônia, distante 48 quilômetros da sede do município, o centro social do lugar é a escola E.M.E.I.F. Dulcinéia Campos dos Santos Sá, que atende mais de 400 alunos regulares e os alunos das 10 escolas integrantes, além de mais de 100 alunos do ensino médio modular, ultrapassando os 600 alunos, além dos demais comunitários. Apesar do grande contingente de pessoas assistido, não há uma biblioteca para que a comunidade escolar tenha suporte e apoio à pesquisa e à leitura; o acesso ao livro se dá quase exclusivamente por meio do livro didático e as pessoas que não podem ir à escola têm o acesso mais limitado ainda, pois a própria situação social – uma comunidade formada, na maioria, por agricultores de subsistência e por pescadores - não lhes dá condições para adquirir livros, revistas.

O acesso à leitura e participação em ações de ler podem levar o cidadão a (re)-pensar sua forma de ver o mundo. No contexto rural, a escola tem função essencial na formação do leitor, pois, em “lugares distantes” – expressão usada por Santos (2016) referindo-se a lugares distantes dos centros urbanos e da cultura hegemônica como museus, teatros, livrarias, galerias, distantes não apenas da leitura, mas de direitos fundamentais - saúde, educação, lazer, infância - costuma ser a única fonte de materiais impressos. Como enfatiza Ezequiel Theodoro, a escola seria:

o único reduto onde a leitura ainda tem a chance de ser desenvolvida[...]. O fracasso da escola nessa área significa a morte dos leitores através dos mecanismos de repetência, evasão, desgosto e/ou frustração. A qualificação e a capacitação contínua dos leitores ao longo das séries escolares colocam-se como uma garantia de acesso ao saber sistematizado, aos conteúdos do conhecimento que a escola tem de tornar disponível aos estudantes (Silva, 2005, p. 7).

Apesar de tantas transformações e melhorias ocorridas dentro e fora do ambiente escolar, a prática da leitura pouco tem avançado e requer maior reflexão, pois leitura e literatura são bens sociais e direitos do cidadão, tanto quanto a liberdade, o lazer, a arte, a saúde e a educação. Além disso, é uma possibilidade de humanização do homem.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção a complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p. 182).

A escola é o lugar de desenvolvimento da leitura e da escrita, saindo das situações comuns de aprendizagens do dia a dia, a escola é o lugar apropriado de conhecimentos novos.

É na escola que esses conhecimentos e outros próprios da produção intelectual organizada encontram espaço para expandir-se e sistematizar-se, principalmente quando se enfrentam temas e conteúdos que transcendem o senso comum e que não se prendem ao praticismo e pragmatismo (Britto, 2015, p. 34).

Apesar da relevância da leitura - na escola e fora dela - para o crescimento intelectual do ser humano, boa parte da população não tem lugares que levem a ler no espaço escolar, mesmo com a institucionalização da lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que estabeleceu a obrigatoriedade das bibliotecas nas escolas do país.

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (Brasil, 2017).

A lei Nº 12.244 é uma iniciativa importante, mas ainda há muito que fazer para que a comunidade escolar e a sociedade tenham acesso a livros, documentos, materiais impressos, digitalizados, audiovisuais. Daí a necessidade, um espaço de leitura onde se desenvolvam ações que levem a ler.

A escola do Curicaca atende grande número de alunos, durante minhas estadas profissionais no lugar, observei a inexistência de biblioteca na comunidade e, ao ingressar no Mestrado do Profletras/Ufopa, a ideia era fazer um trabalho que deixasse um legado para aquela região. Pensei, então, em criar uma biblioteca comunitária, mas na visita que fiz com meu orientador ao lugar constatei um movimento interno de concluir uma construção destinada para a morada de professores do Sistema Modular de Ensino. O espaço se encontra abandonado há quase 10 anos e, se não for recuperado, pode ser perdido; assim, havia um movimento de transformar aquele espaço numa biblioteca que atendesse ao público não somente da escola; surgiu a ideia de construir uma biblioteca com e para a comunidade do Curicaca – inclusive já havia um abaixo-assinado requerendo o espaço para a biblioteca - uma biblioteca escolar como um lugar de ler e irradiar leitura.

4 METODOLOGIA

A pesquisa configura-se como uma pesquisa de intervenção, o trabalho está inserido num campo de pesquisa que vem se produzindo no Mestrado Profissional em Letras/Ufopa e no Mestrado em Educação (PPGE/Ufopa) sob a orientação do professor Dr. Zair Henrique Santos. Alguns trabalhos produzidos são: Mesquita (2018), Vasconcelos (2018) e Oliveira (2020), além da tese de doutorado do prof. Dr. Zair Henrique Santos (2016).

A metodologia de pesquisa é ponto fundamental em uma investigação. Para Minayo (2001), a metodologia nada mais é do que o caminho do pensamento e da prática realizada na abordagem da realidade, o que inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas com o instrumento a ser definido e o potencial do investigador, sua criatividade.

Logo, o estudo que se faz é resultado de uma pesquisa que tem como enfoque o estudo da intervenção de uma proposta de levar a ler em dado lugar distante dos grandes centros urbanos irradiadores de cultura. O projeto de pesquisa que norteia o estudo tem como principal objetivo investigar transformações culturais resultantes da criação da biblioteca escolar como espaço de desenvolvimento de ações coletivas de ler em uma escola de comunidade rural. Assim, o procedimento metodológico adotado consiste numa pesquisa de intervenção, que se assemelha ao que David Tripp (2005) chama de pesquisa-ação.

Pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”, e eu acrescentaria que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.) (Tripp, 2005, p. 447).

A presente pesquisa por ser na área da educação compreende o que Tripp (2005, p. 445) chama de “pesquisa-ação educacional [...] uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos[...]”.

Na sua dissertação de mestrado *Leitura e formação: contribuições da biblioteca no rio Arapiuns*, Oliveira (2020, p. 68) se reporta à pesquisa-ação enfatizada por Franco (2005), na perspectiva de instituir um lugar de ler com os moradores e não para os moradores, sendo necessária a compreensão do tipo de trabalho a se desenvolver, “os processos que buscaríamos construir com a comunidade e o tempo que teríamos para a pesquisa”. Os fatores relacionados por Oliveira (2020) são imprescindíveis para a pesquisa-ação.

Desta forma, este trabalho usa como estratégia principal a investigação do desenvolvimento da aplicação do projeto de intervenção, utilizando a leitura como meio para promover o ensino e a aprendizagem.

A intervenção caracteriza-se como o tipo de pesquisa educacional que usa práticas de ensino inovadoras, pensadas, planejadas e em constante avaliação, com a finalidade de compreender e ampliar as aprendizagens dos estudantes, por isso, as atividades desenvolvidas no projeto devem estar em parceria com o corpo escolar _ alunos, professores, coordenador(a) pedagógico(a), técnicos, secretário(a) escolar, diretor(a), vigias, merendeiras, serventes, pais - e os demais agentes sociais - comunitários em geral numa ação participativa e coletiva.

A proposta é investigar as possíveis mudanças na realidade da comunidade e da escola, de forma que os agentes sociais se percebam como agentes ativos no processo de construção do conhecimento, ou seja, autores de suas próprias histórias. As atividades de intervenção foram pensadas, articuladas e construídas a partir de leituras e diálogos. O censo do livro foi iniciado com a colaboração de alguns alunos do médio, pessoas da comunidade que trabalham na escola, mas o próximo passo para se ter mais celeridade no processo e dar autonomia para os envolvidos na pesquisa, é a continuação do trabalho, a partir de orientação aos componentes da escola, para que se sintam parte do processo e, assim, eles mesmos possam fazer o censo.

O trabalho do professor-pesquisador está em constante processo de estudo para que se tenha boa base teórica e suas práticas tenham um subsídio. Os dados prévios e as informações obtidas nas reuniões permitiram estabelecer estratégias de ações, uma proposta de trabalho coletivo com propósito de melhoria na relação com as práticas leitoras.

No primeiro momento, como já mencionado, estamos fazendo o censo do livro e aos poucos temos percebido que há casas em que há bastante livros, de variados gêneros. Esse trabalho está ocorrendo e é importante para descobrirmos de que forma a comunidade se relaciona com a cultura letrada; outro passo é a oferta para os professores e comunitários de cursos de formação que abordem a leitura em uma perspectiva omnilateral; rodas de conversa, caderno de campo; discussões coletivas para observarmos a relação das pessoas do lugar com a construção da biblioteca.

No segundo momento, tem-se o trabalho prático pedagógico, intervindo sobre a realidade encontrada. Para que se tenha o pleno desenvolvimento do projeto interventivo é necessário atentar para ações prévias a serem aplicadas, fundamentais para a preparação do contexto. As ações compreendem o levantamento do acervo, a formação de pessoas para o trabalho de classificação dos livros, organização do espaço, regimento e o uso do espaço de leitura e os empréstimos. A adesão e a participação da comunidade para o desenvolvimento do trabalho têm sido essenciais, pois, segundo Franco (2005, p. 498), “a construção da dinâmica do coletivo tem por perspectiva sensibilizar o grupo de práticos para a cultura da cooperação. Isso não é tarefa fácil”.

Faz parte da proposta de intervenção a criação da biblioteca de forma coletiva e participativa, propiciando um lugar onde os alunos e comunitários possam ter acesso aos livros e desenvolvam práticas leitoras. As práticas leitoras estão sendo efetivadas no ambiente da escola e aos poucos na biblioteca, ocorrendo também de forma itinerante com grupos de pessoas que farão circular as leituras na comunidade ou com empréstimos de obras. A participação efetiva da escola é bem importante, pois em conjunto realizar saraus, palestras, rodas de leitura, leitura de pais de alunos e outros comunitários, além de feiras de leitura e de literatura.

As ações interventivas são monitoradas e observadas para posterior descrição, o terceiro momento, é quando a professora-pesquisadora faz a descrição do trabalho desenvolvido e os resultados das ações sobre a realidade contextual. Além de observar as possíveis mudanças resultantes das ações de leitura realizadas a partir da criação coletiva da biblioteca.

Temos, então, a avaliação das ações que se dará ao longo das atividades e ao final da intervenção, para verificar os pontos positivos e negativos das práticas, levando à reflexão do que mudou, se houve transformações e como ocorreram e o que precisa ser melhorado. A proposta de intervenção não deve ser encerrada com a conclusão do mestrado, após a

avaliação, que deve ocorrer coletivamente a cada dois meses, teremos caminhos a serem feitos ou refeitos, de modo que as práticas leitoras continuem a ser desenvolvidas. Como trabalho na região do Curicaca, há possibilidade de continuar com as atividades em torno da leitura tanto na escola quanto na comunidade.

5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Muitos são os programas governamentais de leitura; projetos de intervenção; ONGs compromissadas com a educação; páginas de facebook; blogs; vlogs etc., com propostas de fazer ler, apesar desses grandes esforços, os lugares distantes continuam desprovidos de leitura que desperte as pessoas para a realidade cruel e colaborem para que lutem por melhorias de vida.

Soma-se a essas iniciativas o Lelit – um Programa de Pesquisa, Ensino e de Extensão da Ufopa, que, desde 2011 – reúne, professores universitários e da Educação Básica e estudantes universitários e de ensino médio em torno de pesquisa, formação e ações de transformação com foco na relação entre linguagem e educação no Oeste do Pará.

A atividade de pesquisa tem como eixo articulador a inquirição e compreensão dos modos como, no âmbito da educação escolar, da educação básica à educação superior, se produz, se faz circular e se adquire o conhecimento, especialmente aquele que se realiza como próprio do humano-genérico, em sua relação com a leitura-escrita e literatura.

Os projetos de pesquisas vinculados ao grupo exploram os seguintes temas: alfabetização; leitura e formação escolar; literatura infantil e juvenil; leitura e produção de texto; leitura de estudo e formação universitária; norma e variação linguística – implicações para o ensino.

As ações de formação e os projetos de intervenção incluem: pesquisa linguagem e educação; literatura e formação; biblioteca; formação de jovens leitores; alfabetização.

Além disso, o grupo mantém aberta à comunidade acervo de literatura infantil e juvenil com seis mil títulos, um canal de vídeos de leitura e um blog de conteúdo e interação sobre leitura, literatura e formação.

O programa Ler literatura, viver e aprender desenvolvido pelo grupo, compreende um conjunto de ações integradas de levar a ler e de formar leitores de forma articuladas às ações de pesquisa, extensão e ensino.

Entre o compromisso e a realidade: levar a ler a lugares distantes é o subprojeto do Lelit coordenado pelo Dr. Zair Henrique Santos; investiga condições, possibilidades e permanência

de ações pedagógicas e instrumentos de formação intelectual e cultural, especialmente a biblioteca, em “lugares distantes”. A finalidade essencial é a criação, revitalização e dinamização de lugares de ler (bibliotecas; oferta de livros em armários; estantes.), focando como esses lugares se organizam e prevalecem, seus vínculos institucionais e comunitários e seus efeitos formativos. “Levar a ler” é um conceito que procura superar os bordões “promoção de leitura”; “incentivo à leitura”; “gosto pela leitura”, que trazem concepção idealista e subjetivista de formação, sem reflexão sobre o processo formativo, passando a ideia de que qualquer leitura é relevante e formativa. Levar a ler implica compromisso, posicionamento político-pedagógico, reconhecimento da realidade alienante e necessidade da apropriação do que há de mais elevado da produção cultural humana.

Alguns projetos acadêmicos foram construídos e realizados sob orientação do Professor Zair Henrique Santos: *O cantão da leitura, na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva*, na Vila da CANP¹⁹- Monte Alegre- de Maria Rita de Alexandre de Lima Teles e Eliana Nascimento de Moraes²⁰; *Criando um espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 KM 11- Monte Alegre* – de Andria Arcanjo da Silva Araújo e Sandra Elena Couto Meireles²¹; *Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea*, na comunidade de Ipanema – Prainha - de Jonadabe de Araújo Garcia e Alzenora Ferreira Carvalho das Neves²²; *Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes”*, de Alessandra Maria de Mesquita²³. Tais projetos de pesquisa, com exceção do último, serviram como objetos de análise e que resultaram na tese de Doutorado do Professor Zair Henrique que teve como tema “*Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará*”.

O projeto Cantão da Leitura, realizado pelas professoras Eliana Nascimento de Moraes e Maria Rita Alexandre de Lima Teles, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Dátis Lima de Oliva, na comunidade de CANP, zona rural do município de Monte Alegre, no Oeste do Pará, objetivou à formação de leitores de literatura infantojuvenil. O trabalho teve início em fevereiro de 2014 com aplicação de questionários acerca das práticas de leitura realizadas

¹⁹ Colônia Agrícola Nacional do Pará.

²⁰ Acadêmicas do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfor –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

²¹ Acadêmicas do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfor –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

²² Acadêmicos do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfor –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

²³ Mestra em Letras pelo Profletras (2019), pós-graduada em Informática e as Novas Tecnologias Educacionais pela Ulbra (2009), graduada em Letras: Português/Inglês pela Ufopa (2015) e graduada em Pedagogia pela UFPA (2006).

na escola. Em parceria com os comunitários foram construídas mesas, bancos e um varal que serviram de suportes para 103 livros inicialmente. As acadêmicas desenvolveram a princípio atividades de leitura durante duas vezes na semana com uma turma de 6º ano no horário do intervalo das aulas. Os alunos se interessaram tanto pela leitura que pediram emprestados os livros para lê-los em casa. O projeto ganhou tal dimensão que os próprios funcionários da escola começaram a emprestar as obras deste acervo. Meses depois da implantação do projeto, houve socialização das práticas de leituras que passaram a ser desenvolvidas nas turmas.

Em janeiro de 2015, o projeto foi apresentado pelas acadêmicas como Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Relato de experiência: promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva*. O projeto não pôde continuar e um dos fatores que contribuíram para isso foi que a única das acadêmicas lotada na escola foi transferida para outra comunidade e muitos dos professores que acompanharam as atividades seguiram destinos diversos. Outro fator que contribuiu para a descontinuidade do trabalho foi a mudança de direção da escola. Por fim, os livros foram guardados num espaço chamado de “biblioteca”, misturados com livros didáticos, instrumentos musicais, materiais de limpeza, eletrônicos e didáticos. A escola não incorporou o espaço como um bem da comunidade escolar.

Uma outra iniciativa de levar a ler em “lugares distantes” foi o projeto que deu origem à Monografia *Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: Formando leitores na várzea*, de autoria de Jonadabe Garcia e Alzenora Carvalho. Tal projeto foi aplicado na Escola de Ipanema, área ribeirinha da cidade de Prainha, no Oeste do Pará. Para a aprovação do projeto foi realizada consulta aos comunitários por meio da aplicação de questionários. O resultado foi positivo e, de forma coletiva, foi construída uma biblioteca na Comunidade. Então, no dia 30 de abril de 2004, inaugurou-se este espaço de leitura.

O acervo foi adquirido por meio de doações dos professores, pais de alunos e de comunitários, que somados aos livros do Pnaic²⁴, já existentes na escola, somou-se um total de 998 obras de literatura-infantil. As atividades foram desenvolvidas durante um período de nove meses _março a novembro de 2014_ pelos acadêmicos, com alunos do 8º ano. Tais atividades incluíam escolhas de livros, empréstimos, leituras, produção textual, saraus e exposição de resumos sobre livros lidos. A comunidade ficou tão empolgada com a iniciativa que resolveu, de forma conjunta, inscrever um grupo de 15 alunos no *IV Seminário de Ler*

²⁴ Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa.

Literatura: aprender e viver, no qual os acadêmicos fizeram exposição oral do projeto e os alunos apresentaram algumas de suas produções textuais.

O que prejudicou o andamento do projeto foi o fato de que apenas um dos pesquisadores era lotado na escola. E mesmo com a ampliação do acervo, no ano seguinte à culminância do projeto, ficando o espaço de leitura sob a responsabilidade de um funcionário da escola, tem-se fragilidade da ação de levar a ler motivado pela transformação do espaço em uma sala de aula, onde estudava uma turma de Educação de Jovens e Adultos, o que dificultou o acesso dos alunos aos livros.

Outro exemplo de criação de espaço de levar a ler em “lugares distantes” consiste no Trabalho de Conclusão de Curso *Criando um espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 km 11*, em Monte Alegre no Oeste do Pará, construído pelas acadêmicas Andria Arcanjo da Silva Araújo e Sandra Elena Couto Meireles. No entanto, por falta de estrutura na escola, principalmente em relação ao espaço, só foi possível construir um Armário de leitura.

O acervo foi adquirido com o apoio coletivo, pois as obras foram doadas por pais, comunitários e funcionários da escola. Tais obras somadas as que já estavam na escola, pertencentes ao Pnaic, somando-se 986 exemplares. As atividades foram desenvolvidas com uma turma de 6º ano, mas o acesso aos livros ficou disponível aos demais alunos da escola. As atividades do projeto eram realizadas nesta turma, às quintas-feiras, durante as aulas de Língua Portuguesa, num período que compreendeu março a outubro de 2014. Foram realizadas leituras de livros de literatura e a escrita do que mais os alunos gostaram ou não a partir das leituras, depoimentos de adultos-leitores sobre suas experiências de leitura e a leitura pública das obras, atividade realizada pelos alunos na área da escola. Já na segunda fase do projeto, ainda em 2014, os livros eram lidos pelos professores e alunos, em voz alta, nos espaços da escola. Em vista disso, os empréstimos aumentaram e alunos de outras turmas passaram a se envolver no projeto. As atividades de práticas de leitura se espalharam por outros espaços internos e externos à escola: barracão comunitário, refeitório e sala de informática.

Apesar de o projeto não ter se encaixado nos “moldes” dos projetos de criação de levar a ler, pois se constituiu foi um armário com livros, o que mais prosperou como formação de leitor e até hoje o projeto permanece e conta com a adesão de outros professores e de comunitários. Inclusive há planos de se adquirir um terreno para a construção de uma biblioteca na comunidade.

Em sua tese de doutorado, “*Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará*”, Zair Santos buscou entender as possibilidades e os limites de levar a ler em “lugares distantes”. O pesquisador teceu discussões sobre a prática da leitura e elaborou questionamentos sobre levar a ler, direito à leitura e à literatura e narrou os processos de vida e de formação dos professores que desenvolveram espaços de ler. “Por que transformações passaram os agentes e os lugares e, além disso, quais as possibilidades e limites de levar a ler nestes locais?” (SANTOS, 2016, p.126). Tal estudo permitiu ao professor-pesquisador reflexão sobre sua prática de orientador de TCC’s na área de leitura. Como metodologia, aplicou-se a pesquisa-ação, de modo que se apropriou das narrativas dos TCC’s mencionados, de entrevistas semiestruturadas, de visitas às comunidades onde funcionavam os projetos de levar a ler a lugares distantes e de anotações de pesquisa de campo.

Por questões diversas, dos três projetos de intervenção tratados na tese, apenas um continua em atividade, mesmo com precariedade. Esta tese gerou outros trabalhos, dentre os quais o de Alessandra Maria de Mesquita, que tinha como objetivo investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Professora Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre, Oeste do Pará. Resultaram na dissertação *Leitura e biblioteca escolar: Uma proposta de levar a ler em “lugares distantes”*. Foram desenvolvidas atividades do primeiro semestre de 2017 a outubro de 2018: encontro com os professores, Baú Literário, Hora da leitura, oficinas de leitura, conhecendo o autor, Bolsão de Indicação Literária, Mural Propaganda da leitura, Vídeo de autores, Carta de Recomendação Literária, Visita a Bibliotecas de outras escolas, Sarau Literário, Perfil da biblioteca em rede social. As atividades foram realizadas com o propósito de apresentar a leitura na escola pensada enquanto um direito do cidadão (Mesquita, 2018).

Após o término das intervenções a professora analisa que a comunidade escolar precisa compreender o papel social, cultural e político da biblioteca como fonte de conhecimento e informação_ sem essa compreensão dificilmente teremos trabalhos sólidos e ações de leitura efetivas. A pesquisadora avalia as ações de leitura como positivas principalmente para os alunos, aos quais foram apresentadas variedades de gêneros, além do despertar para leitura de literatura, para os professores que aderiram ao projeto, viram através deste a possibilidade de repensar suas práticas pedagógicas.

Mesquita (2018) apontou entusiasmo da escola em utilizar a biblioteca e realizar atividades de leitura com os alunos, algumas ações desenvolvidas foram contínuas, mas não

coletivas. Por fim, a pesquisadora reflete sobre a necessidade do apoio do poder público à implementação, permanência e funcionamento das bibliotecas, além do engajamento da comunidade escolar e sociedade em geral como forma de se firmar essas ações como propostas mais sólidas.

Após um ano da inauguração da biblioteca, algumas mudanças positivas foram acontecendo; depois de um curto período fechada e insistência de professores e alunos, a biblioteca encontra-se funcionando com dois funcionários contratados pela secretaria de educação daquele município.

Alessandra Mesquita apresentou trabalhos na linha de ação de levar a ler em lugares distantes em vários eventos, como VII Seminário do Lelit; VII Jornada Acadêmica da Ufopa; VI Seminário de Pós-Graduação da Ufopa; II Seminário de defesa de dissertação do Profletras.

Outro trabalho realizado na prática de levar a ler em “lugares distantes” foi a pesquisa realizada por Raimundo Edivandro Alves de Vasconcelos²⁵. Trata-se da retomada do trabalho desenvolvido em 2014, na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva na Comunidade da CANP, município de Monte Alegre. A proposta era investigar as possibilidades (condições e limites) de formação de leitor em escola rural, por meio da criação de espaços e ações de levar a ler literatura, numa atitude coletiva, participativa, e além, por que uma escola com quase mil alunos e um corpo docente com boa formação acadêmica não dispõe de biblioteca e nem de programa sistemático de leitura literária?

O pesquisador utilizou a pesquisa-ação a qual teria a possibilidade de transformação da realidade escolar e social, fazendo com que os participantes se tornassem coautores e sujeitos ativos na construção do conhecimento que fora produzido concomitantemente à intervenção. Alguns instrumentos utilizados para constituição do corpus foram: observação, entrevista, palestras, memórias, relatos orais (Vasconcelos, 2018). O pesquisador indaga sobre a desvalorização da leitura nestes lugares distantes, cujos direitos básicos não foram superados, este fator aproxima a pesquisa de Vasconcelos (2018) das demais pesquisas supracitadas, incluindo esta. É um desafio a permanência e compreensão da biblioteca como lugar de formação e irradiação de leitura e não apenas entretenimento.

Após um ano de criação, o “Espaço de leitura Professora Maricota”, Vasconcelos (2018) descreve: nas conversas com os professores e alunos o que mais ouvia quando se

²⁵ Mestre em Letras pelo Profletras (2018), Ufopa.

tratava de leitura era que ler é importante, que ler faz mudar de vida, que ler torna aluno bom escritor. A leitura era vista como prazer, viagem, gosto.

Vasconcelos (2018) enfatiza os desafios da permanência do trabalho, as dificuldades de abranger o coletivo, e esclarece que, para compreender as transformações é necessário tempo maior de observação, o curto período da pós-graduação não é suficiente; porém, a maior transformação aconteceu com o próprio pesquisador-investigador e suas reflexões sobre a leitura por um outro ângulo, que não o do pragmático.

Seguindo a linha de pesquisa do levar a ler em “lugares distantes”, temos a pesquisa de Rosilene de Araújo Farias²⁶ *Biblioteca ativa na escola pública: o espaço para formar mais que o leitor*, aplicado em 2017. A pesquisa participante foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora, no município de Itaituba-Pará, com a finalidade de revitalizar a biblioteca e torná-la centro de leitura, por meio de ações planejadas, que atendessem a comunidade escolar. Tal projeto foi objeto da dissertação de mestrado *O protagonismo da biblioteca escolar: Ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da cultura letrada*.

Após as ações desenvolvidas, que duraram dois anos (abril de 2017 a dezembro de 2018), a pesquisadora pôde relatar algumas conclusões. As mudanças na escola após a revitalização são visíveis. A lotação da pesquisadora como professora na escola foi crucial para o fortalecimento do projeto, que, concomitantemente, fortaleceu a realização de um sonho, pois a reconstrução e a revitalização do espaço de leitura estavam intimamente ligadas à sua pesquisa, e deu mais credibilidade ao seu trabalho e segurança para acreditar que seria possível desenvolvê-lo, apesar das dificuldades.

Uma das primeiras dificuldades encontradas foi que se criou dentro da escola a imagem de que tal projeto era mais um elemento do “mestrado da professora” que daquela instituição de ensino, o que a fez entender que iria para aquele lugar não apenas para mudar um espaço estrutural, mas as ações rotineiras da escola. Iniciou-se, assim, uma tarefa maior, que ia além de ampliar, pintar e organizar a biblioteca. Era preciso fazer com que as pessoas entendessem que as ações de levar a ler precisavam estar à frente.

A pesquisa, apesar das dificuldades, atingiu seus objetivos: a (re) construção da biblioteca teve êxito e é uma das mais bem estruturadas do município de Itaituba; houve um crescimento progressivo na frequência da biblioteca por parte dos alunos. Foi notável o interesse pela leitura, a partir das ações executadas no espaço da biblioteca.

²⁶ Mestra em Letras pelo Profletras (2019), Ufopa.

A biblioteca da escola A Mão Cooperadora tornou-se a protagonista e faz a diferença no ensino-aprendizagem desse grupo escolar. Por outro lado, o projeto apresentou limitações importantes para o sucesso completo da pesquisa. Uma das limitações reside no fato de não ter conseguido motivar de maneira satisfatória a todos, especialmente quem ocupa posição de liderança dentro da instituição – o professor –, fundamental dentro do processo de fazer ler.

Com a finalização da pesquisa, o trabalho continua, e sem desconsiderar o sucesso resultante da execução das atividades, precisa de tempo maior para avaliação mais consistente, pois devido ao envolvimento da pesquisadora com o projeto, sentiu a necessidade de um olhar mais distanciado para perceber o todo, o geral, para olhar de outros ângulos a mobilização dos outros personagens. A pesquisadora observou que a intensidade dos trabalhos tirou dela a oportunidade da reflexão sobre as próprias ações. E concluiu enfatizando que por ter tido apenas seis meses para a realização do Projeto, fazer as observações e as análises, pode ter tirado conclusões precipitadas, por isso fica a dúvida: não se sabe se a biblioteca sobreviverá às mudanças que ocorrem no ambiente escolar, se permanecerá ativa dentro da escola. No entanto, o otimismo lhe permite dizer que a biblioteca sobreviverá e frutificará, pois, algumas experiências têm caminhado para o fracasso e outras têm resistido, com muitas dificuldades.

Elenca-se ainda na linha de levar a ler em “lugares distantes” o trabalho de Luanna Cardoso Oliveira²⁷ *“Espaço de leitura aldeia Nova Vista: formando leitores no rio Arapiuns”*. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras *“Espaço de leitura aldeia Nova Vista: leitura, educação escolar indígena e identidade”* e na construção da biblioteca inaugurada no dia 20 de abril de 2018, a qual consta com mais de 800 exemplares no seu acervo, incluindo clássicos da literatura nacional e internacional, poemas, peças teatrais, infantojuvenis, biografias. As observações e análises feitas pela pesquisadora após a implantação e funcionamento da biblioteca; resultaram na dissertação de Mestrado *“Leitura e formação: contribuições da biblioteca no rio Arapiuns”*.

Luanna Oliveira procurou compreender quais os possíveis efeitos e transformações sociais produzidos por meio das novas dimensões culturais implantadas através de uma biblioteca escolar na aldeia.

Como estratégia de promover ações de levar a ler, juntamente com professores e lideranças locais, estruturou-se um plano de intervenção de um ano. Neste tecer de ideias, professores e lideranças se propuseram a relatar as dificuldades, relacionando a educação ao

²⁷ Mestra em Educação (2020), Ufopa.

contexto a qual se desenvolve, permeado de conflitos e burocracias que afetam diretamente a escola e toda sua organização.

O trabalho de Oliveira (2020) é resultado de um esforço processual. A pesquisadora apresenta relatório de três anos de pesquisa, que caminhou paralelamente à sua formação acadêmica. Após esse período, foi possível fazer apontamentos acerca dos efeitos de levar a ler na aldeia Nova Vista, que possui especificidades culturais, mas tem características comuns a centenas de outros locais, principalmente por se situar à margem, distância não apenas geográfica, mas também de oportunidades, de direitos básicos, como posto de saúde, melhores estruturas da escola, meios de comunicação. As conclusões apresentadas são baseadas em observações registradas no diário de campo, registros fotográficos, conversas informais e atividades realizadas no período de intervenção.

A avaliação às atividades feita pela pesquisadora foi positiva, pois houve forte participação de professores e estudantes, que mensalmente encontravam-se para ler, ouvir e apreciar literatura. As atividades de leitura aconteceram de forma gradual; iniciou-se com a leitura pública de contos, crônicas, poemas, fábulas, os primeiros textos não eram longos e priorizou-se a apreciação e a escuta dos textos. A pesquisadora nos relata que as crianças ficavam atentas e impressionadas com o que lhes era lido. Em outro momento, as crianças eram convidadas a socializar suas leituras. De início, ficavam tímidas, mas aos poucos foram adquirindo desenvoltura, fazendo inclusive associações com outros textos.

No fim de sua dissertação, a pesquisadora salienta que seria arriscado afirmar que houve transformação coletiva, principalmente porque todo processo de transformação ocorre de forma longa, lenta, e, por vezes, aparece individualmente em cada professor. A mensuração dessas ações, principalmente em relação às crianças pode demorar anos, mas que alguns resultados já se observam. Destaca ainda alguns efeitos mais relevantes a ser elencados: alguns docentes passaram a refletir e a falar, inclusive em reuniões, sobre a secundarização das atividades escolares em prol de outras dentro da aldeia, como torneios e festas; questionaram a falta de debate e desatualização do Projeto Político Pedagógico da escola, que será discutido e atualizado antes de iniciar o ano letivo de 2020; refletiram sobre o estreitamento com os pais para melhorar o espaço da biblioteca, observando que este assunto está muito restrito à escola.

Ainda que parcialmente, os funcionários da escola demonstraram comprometimento e participação nas ações, mostrando interesse sobre que seria feito no ano seguinte. Porém, nenhum professor aderiu ao trabalho voluntário na biblioteca, persiste entre os docentes a

opinião da necessidade de um funcionário exclusivo para a biblioteca – é válida a necessidade de um funcionário para esse espaço, mas isso não significa que cada professor não possa contribuir para mantê-lo. Durante todo o tempo de pesquisa, a organização da biblioteca foi realizada pela própria pesquisadora e, em curto período, pela pessoa vinculada ao Programa Mais Educação. A militância em prol da biblioteca na aldeia tem repercutido de maneira que se construiu uma identidade, carinhosamente nomeada de “biblioteca ou projeto da Luanna”. Porém, há um agravante em torno disso: ao designarem um “dono” para este lugar, as pessoas acabam se isentando da responsabilidade pelo espaço.

A partir da tese do Professor Zair Henrique Santos, e considerando os trabalhos que surgiram a partir dela, pode-se concluir que, como pesquisadores, temos que nos ater não apenas naquilo que foi bem-sucedido na pesquisa, mas também naquilo que não foi. Essa é uma postura necessária para que se desenvolva uma boa pesquisa.

Para pensar em levar a ler em “lugares distantes”, temos que atentar às questões da leitura, especialmente no Brasil, apesar de se reconhecer a urgência no desenvolvimento da leitura, a preocupação está presa mais ao discurso, até porque, segundo Silva (2002, p. 33),

Apesar de tão continuamente requisitada e tão multifacetadamente presente dentro de propostas que visam facilitar a aquisição de experiências, a leitura levanta-se como uma grande fonte de inquietação dentro do cenário brasileiro – como um grande enigma, por assim dizer.

Os caminhos para o acesso à leitura se restringem quase que exclusivamente à escola, onde boa parte da população brasileira tem o contato com a leitura.

parece certo dizer que não existe tradição de leitura no Brasil. Dada as condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação e, portanto, ao livro (Silva, 2002, p. 37).

Apenas o acesso a um bom acervo não significa ter um ambiente de disseminação da leitura, bem como de sua propagação. É preciso compreender a dinâmica do contexto em que a leitura está inserida, desenvolver atividades pedagógicas de leitura, considerar fatores como a localização e realidade do ambiente, no caso específico da pesquisa, o ambiente do interior, zona rural, de uma comunidade que possui uma escola polo com quantidade relevante de alunos e com uma população simples que carece de uma leitura diferente das exploradas pelo meio de comunicação de massa, que não possui um lugar apropriado para as práticas leitoras, biblioteca, livrarias, a própria literatura como foco não é uma realidade. E onde fica o lugar de

ler? E o direito à leitura? “o direito à leitura: o direito de ser no mundo e de, sendo, fantasiar e fantasiar-se” (Britto, 2015, p. 58).

E para que esse direito possa ser usufruído, há que produzirem as condições materiais e sociais: crianças leitoras nascem, e crescem, e vivem, e criam em ambientes em que a leitura desimpedida ocorra espontânea e frequentemente: ambientes com muitos e bons livros, com muitas e boas histórias e poemas, com muitas palavras e desafiadoras frases desajustadas, novidadeiras, voadoras, atrapalhadas, consoladoras, brincalhonas...Palavras mudas e tagarelas (Britto, 2015, p. 58).

Segundo Castrillón (2011, p. 15), sobre o direito à leitura, deve-se ter um projeto político que tenha a convicção que “ler e escrever é um direito dos cidadãos, direito que devemos fazer cumprir e que, por sua vez, implica um dever e um compromisso de muitos”.

Há uma gama de projetos e programas, entre outros, que tem colocado a leitura como foco de debates, no entanto, como já vimos, não basta o acesso aos bens culturais escritos, tais como os livros, pois sem práticas planejadas, sem conceitos amplos do que seja a leitura, a organização social e dos próprios espaços de leitura, bem como a intervenção e formação do professor, implicam nos resultados positivos ou não acerca do ato de ler e da formação do leitor.

O propósito de formar leitores exige professores bem formados, conscientes da necessidade de mudanças importantes na estrutura social da escola e atualizados, não por meio de cursos breves ou oficinas, mas, sim, por meio de programas de longa duração, que partam de sua prática cotidiana e que também introduzam o conhecimento da teoria e a necessidade da reflexão e do debate. Formação que lhes permita romper com a tradição de ensinar como aprenderam. Professores também formados como leitores e escritores, condição primordial para ensinar a ler e a escrever (Castrillón, 2011, p. 24).

Quanto à formação do leitor crítico, porque não basta possibilitar a leitura, mas levar o cidadão a exercer o direito à leitura e à literatura de modo que seja um agente crítico e reflexivo, assim, para Britto (2015, p. 49) “uma forma concreta de formar o leitor crítico, de maneira que tenha sentido a afirmação de que ‘o sentido da leitura’ resulta da experiência do leitor, é investir em situações em que afluam as necessidades de criar, buscar, criticar.” Silva (2009, p. 22), sobre a criticidade

A criticidade pode não operar milagres nem revoluções da noite para o dia, mas ela pode levar o sujeito a enxergar o avesso das coisas. Pode ser um contraponto ou um escudo aos mecanismos de alienação. Pode desnudar a mentira, recolocando o leitor nos trilhos da objetividade dos fatos. Pode, enfim, gerar conflitos.

Sobre a leitura crítica, Silva afirma que ela

[...] movimenta-se sempre no horizonte do bom senso, busca e detecta o cerne das contradições da realidade. Dessa forma, pela leitura crítica, o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza novas sínteses; enfim, combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias referidas pelos textos (Silva, 2009, p. 28)

Quanto à literatura o que se pode tecer sobre a sua relevância para o ser humano, segundo Britto (2015), a literatura serve

Para nada. E para tudo.

A literatura não presta para nada. A poesia, o romance, o conto, a crônica, as narrativas fantásticas e as de cotidiano, as histórias e fatos que não aconteceram e que podiam e podem acontecer – a literatura não forma nem conforma os espíritos, não salva nem consola, não ensina nem estimula. Enfim, não se presta muito para coisas práticas e aplicadas. Não produz realidades mensuráveis e negociáveis.

A literatura presta para tudo. O texto literário é um convite a uma ação desinteressada, gratuita, uma ação que não espera que dela resulte lucro ou benefício. É o simples pôr-se em movimento, para sentir-se e existir num tempo suspenso na história, um tempo em que a pessoa se faz somente para si, para ser, um tempo de indagação e contemplação, de êxtase e sofrimento, de amor e angústia, de alívio e esperança, disso tudo de uma só vez e para sempre. Nela a gente se forma e se conforma, perde-se e salva-se, se consola e se estimula, aprende e ensina a viver em realidades incomensuráveis, ainda que realmente intangíveis (Britto, 2015, p. 53-54).

Antônio Candido (2011), fala da literatura como manifestação universal de todos os homens e em todos os tempos. Não há nem povo e nem homem que possa viver sem ela.

[...] assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 2011, p. 177).

A leitura de literatura muitas vezes é vista como um momento de “perda de tempo”, quando se faz uso dela no ambiente escolar, por vezes, se interpreta como enrolação do professor de Língua Portuguesa (LP), ou é usada como forma de ensinar elementos gramaticais. Há uma responsabilização no ambiente escolar da leitura literária ao professor de LP, mas sabe-se que quanto mais agentes se propuserem à irradiação da leitura, seja ela literária ou de outros tipos de textos, melhor se dará o acesso aos bens da cultura escrita.

Na obra o “Banquete dos notáveis”, Constantino Bértolo (2014, p. 48) traz-nos uma reflexão sobre a atividade de leitura de um texto, chama-nos a atenção para o fato de que

Ler um texto não é tarefa simples, requer competência. Requer atenção, memória, concentração, capacidade de relação e associação, visão espacial, certo domínio do léxico e sintático da língua, conhecimento dos códigos narrativos, paciência, imaginação, pensamento lógico, capacidade para formular hipóteses e construir expectativas, tempo e trabalho.

E por que insistir na leitura e sua prática, considerando que o livro por si só não é garantia do ato de ler, uma vez que muitas escolas não possuem um espaço apropriado para ações interventivas de leitura, bibliotecas se apresentam, especialmente, na zona rural, um sonho distante? Porque, segundo Silva (2004, p. 11), “a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade.”

[...] o acesso à leitura e aos livros nunca conseguiu ser democratizado em nosso meio. A tão propalada “crise da leitura” não é uma doença destas últimas décadas e nem deste século: ela vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro (Silva, 2004, p. 11-12).

O ato de ler, como afirma Silva (2004), se constitui num instrumento de luta contra a dominação. Precisamos, portanto, nos inquietar ao que se apresenta como uma realidade em que somos privados de bens de direito como a leitura. Uma vez que

A manipulação do povo ocorre através de uma real contradição: ao mesmo tempo em que se prega o valor do livro e da leitura, tenta-se esconder o fato de que as condições de produção da leitura não são tão concretas assim. [...] a existência de um volumoso número de analfabetos, a inexistência de bibliotecas populares, a ausência de uma política para a promoção da leitura, etc., são em verdade, fenômenos muito bem “calculados” pelo poder dominante (Silva, 2004, p. 49-50).

O fato é que a leitura é de grande relevância na vida do ser humano, que pode compreender melhor quem é, o que o cerca e desenvolver sua capacidade leitora de si e do mundo em que vive, a partir de experiências vividas. Contudo, ter um lugar agradável, em boas condições e propício ao desenvolvimento de atividades leitoras é escasso, raro. Ao mesmo tempo, algumas vezes, pode-se até desenvolver algumas práticas de leitura, mas sem planejamento prévio, o que se pode inferir ter objetivo apenas de ocupar um dado momento de tempo. A proposição leitora executada pelo agente propagador da leitura deve ser sistematizada, planejada, contínua e se possível diária, possibilitando as melhores condições

possíveis aos cidadãos para ter acesso à leitura, permitindo-lhes construir sentidos a partir dos mais variados textos.

Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (Chartier, 1999, p. 77).

Em sua tese de doutorado “Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará”, Santos (2016), fala sobre as ações de leitura que não devem se dar de forma isolada, mas participativa e coletiva, pois

o sucesso da ação não está na quantidade dos livros disponíveis para o público, no tamanho do lugar construído ou no embelezamento do mesmo, também não resulta da maneira de arrumar os livros “olhando” para o leitor, e sim, no exercício de uma prática de ler um texto diferente que é o literário, isso tem que ser ensinado para todos, já que esta ação supera profundamente a leitura de textos voltados para o imediatismo e o pragmático da cotidianidade (Santos, 2016, p. 149-150).

É relevante, assim, ter um espaço de leitura - uma biblioteca escolar - a partir de uma construção coletiva e participativa que envolva a comunidade como um todo para que as atividades leitoras se desenvolvam plenamente, pois ainda que o espaço seja um lugar distante do núcleo urbano, e se contextualize como um ambiente interiorano, os cidadãos devem ter acesso aos bens culturais como livros, revistas, jornais, encartes diversos, áudios, vídeos e o que mais lhe puder acrescentar para assim intervir na sua vida.

6 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2021		2022	
	1º Semestre	2º Semestre	1º Semestre	2º Semestre
Levantamento teórico	X	X	X	
Revisão bibliográfica		X	X	
Elaboração do projeto de pesquisa e de intervenção	X	X		
Apresentação do projeto de pesquisa em seminário de qualificação		X		
Organização e planejamento das atividades de intervenção		X		
Aplicação do projeto de intervenção			X	

Descrição das práticas desenvolvidas			X	
Avaliação permanente das práticas desenvolvidas			X	X
Elaboração do relatório de pesquisa			X	X
Produção da dissertação			X	X

AÇÕES JÁ FEITAS

Algumas ações já foram desenvolvidas durante o percurso da pesquisa:

Três (03) visitas à comunidade Curicaca, a primeira visita com a presença do prof. Dr. Zair Henrique Santos, momento em que pudemos reunir uma parte da comunidade escolar e alguns outros comunitários (não foi possível reunir mais pessoas por conta da pandemia da Covid-19) para um diálogo sobre a proposta de pesquisa; a segunda, deu-se com a participação da aluna de graduação em Letras/Ufopa Michelle Arapiun e que faz parte do grupo de pesquisa “Entre o compromisso e a realidade: levar a ler em lugares distantes” /Lelit, foi um momento de busca dos livros que existem na escola, uma pré-seleção e organização de livros e outros materiais impressos que fomos encontrando em vários espaços; a terceira visita ocorreu em virtude da *VII Conferência Municipal de Educação* com o tema *Inclusão, equidade e qualidade: compromisso com o futuro da educação alenquerense*, onde esteve reunida, além do corpo escolar, uma parte significativa dos comunitários locais, foi uma ação desenvolvida para o Fórum de Educação da cidade de Alenquer que deve ocorrer no final do mês de outubro de 2021.

Uma reunião com a secretária de educação de Alenquer; encontros com o grupo de estudos do projeto “Entre o compromisso e a realidade: levar a ler em lugares distantes”/Lelit/Ufopa; assessoramento na produção de abaixo-assinado com a reivindicação do espaço próximo à escola para a construção da biblioteca comunitária, o documento já foi encaminhado para as autoridades municipais.

ATIVIDADES CIENTÍFICAS DESENVOLVIDAS E MOSTRAS DE FUTURO

Estudos de textos teóricos e trocas de experiências de pesquisas com o grupo de estudos do projeto “Entre o compromisso e a realidade: levar a ler em lugares distantes” - Lelit/Ufopa; Participação no FLI – BH – Festival Literário Internacional 2021 (Belo Horizonte, Minas Gerais), Conferência de abertura “*Obrigação, prazer ou direito:*

adolescentes e leitura literária”, “*Seminário adolecer: sujeitos e percursos literários*”, “*Mesa de debate: Uma biblioteca para as juventudes*”; Produção do projeto de pesquisa.

Está em construção o tópico: Revisão bibliográfica, que é célula de um futuro capítulo da Dissertação; o texto aborda os trabalhos já desenvolvidos pelo Lelit sobre biblioteca escolar e leitura, para finalizar falta estudar os trabalhos de Pibic e Pibex desenvolvidos pelos bolsistas do Projeto: *Entre o compromisso e a realidade: levar a ler em lugares distantes*.

Outro texto em elaboração é a Fundamentação teórica nas linhas da educação omnilateral, biblioteca escolar e leitura.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana de Souza. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e políticas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-29, 2020.

ARAÚJO, Andria Arcanjo da Silva; COUTO, Sandra Helena Melgaço. **Criando um espaço para promover a formação dos leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 KM 11**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis**: sobre leitura e crítica. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

BRASIL, Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso**: Leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura** - biblioteca e formação. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. (recurso eletrônico).

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 177; 182.

CARVALHO, Alzenora Ferreira; GARCIA, Jonadabe de Araújo. **Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves**: formando leitores na várzea. Trabalho de Conclusão de Curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRILLÓN, Silvia. **Una mirada**. Bogotá: Asolectura, 2010.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

EVARISTO, Lourivânia da Silva. **Biblioteca e formação: uma análise de caso**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciência da Educação. Santarém: UFOPA, 2014.

FARIAS, Rosilene de Araújo. **O protagonismo da biblioteca escolar: ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da cultura letrada**. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. *In*: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs) **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2008.

MAYER, Bel Santos. *In*: Biblioteca comunitária é ponte entre literatura e território – **Educação e território**. 2018. Disponível em:
<https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/biblioteca-comunitaria-e-ponte-entre-literatura-e-territorio/>

MESQUITA, Alessandra Maria de. **Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em “lugares distantes”**. 2019. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2019.
<http://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/511>

MORAES, Eliana Nascimento de; TELES, Maria Rita Alexandre de Lima. **Relato de experiência: promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

OLIVEIRA, Luana Cardoso. **Leitura e formação: contribuições da biblioteca no rio Arapiuns**. Dissertação Mestrado em Educação – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2020.

RIBEIRO, Raiana Tavares. **Refazendo os sonhos: a revitalização do projeto de biblioteca comunitária em Belterra**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciência da Educação – Ufopa. Santarém, 2014.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. Tese Doutorado em Educação. FE– Unicamp. Campinas, 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**. São Paulo: Ática, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. São Paulo: Global2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 9ª edição – Campinas. São Paulo: Papyrus, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**. 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

THIOLLENT, Michel; SILVA, Generosa de Oliveira. Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais. **RECIIS – Revista Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.93-100, jan.-jun., 2007.

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, universidade e sociedade. XIII Colóquio de Gestión Universitária En Américas. **Anais**. Florianópolis, UFSC, p. 1-20, nov. 2013.

TRIPP, David. Pesquisa-ação – uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p.443-466, set./dez. 2005.

VASCONCELOS, Raimundo Edivandro Alves de. **Para além do espaço de leitura**: criação e reflexão das possibilidades de ler literatura em uma escola rural do município de Monte Alegre. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2018.

APÊNDICE B – PROJETO DE INTERVENÇÃO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

**PROJETO DE INTERVENÇÃO
LITERATURA NA ESCOLA: AÇÕES DE LER**

SANTARÉM-PA
2022

RENILZA FONSECA DA PAIXÃO

**PROJETO DE INTERVENÇÃO
LITERATURA NA ESCOLA: AÇÕES DE LER**

Projeto de Intervenção apresentado como parte do Projeto de Pesquisa para a dissertação de mestrado, Mestrado Profissional em Letras – Profletras, turma 2021.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

**SANTARÉM-PA
2022**

1 INTRODUÇÃO

Este Projeto de Intervenção é parte integrante do Projeto de Pesquisa para a dissertação de mestrado profissional em Letras – Profletras - com o título *Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer*, por meio da criação e organização de um espaço de leitura na EMEIEF Dulcinéia Campos dos Santos Sá, possibilitando à comunidade escolar o acesso aos mais variados textos, especialmente, os textos literários e, por conseguinte, permitir a ampliação do repertório cultural das pessoas envolvidas no projeto interventivo.

A proposta se faz pela compreensão de que a leitura pode contribuir para a vida e formação do ser humano, pois o intelecto humano, sua personalidade e seu conhecimento se fazem no mundo considerando as experiências vividas. Desta forma, tem-se a possibilidade de que, com um espaço propício à leitura e com trabalho pedagógico feito por um grupo acadêmico de estudos que tem como fundamento que a leitura possibilita a intervenção no e sobre o mundo e a compreensão de contradições existentes nele, faz com que a leitura deixe de ser apenas decodificação para tornar-se uma função política, crítica e emancipadora e, assim, propiciar melhores condições para leitores fazerem-se ativos e reflexivos.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Propiciar condições de levar a ler em “lugares distantes” por meio da criação e organização de um espaço de leitura na EMEIEF Dulcinéia Campos dos Santos Sá, permitindo o acesso da comunidade escolar a textos diversos, especialmente os literários e, assim, permitir o acesso aos livros e ao ensino de leitura em escola no meio rural.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 2.2.1 Organizar um espaço de leitura na escola;
- 2.2.2 Promover aos alunos o acesso a textos literários;
- 2.2.3 Fomentar a dinamização de práticas de leitura para além da sala de aula;
- 2.2.4 Incentivar a formação de leitores por meio da literatura infantojuvenil.

3 JUSTIFICATIVA

O presente projeto segue uma linha de pesquisa que vem sendo desenvolvida desde o ano de 2014 nos municípios de Monte Alegre e Prainha, no Oeste do Estado do Pará com a aplicação de três trabalhos na zona rural desses municípios: *O cantão da leitura*, na Escola Dr.

Dátis Lima de Oliva, na Vila da CANP, *Criando um espaço para a promoção de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 km 11*, ambos em Monte Alegre e o *Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea*, na comunidade de Ipanema, em Prainha.

Trabalhos orientados pelo professor Dr. Zair Henrique Santos, que serviram de objeto de estudo para a sua tese de doutorado em 2016 com o tema *Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará*.

Considerando a importância que a leitura tem para o ser humano em sua formação humanizadora, uma vez que leva o homem pensar sobre si e o mundo, e constatando a rara presença das políticas de formação de leitores em nossas escolas e menos ainda nas que se encontram no meio rural, escolhi a Escola “Dulcinéia Campos dos Santos Sá”, situada numa área rural, distante da sede do município de Alenquer/PA, oeste do estado do Pará. A escola tem pouco mais de 400 alunos matriculados no ensino regular de Educação Infantil ao 9º ano, além de cerca de 100 alunos do Ensino Médio Modular que utilizam salas da escola para estudarem, e mesmo com esta demanda de estudantes, não havia um espaço de leitura organizado para o desenvolvimento de práticas leitoras.

Assim, o objetivo do projeto é propiciar condições por meio de ações de levar a ler, com a criação e organização de um espaço de leitura na Escola “Dulcinéia Campos dos Santos Sá”, possibilitando aos usuários uma formação leitora com foco na leitura literária, possibilitando-lhes o acesso a livros literários e ampliação de repertório cultural. Espera-se que a proposta das práticas leitoras seja incorporada e levada a diante pela escola, visando a formação de leitores literários.

4 METODOLOGIA

Esse projeto será desenvolvido na Escola “Dulcinéia Campos dos Santos Sá”. A escolha da escola se justifica por se localizar em meio rural afastado da sede do município de Alenquer, oeste do estado do Pará, interior da Amazônia, e distante dos grandes centros irradiadores da cultura letrada, e por ofertar ensino regular da Educação Infantil ao 9º ano e alunos do Ensino Médio, e não ter um espaço de leitura organizado e propício ao desenvolvimento de práticas leitoras.

Após a primeira reunião com a comunidade escolar em junho de 2021, começará a articulação para a proposta de intervenção, sendo a elaboração do projeto iniciada no segundo semestre do mesmo ano, mas a conclusão de sua elaboração ocorrerá apenas em 2022, porque deve acontecer a partir de muito diálogo com a escola. Assim, esse Projeto de Intervenção

será aplicado a partir do 2º semestre de 2022, estendendo-se até o primeiro semestre de 2024, com as últimas ações pedagógicas.

No mês de maio de 2022 faremos uma ação de atividades de leitura literária com a parceria de estudantes de Pedagogia da Ufopa e outros membros do grupo Lelit/Ufopa, para a integração e participação da escola nas ações de leitura, visando um melhor caminho para as futuras ações de levar a ler. O diálogo prévio com a equipe técnica da escola será necessário para estabelecermos turmas e formas de trabalho para atender as crianças do Pré I ao 9º ano. Ainda no mês de maio de 2022 será feita uma breve orientação sobre como fazer a catalogação dos livros.

Faremos uma busca e organização dos livros que existem na escola nos meses de maio e junho de 2022 e continuaremos após as férias, no segundo semestre de 2022, para termos uma ideia do acervo existente. Para isso, contaremos com a colaboração de pessoas do corpo escolar. Em seguida, com os livros encontrados, será feita a organização do material em prateleiras provisórias na sala do arquivo.

No início do ano letivo de 2023, retomaremos a busca de livros e outros materiais para serem colocados nas futuras instalações da biblioteca. A biblioteca é o que a comunidade escolar buscará instituir, a partir de uma construção colaborativa. Enquanto a biblioteca não toma forma física, iniciaremos no primeiro semestre de 2023 a classificação dos livros, uma parceria do grupo Lelit/Ufopa com a escola Dulcinéia. Em maio de 2023, começaremos a catalogação dos livros, utilizando o Programa gratuito Biblivre, antes, no entanto, faremos uma apresentação explicando como funciona esse programa. Com parte dos livros já classificados e catalogados, conseguimos visualizar melhor o acervo.

Em agosto de 2023, teremos o início da organização do espaço físico da biblioteca, uma pequena reforma, pintura, instalação de prateleiras, mesa, cadeiras, emborrachado no chão. Mais uma vez a escola Dulcinéia contará com a parceria do grupo Lelit/Ufopa para organização do acervo nas prateleiras. Os livros de literatura infantojuvenil deverão estar em ordem alfabética de autoria.

No fim de agosto de 2023, faremos a inauguração da biblioteca escolar, disponibilizando-a à comunidade escolar para visita, tanto do corpo escolar como de outras pessoas, empréstimo de livros e abertura aos professores para a implementação de atividades com os alunos nesse espaço.

A seguir faremos o monitoramento do funcionamento do espaço da biblioteca e as ações de levar a ler, com formação com os professores e demais categorias de funcionários da

escola, proposta da Caixa de Leitura Literária, Hora da leitura. Oficinas de leitura: Conhecendo o autor, Espaço de Indicação Literária, Vídeo de autores, Sarau da Escola, Sarau da Biblioteca, Perfil da biblioteca em rede social, visando aproximar a escola de autores, ilustradores, museus e eventos relacionado à literatura e demais atividades que os professores sugerirem ou implementarem durante a realização desta ação interventiva. Rodas de leitura pública de livros de literatura infantojuvenil, ação pedagógica realizada por mim com os alunos da escola e Encontro com o Escritor.

Com relação às formações, será feita uma palestra e oficina sobre leitura e biblioteca, com os professores e demais categorias da escola, no mês de novembro. Contaremos com profissionais que atuam na área de leitura e biblioteca, neste momento, serão convidados todos os profissionais do quadro da escola (incluindo os que atuam nas escolas integrantes). Uma oportunidade de diálogos e aprendizados para todos.

A Caixa de Leitura Literária será uma atividade semanal para as turmas das escolas integrantes que terão acesso a uma parte do acervo da biblioteca. A proposta é que cada escola integrante tenha a sua caixa, trocando mensalmente os livros. Os professores levarão para a sua sala a Caixa de Leitura Literária com os livros selecionados para fazerem a leitura pública para os alunos, na sequência será feita leitura silenciosa pelos alunos após escolherem livro na caixa e posteriormente abrir um espaço de conversa sobre as leituras.

A Hora da leitura será uma atividade de leitura pública da professora e/ou voluntária lotada na biblioteca, aonde as turmas irão para este espaço para a realização das atividades (o fato de a biblioteca ter um espaço reduzido e que não comporta muitas pessoas, pode ser que precise dividir algumas turmas). O que deve ocorrer pelo menos uma vez por semana.

Oficinas de leitura: Conhecendo o autor é uma atividade a ser desenvolvida para que os estudantes conheçam autores de livros infantojuvenis e autores locais, falar um pouco sobre vida e obras do escritor e atividades referentes a um dos livros do autor estudado na oficina. A produção dos alunos será exposta em mural.

Espaço de Indicação Literária consistirá num espaço de divulgação de obras literárias na biblioteca. Haverá um espaço específico destinado a isso, poderão ser indicados até cinco livros, como forma de colocá-los em evidência e assim, motivar o público a fazer o empréstimo ou mesmo ler na biblioteca, sempre atentando para a escolha de livros de autores reconhecidos no cenário literário.

O perfil em rede social se refere à criação de um espaço de compartilhamento de informações literárias e tudo o que envolver a biblioteca da escola, o que deverá ser feito por

meio do *Instagram*. A finalidade da ação é proporcionar a aproximação/contato da escola com ilustradores, escritores, museus, páginas e eventos referentes à literatura e outros movimentos em torno da leitura.

O Vídeo de Autores trata-se de vídeos produzidos pelos autores de livros infantojuvenis divulgando suas obras de forma direcionada aos alunos da Escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá. Essa atividade é uma tentativa de aproximar os estudantes dos autores, visto que nos encontramos em lugares distantes dos centros urbanos irradiadores de cultura, nos quais estas pessoas se encontram e sendo, também, financeiramente muito dispendioso trazer autores para visitar a escola. Os vídeos serão obtidos por meio das redes sociais.

Formação sobre leitura e biblioteca refere-se a diálogos e práticas sobre as temáticas. A ação será realizada na escola com todos as categorias profissionais do corpo escolar, incluindo os profissionais das escolas integrantes.

O Sarau da Escola será uma oportunidade para os estudantes mostrarem seus talentos quanto às manifestações literárias para toda a escola e demais comunitários de comunidades vizinhas. As sugestões de atividades são leitura, declamação, recitação, música, dança, teatro e demais apresentações que a escola optar por apresentar. O Sarau é o momento de socialização das atividades para que todos os estudantes, famílias e funcionários prestigiem as produções realizadas.

Rodas de leitura trata-se de ações em torno da leitura literária infantojuvenil como forma de aproximar os estudantes da leitura, de permitir-lhes conhecer obras que compõe o acervo da biblioteca, abrindo espaço de fala para diálogos sobre as obras e sobre o mundo. Ações que podem ocorrer de forma pontual ou cotidianamente.

Sarau da Biblioteca ocorrerá como forma de socializar os trabalhos realizados pela escola/biblioteca a partir de uma temática escolhida em conjunto e que poderá ser visto não somente pela comunidade escolar, mas por outras pessoas de comunidades e escolas vizinhas. Oportunidade de instigar os estudantes a produzirem textos escritos como poemas, contos, paródias, a fazerem leituras públicas, produções visuais como ilustrações, músicas, danças, mostras teatrais, caracterizações de personagens literárias e outros.

Encontro com o Escritor é uma forma de mostrar à escola que tem uma pessoa por traz dos livros, que ela pode estar perto de cada um de nós, apesar das dificuldades para fazê-los chegar até nossos espaços. Daremos preferência a autores regionais ou locais que produzam literatura infantojuvenil.

Encontro com o Escritor																	
-------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ATIVIDADES	2024			
	Jan	Fev	Mar	Abr
Fundamentação para o Projeto de Intervenção				
Elaboração do Projeto de Intervenção				
Apresentação do Projeto escrito na escola				
Busca dos livros na escola				
Orientações do funcionamento da biblioteca e classificação dos livros				
Organização de espaço para pôr os livros				
Catálogo dos livros	X	X	X	X
Organização da biblioteca				
Aplicação do Projeto de Intervenção	X	X	X	X
Formação sobre leitura e biblioteca				
Inauguração da biblioteca				
Caixa de Leitura Literária	X	X	X	X
Hora da Leitura	X	X	X	X
Empréstimo de livros	X	X	X	X
Espaço de Sugestão Literária				
Sarau anual da escola				
Página da biblioteca em rede social	X	X	X	X
Rodas de leitura				X
Sarau Literário da Biblioteca				X
Encontro com o Escritor				X

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andria Arcanjo da Silva; COUTO, Sandra Helena Melgaço. **Criando um espaço para promover a formação dos leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 KM 11.** Trabalho de Conclusão de Curso. UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

BRASIL, Lei N° 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso:** Leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura** - biblioteca e formação. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. (recurso eletrônico).

CARVALHO, Alzenora Ferreira; GARCIA, Jonadabe de Araújo. **Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves:** formando leitores na várzea. Trabalho de Conclusão de Curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

GIROTTI, Cyntia Graziela Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. **Estratégia leitura:** Para ensinar alunos a compreender o que leem. *In:* SOUZA, Renata Junqueira de [et al] (Orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

FARIAS, Rosilene de Araújo. **O protagonismo da biblioteca escolar:** ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da cultura letrada. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2019.

MESQUITA, Alessandra Maria de. **Leitura e biblioteca escolar:** uma proposta de levar a ler em “lugares distantes”. 2019. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2019.

OLIVEIRA, Luana Cardoso. **Leitura e formação:** contribuições da biblioteca no rio Arapiuns. Dissertação Mestrado em Educação – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2020.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade:** relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará. Tese Doutorado em Educação. FE– Unicamp. Campinas, 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 9ª edição – Campinas. São Paulo: Papyrus, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler.** 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998. Tradução: Cláudia Schiling.

VASCONCELOS, Raimundo Edivandro Alves de. **Para além do espaço de leitura:** criação e reflexão das possibilidades de ler literatura em uma escola rural do município de Monte

Alegre. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Profletras – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2018.

APÊNDICE C – INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

ROTEIRO PARA DESCREVER AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA COMUNIDADE ESCOLAR NA BIBLIOTECA

1. Todos os professores utilizam a biblioteca?
2. Quais os demais funcionários que frequentam a biblioteca?
3. O que fazem? Com que frequência realizam a visita? Qual seção mais gostam?
4. Os pais utilizam a biblioteca? O que fazem? Com que frequência realizam a visita? Que seção mais gostam?
5. Quem são as pessoas que participam da elaboração dos projetos de leitura?
6. Há outras categorias da comunidade escolar que utilizam a biblioteca? Quais? Como usam? A escola permite?
7. Além de professores e de alunos há outras categorias envolvidas nos projetos de leitura da escola? Como?
8. A comunidade escolar como um todo participou do processo de criação da biblioteca? De que maneira?

ROTEIRO PARA DESCRIÇÃO DA VIVÊNCIA DA ESCOLA A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

1. Quem foi/foram a(s) pessoa (s) que a escola disponibilizou para ficar na biblioteca?
Qual a formação da pessoa?
2. Qual horário de funcionamento, pessoas que frequentam, dias que são mais frequentados, políticas de empréstimo?
3. Qual a estrutura da biblioteca, divisão dos espaços, arquitetura, acervo, seções mais frequentadas, seções não utilizadas?
4. O tamanho da biblioteca? Serviços disponíveis? Quantidade de títulos? O que ela oferece?
5. Os professores utilizam a biblioteca? Quantos? Quais? Como? O que fazem? Com quem fazem? Parecem felizes? Animados? Estão abertos? Qual o nível de autonomia?
6. Tem rotatividade? Quem frequenta a biblioteca? As pessoas estão à vontade? As pessoas leem lá ou só retiram livro? O que buscam?
7. Quem o espaço atinge?
8. Quais problemas do espaço da biblioteca?
9. Quais dificuldades?
10. O que precisa ser melhorado?

ROTEIRO PARA DESCREVER A VIVÊNCIA NA BIBLIOTECA

1. Verificar se a escola tem projeto de leitura. Se não tiver, descrever se vai elaborar, como ocorrerá a elaboração. Indicar: quando será realizada, quem vai participar da elaboração, como as informações serão sistematizadas, que ações constituirão o projeto.
2. Descrever as concepções de homem, mundo, sociedade, cultura, educação, escola, leitura, aprendizagem.
3. Descrever as ações propostas quanto à leitura no espaço da biblioteca.
4. Descrição da organização da biblioteca (fotografias mostrando a forma de organização, posição do mobiliário)
5. Conforto (descrição da temperatura, ventilação, iluminação, adequação da biblioteca à quantidade de alunos que frequentam o espaço e para as atividades desenvolvidas com as turmas no espaço).
6. Os professores usam o espaço? Para quê? Como? Quais professores usam?
7. Mobiliário (quantidade dos móveis; adequação ao tamanho dos alunos e ao tipo de atividades propostas na biblioteca);
8. Conservação e limpeza (situação de manutenção do espaço)
9. O conhecimento é trabalhado na escola por atividades, de forma globalizada, ou por meio de disciplinas, de modo fragmentado?
10. Materiais didáticos disponíveis na sala (cartazes, livros, revistas, mapas...).
11. Organização do tempo (como é a rotina do espaço de leitura, como os professores dividem o tempo para as atividades, quando fica disponível para visita e retirada de livros).
12. Atividades desenvolvidas na biblioteca (tipos de atividades, frequência com que são desenvolvidas);
13. Participação dos alunos na decisão das atividades. As atividades são definidas apenas pelos professores ou há participação e possibilidade de escolha dos alunos?
14. Normas do espaço e suas definições. Há combinados? Como as regras de convívio e comportamento são definidas? De forma hierárquica ou combinada com os alunos?
15. A relação aluno-aluno é de competição, concorrência, troca, cooperação, solidariedade?
16. A relação professor- aluno é de troca, respeito, autoritarismo?

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR

1. Localização da escola;
2. Público que atende;
3. Estrutura das turmas (número de alunos, adequação da sala de aula ao número de alunos);
4. Estrutura do prédio;
5. Se tem sala destinada à biblioteca;
6. Acervo que a escola detém, onde está, é usado, como?
7. Funcionamento da escola;
8. Recursos (projektor de imagem, mapas, aparelhos de TV, vídeos, computadores, entre outros);
9. Projeto Político Pedagógico da escola (PPP);
10. Conselho de classe e reuniões pedagógicas;
11. Projetos desenvolvidos pela escola no decorrer do ano;
12. Atividades de leitura desenvolvidas na escola.

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

1. Funcionário responsável pelo espaço de leitura. Onde estava antes. Ele lê? Que tipo de livros?
2. Atividades que desenvolve no espaço diariamente.
3. Como é um dia normal no espaço (desde o momento que abre até fechar);
4. Quem são os frequentadores? Público atendido / Faixas etárias / Escolaridade / Interesses e solicitações / Atividades mais frequentadas / Atividades menos frequentadas;
5. Foi providenciado regulamento para o espaço? Quem fez? Como?
6. Como é feita a retirada e devolução de livros?
7. A consulta do acervo é franqueada a todos os interessados? Quem pode usar a biblioteca?
8. Como é o atendimento da biblioteca em relação aos acervos?
9. Os professores desenvolvem na biblioteca atividades de leitura com os alunos?
10. Dificuldades e satisfações no uso da biblioteca.
11. Como a biblioteca interfere efetivamente na vida da escola (estrutura, organização, relacionamento).

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada “BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER”. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Renilza Fonseca da Paixão pelo telefone (93) 991346558 ou por e-mail renilzapaixao@hotmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste do Pará (situado na Rua Vera Paz, s/nº, Unidade Tapajós, sala 05, CEP 68040-255, Santarém, Pará) pelo telefone: (93) 2101-4926 ou pelo email: cep@ufopa.edu.br.

1. Justificativa, os objetivos e procedimentos

A presente pesquisa tem como tema: “Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer” e está vinculada ao Profletras/Ufopa e ao Lelit/Ufopa, segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor.

A pesquisa é de responsabilidade da mestrandia Renilza Fonseca da Paixão, sob a orientação do Prof. Dr. Zair Henrique Santos, vinculada à Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Mestrado Profissional em Letras – Profletras.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de contribuir para a formação de leitores literários por meio de obras diversas. A finalidade é fazer um acompanhamento pedagógico

por meio de ações de leitura que é base para a elaboração da proposta de intervenção que será desenvolvida e aplicada com os alunos do ensino fundamental, no período de três meses, e, assim, entendermos os desafios de implantação de bibliotecas, que não ocorre somente na comunidade do Curicaca, mas desafios que se repetem em outros lugares já pesquisados, partindo desse pressuposto pretende-se compreender como a educação está atrelada à biblioteca, no sentido de formar leitores, criar lideranças locais para que o trabalho seja contínuo e participativo.

A metodologia adotada consiste em pesquisa-ação com a criação de um lugar de ler como meio de irradiar a leitura na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Dulcinéia Campos dos Santos Sá, Alenquer-PA.

O objetivo desse projeto é investigar as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural no interior da Amazônia por meio da criação de uma biblioteca na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dulcinéia Campos dos Santos Sá, que oferece ações de ler de forma coletiva e participativa na perspectiva omnilateral.

Para a coleta de dados será utilizada a pesquisa-ação, por meio da intervenção, diante disso algumas atividades serão desenvolvidas, dentre elas: palestras sobre leitura com escola e a comunidade, rodas de conversas e de leitura, contação e narração de histórias, criação de um clube de leitura da escola/comunidade, sarau literário da biblioteca, campanha de arrecadação de livros na comunidade para aumento do acervo da biblioteca, criação de uma página no *Instagram* da biblioteca; as atividades serão gravadas e registradas no diário de campo das atividades desenvolvidas na escola voltadas para a leitura. Por fim, analisarei os registros realizados no decorrer das ações por meio do roteiro das rodas de conversas, fotografias e pelas gravações.

Durante o trabalho de campo, as ações ocorrerão por etapas, constituindo-se da seguinte forma: primeiramente será o processo de seleção dos alunos, delimitando apenas os que irão participar da pesquisa, ou seja, será o trabalho de inclusão e exclusão, já com o público-alvo determinado será feito a leitura, orientação e assinatura do consentimento e assentimento dos participantes. Após esse processo serão analisados os dados da pesquisa, com estudos e escrita da dissertação e finalmente a defesa da dissertação.

2. **Desconfortos, riscos e benefícios**

Para os participantes da pesquisa existe um desconforto relacionado ao cansaço durante as atividades, que pode acontecer, se isso ocorrer, o(s) participante(s) terá total direito de se retirar das rodas de conversas, de leituras, podendo participar em outro momento, desde que se sinta confortável e seguro. Para evitar possíveis cansaços por parte dos pesquisados as rodas de conversas não serão longas/demoradas, possibilitando assim livre participação para que eles não fiquem apenas como ouvintes e sim contribuindo com suas intervenções, o espaço será escolhido de forma a deixá-los confortáveis e seguros, cuidando da ambientação para as crianças e para os adultos, assim, considerar o conhecimento prévio deles possibilitará construir uma boa relação com os envolvidos. E os riscos inerentes a você, participante, poderão ocorrer por meio da perda das gravações e fotografias registradas durante as atividades, ou seja, dos dados produzidos. No entanto, para evitar esses possíveis riscos, comprometo-me em assinar o Termo de Compromisso de Utilização dos Dados – TCDU.

Todos os documentos referentes a pesquisa serão guardados em um armário com chave na escola Dulcinéia Campos dos Santos Sá, para que somente os responsáveis pela pesquisa tenham acesso, assim evitando que terceiros possam ter contato com o material coletado. Serão guardados por cinco anos, período para análise e reflexão, posteriormente serão incinerados.

Entre os benefícios deste estudo estão a ampliação do repertório cultural dos alunos, irradiação da cultura letrada, formação de leitores, facilitar o acesso à literatura e disponibilizar um espaço de leitura na escola, para que a partir disso a leitura se fortaleça dentro no ambiente escolar, colaborando com a formação humana, beneficiando as pessoas do lugar, possibilitando o acesso aos bens materiais da cultura letrada, e através do conhecimento adquirido, as informações sejam ampliadas, pois os alunos, funcionários e comunitários estarão diante de muitas possibilidades de ampliar conhecimentos, ou seja, novas informações por meio dos livros, com isso podem vir a se transformar, tendo um novo olhar sobre o mundo, observando a realidade de forma a intervir sobre ela, assim como poderão refletir sobre a própria existência na sociedade e aos professores também refletirem sobre suas práticas pedagógicas.

Para além disso, os moradores e estudantes terão acesso aos resultados da pesquisa para que juntos possam refletir sobre os aspectos encontrados, assim melhorando as práticas leitoras da comunidade.

3. Forma de acompanhamento e assistência:

Aos participantes será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso você apresente algum problema será encaminhado para tratamento adequado da seguinte maneira, será encaminhado para o especialista da área de acordo com a situação apresentada, sem ter custo de despesas, será também garantido o transporte para fazer a locomoção do participante, o pesquisador também se comprometerá em prestar todo suporte e acompanhamento no decorrer do processo.

4. Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

5. Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. No entanto, se ocorrer alguma despesa durante a pesquisa, com alimentação, material pedagógico, combustível e transporte, você será ressarcido financeiramente de acordo com os gastos reais calculado pelo participante. Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, os pesquisadores garantem indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo.

Para participantes menores de 18 anos (crianças e adolescentes) ou pessoas com transtorno ou doença mental ou em situação de substancial diminuição em sua capacidade de decisão

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ CPF _____, responsável legal pelo (a) _____ autorizo sua participação voluntária, incluindo a gravação da pesquisa e o uso no estudo intitulado “BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER”, desde que o (a) mesmo (a) aceite de forma livre e espontânea, e que possa se retirar a qualquer momento.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar desta pesquisa acima descrita.

_____, de _____ de 20__

Assinatura do participante (quando possível)

Assinatura do responsável legal

Denilza Fonseca da Paixão

Assinatura do responsável pela pesquisa

Para participantes maiores de 18 anos:

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar da pesquisa, incluindo a gravação da pesquisa e o uso no estudo intitulado “BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER”, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, de _____ de 20__

Renilza Fonseca da Paixão

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ autorizo a captação e divulgação da minha imagem e vídeo no estudo intitulado “BIBLIOTECA ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM LUGAR DE LER E AS REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DE LEVAR A LER EM UMA COMUNIDADE RURAL DO MUNICÍPIO DE ALENQUER”, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, de _____ de 20__

Renilza Fonseca da Paixão

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

APÊNDICE E – TERMO DE ANUÊNCIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE
ALENQUER

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SEMED)

TERMO DE ANUÊNCIA

A Secretaria Municipal de Educação de Alenquer está de acordo com a execução do Projeto de Pesquisa intitulado “**Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer**”, desenvolvido pela pesquisadora Renilza Fonseca da Paixão em conjunto com o orientador Professor Dr. Zair Henrique Santos, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Secretaria Municipal de Educação de Alenquer assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados e execução das atividades relacionadas ao Espaço e leitura na escola durante os meses de janeiro de 2023 a janeiro de 2024.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente Projeto de Pesquisa e requeremos o compromisso do pesquisador responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

Maria Joana Rodrigues de Sousa
Secretária Municipal de Educação
Decreto nº 285/2021

Alenquer-PA, 16 de janeiro de 2023

APÊNDICE F – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA

 ESTADO DO PARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE ALENQUER
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SEMED)
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL
DULCINÉIA CAMPOS DOS SANTOS SÁ - POLO-CURICACA
CÓD. INEP: 15577848

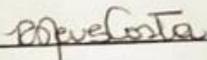
 SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ALENQUER

DECLARAÇÃO

Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dulcinéia Campos dos Santos Sá
Resolução/Autorização nº 11/2021
COMEA – Alenquer – Pará

Eu, Ruynery Neves da Costa, na qualidade de Diretor da Escola M.E.I.F. Dulcinéia Campos dos Santos Sá, autorizo a realização da pesquisa e intervenção intitulada **“Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer”** a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora Professora Renilza Fonseca da Paixão, e declaro que, esta instituição apresenta infraestrutura necessária a realização da referida pesquisa.

Alenquer – Pará, 16 de janeiro de 2023



Ruynery Neves da Costa
Diretor Escolar
Decreto nº 136/2021

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
OESTE DO PARÁ - CEP -
UFOPA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer.

Pesquisador: Renilza Fonseca da Paixao

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 74277923.9.0000.0171

Instituição Proponente: Universidade Federal do Oeste do Pará

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.606.265

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa tem como tema Biblioteca escolar: criação de um lugar de ler e as reflexões sobre as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural do município de Alenquer e está vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras –Profletras, ao Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e juvenil na Escola – Lelit, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa – e segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor.

O objetivo deste é investigar as possibilidades e os limites de levar a ler em uma comunidade rural no interior da Amazônia por meio da criação de uma biblioteca na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dulcinéia Campos dos Santos Sá, que oferte ações de ler de forma coletiva e participativa na perspectiva omnilateral. Tem-se como metodologia de investigação a pesquisa-ação, em que os agentes da pesquisa estão em parceria constante, para que se institua a biblioteca na escola e se desenvolvam ações leitoras.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Investigar transformações culturais resultantes da criação da biblioteca escolar como espaço de desenvolvimento de ações coletivas de ler em uma escola de comunidade rural.

Endereço: Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 53

Bairro: Salé

CEP: 68.040-255

UF: PA

Município: SANTAREM

Telefone: (93)2101-4966

E-mail: cep@ufopa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
OESTE DO PARÁ - CEP -
UFOPA



Continuação do Parecer: 6.606.265

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Debater o acesso à leitura como direito do cidadão de ler e construir conhecimento;
- Analisar possibilidades e limites de levar a ler em uma escola de comunidade rural do interior da Amazônia;
- Entender que é "levar a ler" em "lugares distantes" a partir do escrutínio da realidade de uma comunidade escolar rural do município de Alenquer;
- Verificar as mudanças advindas da biblioteca escolar e das ações de ler na escola e na comunidade Curicaca.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora descreve, quanto aos riscos, o constrangimento, o medo ou o desconforto que qualquer aluno possa vir a sentir ao se expor mediante aos questionamentos, para tanto, assegura-se ao entrevistado que não haverá qualquer forma de identificação dele ou qualquer outro tipo de exposição. Os dados coletados serão exclusivamente de uso da pesquisa. Outro risco que poderá ocorrer, trata-se da possibilidade de contágio pelo COVID-19, porém, esse risco será minimizado, em virtude de a escola já possuir um sistema de prevenção de uso de máscaras, pias com água para higienização das mãos e a disponibilização de álcool gel.

A pesquisadora compromete-se em assumir a responsabilidade de dar assistência integral e indenização aos sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação.

Quanto aos benefícios, a pesquisa, de antemão, possui benefício direto que é a construção coletiva do espaço de leitura, e benefícios indiretos, pois permitirá discussões sobre a temática, além de ampliação do repertório cultural da cultura escrita por meio de acesso às leituras, principalmente a literária, podendo a instituição onde ocorrerá a pesquisa se valer não só do espaço físico, mas dos dados apresentados para possíveis soluções, e aplicação da proposta de intervenção nas escolas integrantes.

A pesquisa apresenta critérios de inclusão e exclusão.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta relevância social, acadêmica e científica. E a pesquisadora destaca a criação

Endereço: Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 53
 Bairro: Salé CEP: 68.040-255
 UF: PA Município: SANTAREM
 Telefone: (93)2101-4966 E-mail: cep@ufopa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
OESTE DO PARÁ - CEP -
UFOPA



Continuação do Parecer: 6.606.265

de relação da comunidade escolar no desenvolvimento da pesquisa para que possam desenvolver as ações de ler, o que nos permitirá avaliar os pontos positivos e desafiadores das práticas, levando à reflexão das mudanças, como têm ocorrido e o que precisa ser melhorado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Projeto detalhado,
Informações básicas do projeto,
Termos de anuência da instituição,
TALE,
TCLE,
Folha de rosto,
Cronograma,
Orçamento financeiro,
Declaração de não iniciação da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora atendeu a todas as solicitações deste CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2212126.pdf	19/12/2023 12:26:34		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	19/12/2023 12:25:53	Renilza Fonseca da Paixao	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	19/12/2023 12:25:39	Renilza Fonseca da Paixao	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	19/12/2023 12:25:12	Renilza Fonseca da Paixao	Aceito
Outros	DECLARARA_N_PESQUISA.pdf	13/09/2023 12:46:12	Renilza Fonseca da Paixao	Aceito
Outros	Cartadeaceitedoproorientador.pdf	13/09/2023 12:45:22	Renilza Fonseca da Paixao	Aceito

Endereço: Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 53

Bairro: Salé

CEP: 68.040-255

UF: PA

Município: SANTAREM

Telefone: (93)2101-4966

E-mail: cep@ufopa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
OESTE DO PARÁ - CEP -
UFOPA



Continuação do Parecer: 6.606.265

Outros	CartadeaceitedaEscola.pdf	13/09/2023 12:44:41	Renilza Fonseca da Paixao	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	13/09/2023 12:32:38	Renilza Fonseca da Paixao	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTAREM, 04 de Janeiro de 2024

Assinado por:
Flavia Garcez da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 53

Bairro: Salé

CEP: 68.040-255

UF: PA

Município: SANTAREM

Telefone: (93)2101-4966

E-mail: cep@ufopa.edu.br